

COMPRAR - ABR. 1940

SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 44 - Fevereiro

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as hexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: **CARLOS MONIZ TAVARES**

Endereço telegraphico: **Vaccina**

Numero telephonic: **548**

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas	500 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vacinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vacinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista	2\$000 »

Preços especiaes para vacinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa** e **Brazil**, acondicionamento especial de fôrma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Summario

MAGAZINE

	PAG.
ARTHUR LOUREIRO NO SEU ATELIER (<i>Frontispicio</i>)	86
O CARNAVAL (<i>3 illustrações</i>).....	87
MANHÃ (<i>Versos</i>) de ODUVALDO VIANNA	90
NOSSA SENHORA DO MONTE (<i>13 illustrações</i>) por J. REIS GOMES.....	91
LAÇOS PARTIDOS (<i>Versos</i>) por CELESTINO SOAREE.....	102
ARTHUR LOUREIRO (<i>6 illustrações</i>) por PAULO OSORIO	103
RECUERDO (<i>Versos</i>) por JULIO SEABRA	107
PARIS AO ESPELHO PORTUGUEZ (<i>10 illustrações</i>) por AQUILINO RIBEIRO	108
OS BASTIDORES DO NIHILISMO (<i>1 illustração e 1 vinheta</i>) traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA.....	117
CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR (<i>3 illustrações e 1 vinheta</i>) por M. A.	124
PORCA DE MURÇA Photographia de ANTONIO MANOEL LOPES	128
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL (<i>4 illustrações e 1 vinheta</i>) por ALBRECHT HAUPT.....	120
A ARCA DE NOÉ (<i>1 illustração e 2 vinhetas</i>) por MARK TWAIN.....	133
A FEIRA DA LADRA (<i>10 illustrações</i>) por MANOEL COSTA.....	136
O TOUCADOR FEMININO HA DOIS MIL ANNOS (<i>11 illustrações e 1 vinheta</i>)	143
ALTIVEZ (<i>Versos</i>) por AMERICO JOSÉ RODRIGUES	147
SERÕES DOS BÉBÉS — O PINHEIRO MAGICO (<i>4 illustrações</i>).....	148
ACTUALIDADES	
GRANDES TOPICOS (<i>5 illustrações</i>)	154
REVISTA ESTRANGEIRA (<i>7 illustrações</i>)	157
RESENHA MUNDIAL (<i>20 illustrações</i>).....	159

A MUSICA DOS SEROES

LONGE, BEM LONGE..., por AUGUSTO MACHADO

4 paginas

A

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone **805**

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{ Anno	2\$200 réis
	{ Semestre	1\$200 »
	{ Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	- Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone **805**

LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 7.º volume da 2.ª serie.

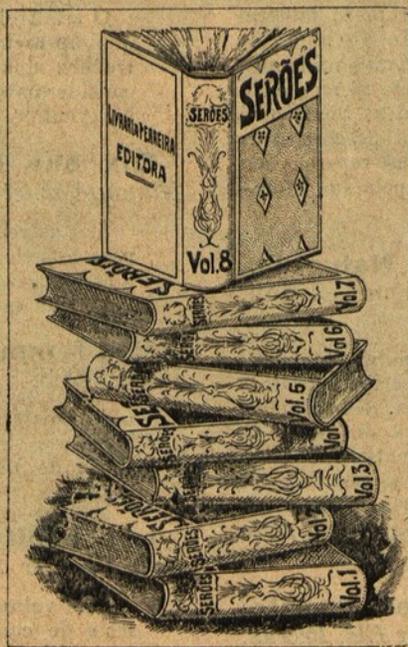
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porté do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

SETE VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA

Revista bibliographica universal

Petit manuel de l'amateur de livres, par *Albert Cim*. Paris, 1908.

Este pequeno livro de vulgarisação, é dividido nos seis seguintes capitulos: — o Papel, o Formato, a Impressão, a Encadernação, Bibliothecas e tratamento dos livros, classificação bibliographica.

Esquisses et Souvenirs, par *Jéan Moréas*. Paris, 1908.

Este volume contém diversos escriptos em prosa, do poeta que teve, ha annos, uma hora de tão apaixonada discussão, taes como: Paysagens e Sentimentos, Viagem na Grecia. Roman-ticos, 1898-1902, Maurice Varrès e a Attica.

La conquête minérale, par *L. de Lau-nay*. Paris, 1908. (Da Bibliothèque de philosophie scientifique).

O programma d'este trabalho, pleno de factos e de idéas, foi o de realizar o estudo industrial, economico, social e politico da riqueza mineral na historia, e fazer a descripção do modo de extracção e de emprego dos diversos mineraes, mostrando a evolução occorrida não só na concepção da sua propriedade e nas idéas relativas á sua valorisação, como nos seus processos de descoberta e de exploração e nas repercussões de todo o genero determinadas pela sua industria.

Curiosités de l'Histoire Naturelle, par *Henry de Varigny*. Quatrième edition. Paris, 1908.

Este volume empõe-se principalmente de extractos das obras de sabios e escriptores illustres, que se occuparam das plantas, dos animaes, do homem, da terra e do mundo, de fórma ao mesmo tempo instructiva e recreativa. O facto de n'um curto espaço de annos esta selecta scientifica ter attingido a sua quarta edição e substitue, evidentemente, o maior elogio que poderia fazer-se-lhe.

Les croyances populaires. Première série: La survie des ombres, par *Elé. Reclus*. Paris, 1908.

Este volume contém algumas das lições feitas na Universidade de Bruxellas, publicadas depois da sua morte por Paul Reclus e Maurice Hermes, auctor do interessante prefacio que os precede. O malgrado sabio demonstra o lugar importante que a religião occupa nas civilizações primitivas e acompanha a evolução, no decurso do progresso geral, das crenças e praticas magico-religiosas.

Trois années de chasse au Mozambique, par *Guillaume Vasse*. Paris, 1908.

São historias de grandes proezas cynegeticas em Africa, e que para nós, reúnem ao interesse das narrativas do genero e ao encanto de uma illustração abundante, a curiosidade de terem como theatro de acção, as nossas colonias de Moçambique. Durante os seus tres annos de caçadas africanas, o auctor matou 498 mammiferos, 1559 aves e 49 reptis.

Le Miroir. Poèmes de *Gabriel Mourey*. Paris, 1908.

Collecção de poesias, impregnadas de uma acentuada feição pessoal, do talentoso traductor francez de Swinburne.

Poèmes, (*Aurore, La Caravane des Hénres, Angoisse, Visions, Dans la nuit, Sur la Colline*) par *Archag Tchobanian*. Préface de *Pierre Quillard*. Paris, 1908.

O sr. Archag Tchobanian é um poeta armenio, que apresenta n'este livro uma traducção em francez dos seus poemas. O seu talento deve considerar-se consagrado pelo elogio que d'elle fez Anatole France.

Dix ans de coulisses, par *Madame Nancy Vernet*. Paris, 1908.

São as recordações e memorias das suas *tour-nées* artisticas realizadas em França e nas colonias francezas por esta actriz, que se revela tambem uma escriptora facil e espirituosa.

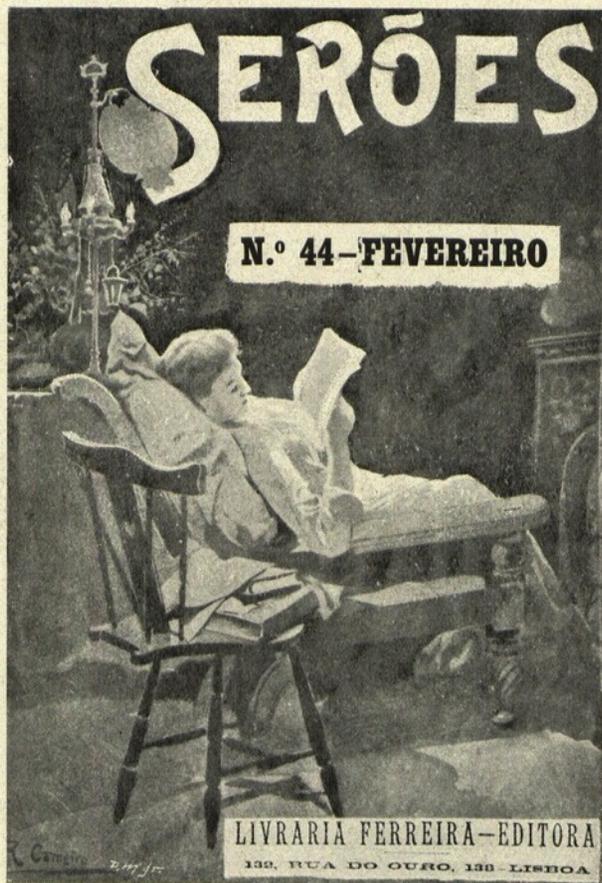
Nos femmes de lettres, par *Paul Flat*. Paris, 1908.

Artigos criticos sobre as escriptoras francezas Madames de Voailles, Lucie Delarne-Mardrus, Henri de Régnier, Marcelle Tinayre, Renée Vivix.

Les récits des temps révolutionnaires, par *Ernest Daudet*. Paris, 1908.

Este volume é constituído pela reunião de uma serie de capitulos interes-antissimos, que contém varias informações ineditas sobre a conspiração Coigny-Hyde de Neuville, sobre a morte de Pichegru, sobre o clero constitucional, sobre as relações do conde da Provença com Madame de Balli, sobre a correspondencia de Luiz XVIII e de Charette e sobre o captivo de Hoche na prisão des Carmes. Quem conhece, dos seus trabalhos anteriores, a delicada fórma litteraria e a requintada erudição historica de Ernest Daudet, pode facilmente avaliar o merito e o interesse d'este seu novo volume.

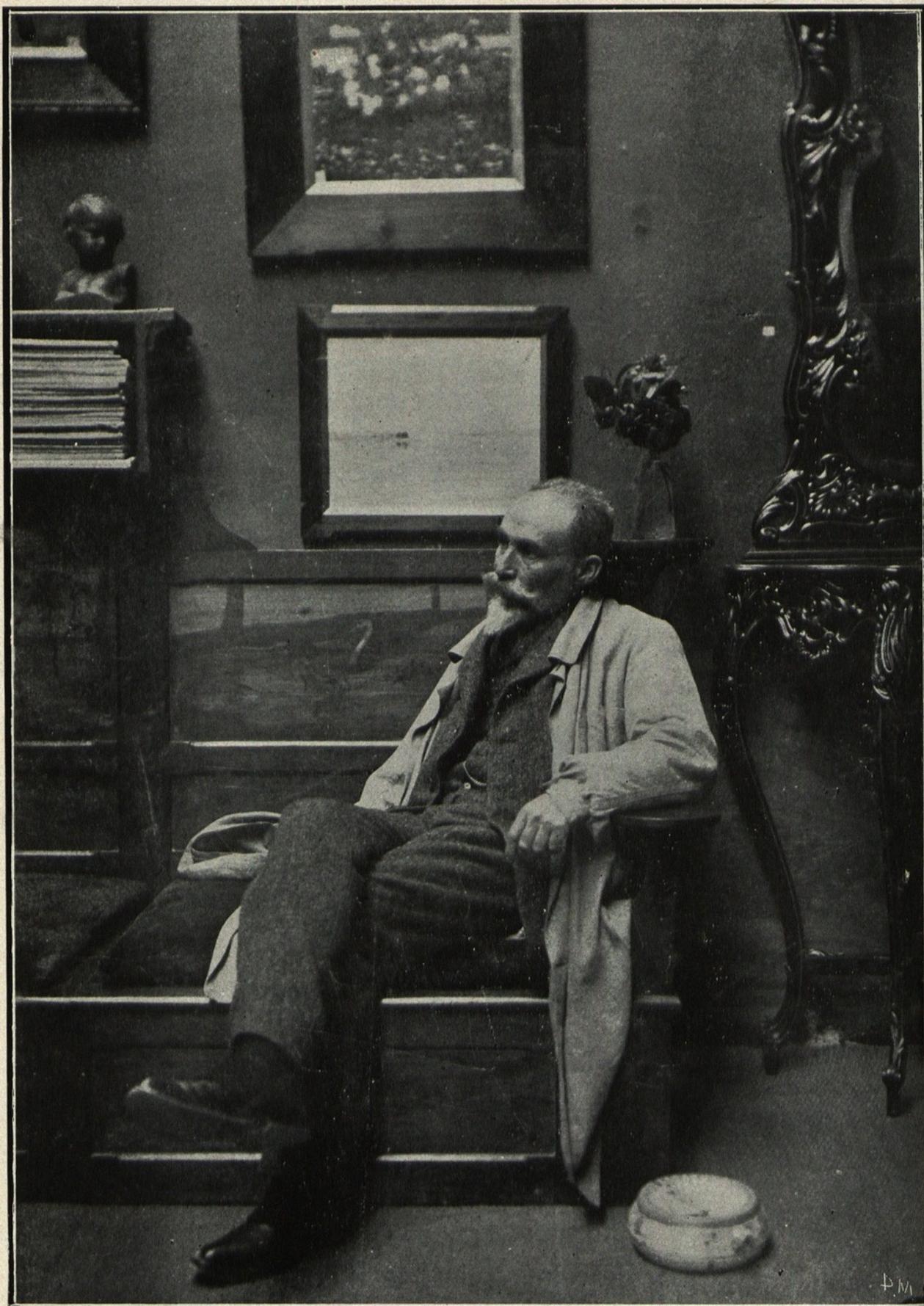
Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyés à la redaction des *SERÔES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication.



SERÕES

N.º 44 - FEVEREIRO

LIVRARIA FERREIRA - EDITORA
139, RUA DO OURO, 138 - LISBOA



Arthur Loureiro no seu atelier

(Veja-se o artigo *Arthur Loureiro*, a paginas 103)



A «PAVANA»

O Carnaval

NESTES ultimos annos tem soffrido entre nós uma completa modificação esta festa graciosa e alegre que de longo tempo todos os povos veem celebrando.

Em todo o homem existe uma necessidade de expansão; ceder a ella uma vez por anno não é muito.

No entanto nas sociedades modernas, tanto mais ficticias quanto mais cultas, estes regosijos vão perdendo o cunho de originalidade que cada povo lhe imprimia segundo os seus

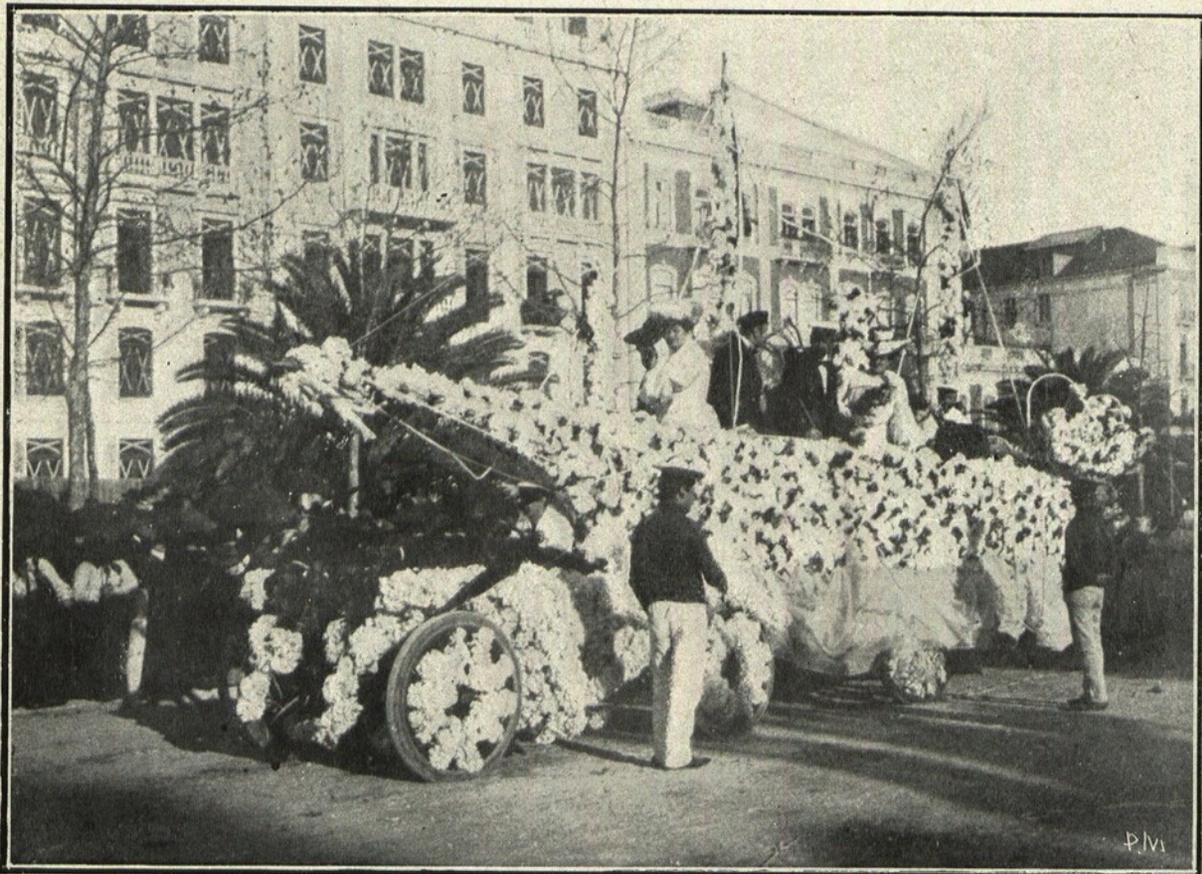
costumes, para se tornarem n'um festejo de convenção, banal e frio como tudo em que não ha enthusiasmo espontaneo. O entrudo portuguez era por certo um pouco brutal, mas era nosso; impetuoso, quente, e vivo como o sangue meridional.

Tanto bastava para agradar sobremaneira a quantos apreciam festas alegres. Hoje, que importaram o carnaval de Nice, que vestiram o nosso velho entrudo com as galas da palavra aguda, elle, perdendo a gravidade da palavra ganhou-a de facto na ac-

ção: o carnaval entre nós é triste, sensaborão, taciturno, comparado aos bellos dias da minha mocidade em que era genuinamente característico e folgasão, definindo e accentuando os nossos defeitos e qualidades. *O entrudo agonisa. Já não ha carnaval.* São phrases ditas com satisfação por

tempos actuaes, sem a hypocrisia e convencionalismo que a civilização moderna nos trouxe, estes festejos serviam de pretexto a banquetes musica e... licença.

Os gaulezes celebravam festas analogas, cuja principal era no solsticio de inverno a colheita do visgo, tão bej-



O CARRO DO SR. CONDE DE BURNAY NUM DOS ULTIMOS CARNAVAES

uns e repetidas com tristeza e saudade por outros. Comtudo nem agonisa nem acaba; modifica-se com o tempo.

Desde as mais remotas eras esta festa existia em todos os povos com varios nomes e sob varias fórmas.

Os Egypcios celebravam-nas em honra de Isis e do boi Apis; os hebreus tinham a festa das sortes; os gregos as bacchanaes, e os romanos as lupercaes e saturnaes. Como nos

la e immorredoiramente cantada no primeiro acto da *Norma*:

«Il sacro á emettera Norma verrà.»

Estes usos como era natural, fundiram-se depois da conquista romana com os usos e costumes dos vencedores.

Nunca a Igreja se achou com fôrça de lutar com estas por assim dizer necessarias alegrias de desafoço e acabou por as admittir e... praticar.

A época do Carnaval nos primeiros seculos do Christianismo era a mesma das festas pagãs, que começava em 25 de dezembro e durava até aos Reis, e durante ella se realisavam quatro grandes bailes nos templos, onde se commettiam as maiores e mais grosseiras profanações.

infeliz rei que n'um d'elles foi covardemente assassinado, estando mascarado de urso.

E' esta talvez a parte do antigo entrudo que subsistirá mais tempo por ser aquella que mais agrada.

Dão-se n'elles episodios interessantes e curiosos e, se d'ali sahem



UMA ESTUDANTINA

Antigamente, como hoje, houve uma deslocação ficticia de condições, uma egualdade supposta entre as varias camadas sociaes, que muito concorria, e concorre, para que esta festa seja entre todas mais apreciada pelas condições unicas, e situações verdadeiramente imprevistas que cria.

Os bailes de mascaras, ainda hoje tão queridos e apreciados do publico, tiveram a sua origem na côrte de Carlos VI de França, o insensato e

muitas vez questões e dissabores, não raros contos apimentados, aventuras graciosas e até ditos de espirito veem d'ali n'um ecco alegre até aos ouvidos das senhoras que nas suas salas os ouvem com prazer ou, quando mais entusiastas, apreciam d'um camarote o conjuncto do quadro.

O primeiro Conde das Antas, juntava a ser um esbelto e garboso militar um voluvel galanteador muito disputado pelo bello sexo.

Apaixouva-se louca e fogosamente, mas por pouco tempo; d'aqui chóros, recriminações e vinganças das suas abandonadas.

Tendo quebrado relações com uma formosa hespanhola, mulher que mais tempo conseguira prendê-lo, soube ella que, em seguimento d'outra, o conde iria a um baile sob discreto d'ominó preto. Louca de ciume, com inteiro conhecimento do character do homem que amava, resolveu impedir que elle se occupasse da rival.

Mandou fazer uma columna de papelão, fingindo pedra branca, e gravar-lhe a preto: *Cem leguas arredado de mim*. Foi para o baile e esperou. Logo que o infiel entrou collocou-se-lhe defronte.

O conde leu, franziu o sobrolho o passou, mas instantes depois lá estava de novo o pedestal defronte d'elle. Tantas vezes o caso se repetiu que o

conde furioso, — tinha um genio muito irascivel, — julgando ser um homem que assim o perseguia, arremetteu com elle.

O pedestal tombou, e um gentil d'ominó de setim azul sahiu da sala correndo. Cedendo a furia promptamente logar á curiosidade, foi o incansavel conquistador em sua perseguição, e n'essa noite foi vencido pela astucia da hespanhola, segundo depois contou. Victorias de mulheres em corações assim, são ephemerass.

Casos como este, que depois se contam rindo, fazem a delicia dos frequentadores de bailes publicos e, como já dissemos, será esta sem duvida dentro em pouco a unica recordação do entrudo que para muita gente, era, e é, uma festa alegre e atrahente, o breve desafogo do forçado convencionalismo d'um anno inteiro, com tanta coisa a apoquentar-nos.



MANHÃ

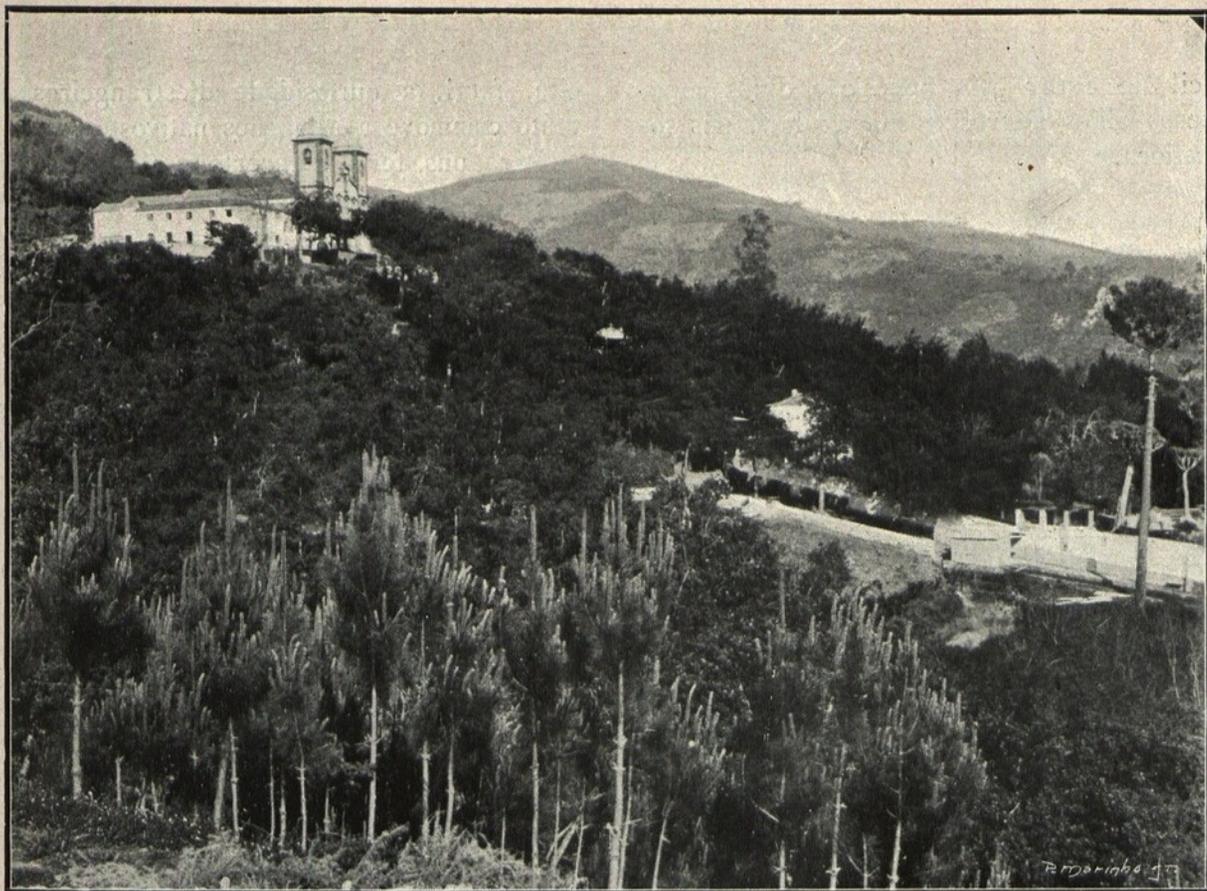
de Isidro Nunes

*Assoma o sol e morbido desata
Em catadupas d'oiro a luz radiosa;
O orvalho cae desabrochando a rosa,
Como um cordão de lagrimas de prata.*

*Como notas de uma harpa melodiosa,
Rolam cantando as aguas da cascata,
E chilreia, em harmonica sonáta,
A passarada estridula e formosa.*

*Além a fonte, qual prateada fita,
Deslisa e a viração seu canto aguça . . .
Longe, saltando, uma oraponga grita.*

*Um manto d'oiro a natureza embuça!
Em cada flôr uma illusão palpita,
Em cada fronde um coração soluça!*



A MATTA ADJACENTE A' EGREJA

Nossa Senhora do Monte



A PENAS se dobra o Garajau e se entra na bahia do Funchal, logo a nossa vista se eleva e se compraz na admiração das montanhas verdejantes que sóbem até ás nuvens, manchadas não

d'esse unico tom de bronze oxidado que define a vegetação dos tropicos, mas d'uma variedade de cambiantes que vae desde o tenro alegre dos pampanos até o verde escuro das mattas dos pinheiros. Mas não é esta, ainda a só tonalidade que affecta a nossa vista: as «quintas» e as «villas» armam o sopé das montanhas, e dos seus mirantes, debruçando-se dos altos muros gradeados, cahem ondas de lilazes, cata-

dupas de bouganvilias vermelhas e magentas, e correm, trepando pelas fraudes das arvores, as carriolas amarellas, escarlates a azues, matizando a paisagem, e formando como uma farta grinalda a envolver a cidade que se estende dolentemente, n'um emplo amphitheatro.

O fluxo vivaz da seiva excita a natureza a uma bachanal de côr que dura um anno inteiro; juntando-se-lhe os aromas que esse vida vegetal fortemente exhala, e a luz brilhante e tepida d'este clima dôce, logo comprehenderemos as explosões de lyrismo da que padecem as pobres toutinegras doidas, a gorgear nos ramos, e que atacam até as misses louras derivando-lhe a affecção minar do peito para um achaque cordeal, bem

facil de curar pela opposição d'uns impetu-
tosos olhos negros á sua azulada iris so-
nhadora.

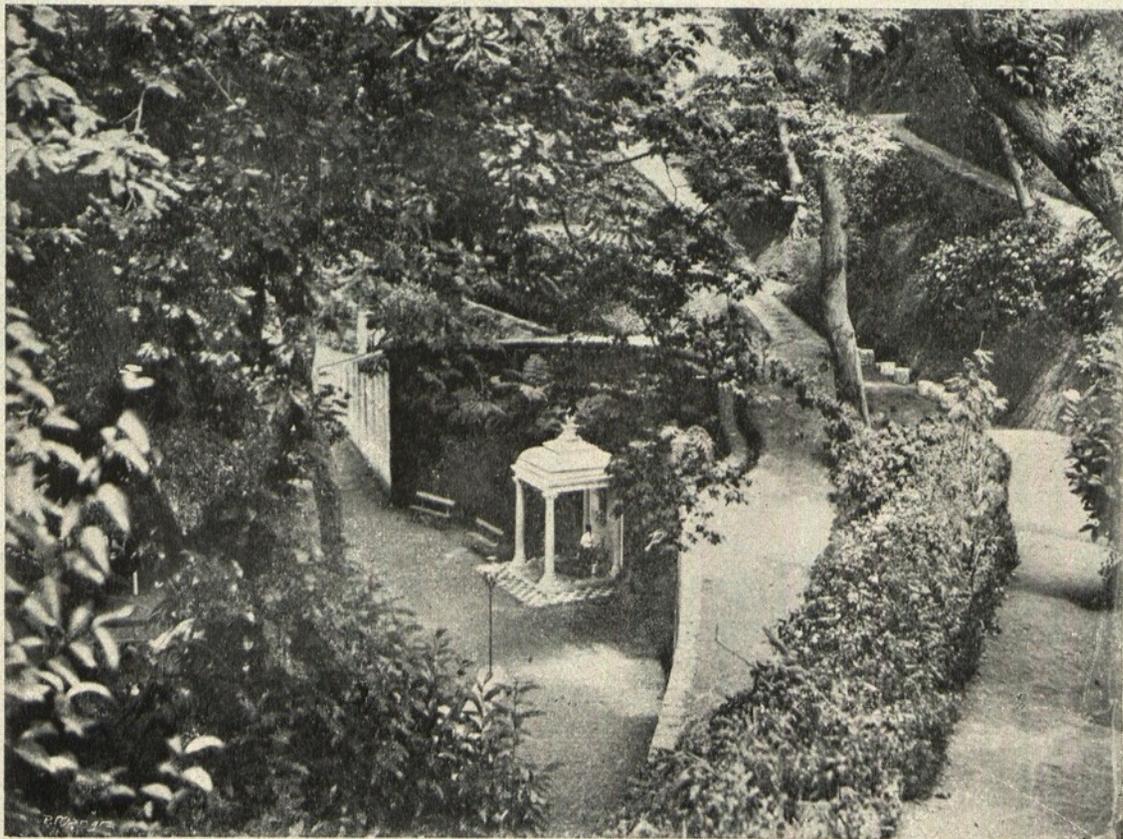
O paquete entra no porto. O olhar dos
passageiros passeando, extasiado, sobre a
polychromia da cidade vae-se levantando
até ás montanhas.

Invariavelmente, os que passam aqui pela
primeira vez, logo perguntam apontando

cita, fatal, a curiosidade d'estrangeiros, e
tanto commove a alma dos nativos...

Para uns, fere-os decerto, a rara situação
d'aquelles campanarios; para outros, para os
nossos, ha mais a visão poetica, a ingenua
e mystica suggestão da lenda da Senhora.

Deu-se o caso ahi pelos primeiros tempos
da colonisação da ilha. Zarco havia dado



SITIO DA FONTE, ONDE, SEGUNDO A LENDA, APARECEU A SENHORA

para duas torres que branquejam entre uma
floresta densa: — que é aquillo ali?

— Nossa Senhora do Monte, — solícito
responde um brasileiro, se o vapor é do
Pará; — «The Mount Church» — affirma,
solemne, um inglez, com o dedo sobre um
guia, se o paquete é da Royal Mail ou da
Companhia do Cabo. E, logo, os que co-
nhecem o local contam, alegres, os episodios
da sua ultima excursão até lá acima, o
golpe de vista pittoresco, e o encanto da
descida nos caracteristicos e rapidos trenós.

Ha alguma cousa de particular e attra-
hente n'aquella construcção vulgar que ex-

aquellas terras, distantes cinco kilometros
da villa do Funchal, ao nobre Gonçalo
Ayres que as mandára arrotear, ordenando-
lhes differentes plantios.

Um dos colonos tinha uma fill.a, um anjo
de doçura e de bondade, muito nova, mas
tão prudente e atilada quanto obediente ao
pae e temente a Deus. Era orphã de mãe,
esta pequena.

Uma vez, a creança chegou á cabana
paterna com os olhos radiantes d'uma forte
e intima alegria: tinha-a acariciado e bei-
jado, além, n'aquella parte em que as ro-
chas dão abrigo contra a chuva e contra o

sol, uma linda Senhora, tão formosa como meiga, vestida de ricas sedas e offuscantes pedrarias. A sua mão de jaspe cofiara-lhe os louros caracoos que logo se tornaram luminosos; e a face rosada onde cariciosa-

Mas no dia seguinte voltava a pastorinha com os cabellos mais nimbaços de luz, trazendo ainda aos irmãos uns confeitos tão doces e aromaticos que ninguem poude dizer com que mel teriam sido fabricados,



INTERIOR DA EGREJA DO MONTE

mente passára essa mão patricia, ficára ressendendo a aromas penetrantes e extranhos.

Falara-lhe e promettera-lhe vir ali todos os dias para vél-a, a sós com ella, trazer-lhe bolos e beijal-a, como a mãe, outr'ora, lhe fazia. . . .

O colono não acreditou na pequena historia da creança e logo esqueceu a transformação que lhe notára.

nem que balsamos da terra lhes perfumaria a amendoa.

O caso era na verdade singular. O pae, intimamente perturbado, quiz acompanhar a pequena, o outro dia, no seu passeio habitual. Oh, pasmo! No local em que a bella dama vinha brincar e conversar com a filha, via-se uma imagem de Virgem que era, no dizer na creança, o retrato exacto da sua

doce amiga, com o mesmo manto branco recamado d'ouro e pedras preciosas, e na cabeça o mesmo diadema vibrando, tremulo, em crispções de luz.

Era o miagre. A imagem foi levada em charola para a capella do fidalgo, onde, por intercessão da pastora, sempre obrou prodigios nas attribuições e nos achaques; e, mais tarde, em 1470, foi ella occupar

cirios, pernas, braços, seios e cabeças de cera, quadros representando os perigos de que foram livres, piedosos documentos de tanta fé quanta dôr e amargura n'um momento conjuradas.



A ESCADARIA DA EGREJA

o altar-mór d'um templo para seu culto especialmente construido pelo filho mais velho do mesmo Gonçalo Ayres. Essa igreja é a que ainda hoje recebe as offerendas dos que se viram nas grandes afflicções do mundo e que á Virgem do Monte, imploraram a Graça d'uma cura, salvação d'um naufragio moral ou d'um terrivel temporal maritimo.

Sobem as amplas escadas os devotos, penitentes e romeiros, muitos, macerando os joelhos nas quinas do basalto, levando-lhe,

O arraial da Senhora do Monte que se realisa a 15 d'agosto, é de todos, na Madeira, o mais afamado, concorrido e pittoresco.

A estrada ingreme que conduz ao templo enche-se de romeiros, ziguezagueando descoordenados pelo vinho, e de tocadores fazendo, em descantes, successivas estações pelas portas das «vendas» ornadas de murta e loiro, d'onde sahem impregnando o ar, o caracteristico cheiro da noz moscada unida ao limão da «poncha» e o da moreia frita em mólho de vinagre e alhos.

Ha na tarde e noite da vespera em todo o caminho uma extraordinaria animação.

Sobre o empedramento do solo repenicam as ferraduras dos cavallos de aluguer, conduzindo caixeiros esturdios e pimões, e batem rytmados, os contos das hastes dos mais fervorosos caminheiros que fazem a jornada a direito, sem hesitações nem paragens, só com a ideia de mais cedo ajoe-

lhar ante a imagem d'aquella Virgem de tanta devoção (1). No ar, cruzam-se os guinchos das rabecas de pinho, polidas côr de sangue, o ramalhar das violas e «rajões», o estalar secco e pesado das castanholas de

(1) N'esta altura accomodámos a esta descripção o que ácerca da Romaria do Monte, haviamos já dito, sob uma forma menos abstracta, no nosso conto — Dois Irmãos — que faz parte do livro *Historias Simples*.

til, e os gritos mordentes dos camponios, descansando, ao labor nativo, o fim da phrase, na chamada constante pelos filhos e maridos que se apegam, birrentos, em longas teimas, a instar com outros pela ingestão de mais um copo. De quando em quando abrem-se alas aos gritos de — licença! — berrados pelos conductores dos carros do Monte que descem, deslisando velozmente sobre as pedras polidas de calçada. No chão, livre no meio, avança com vertiginosa rapidez um luminoso batedor: é o estirado reflexo da chamma da lanterna, passando fugitivamente na sombra do caminho como um meteoro fugaz e singular.

Eramos ainda rapazolas, quando, n'uma d'estas vesperas do Monte seguindo um grupo deromeiros, podémos assistir a um d'esses desafios rimados que teem em cada freguezia certos e verdadeiros campeões. N'este dia, fulgâ-

mos, as trovas tiveram o poder d'iniciar um idyllio que deve ter dado em casamento...

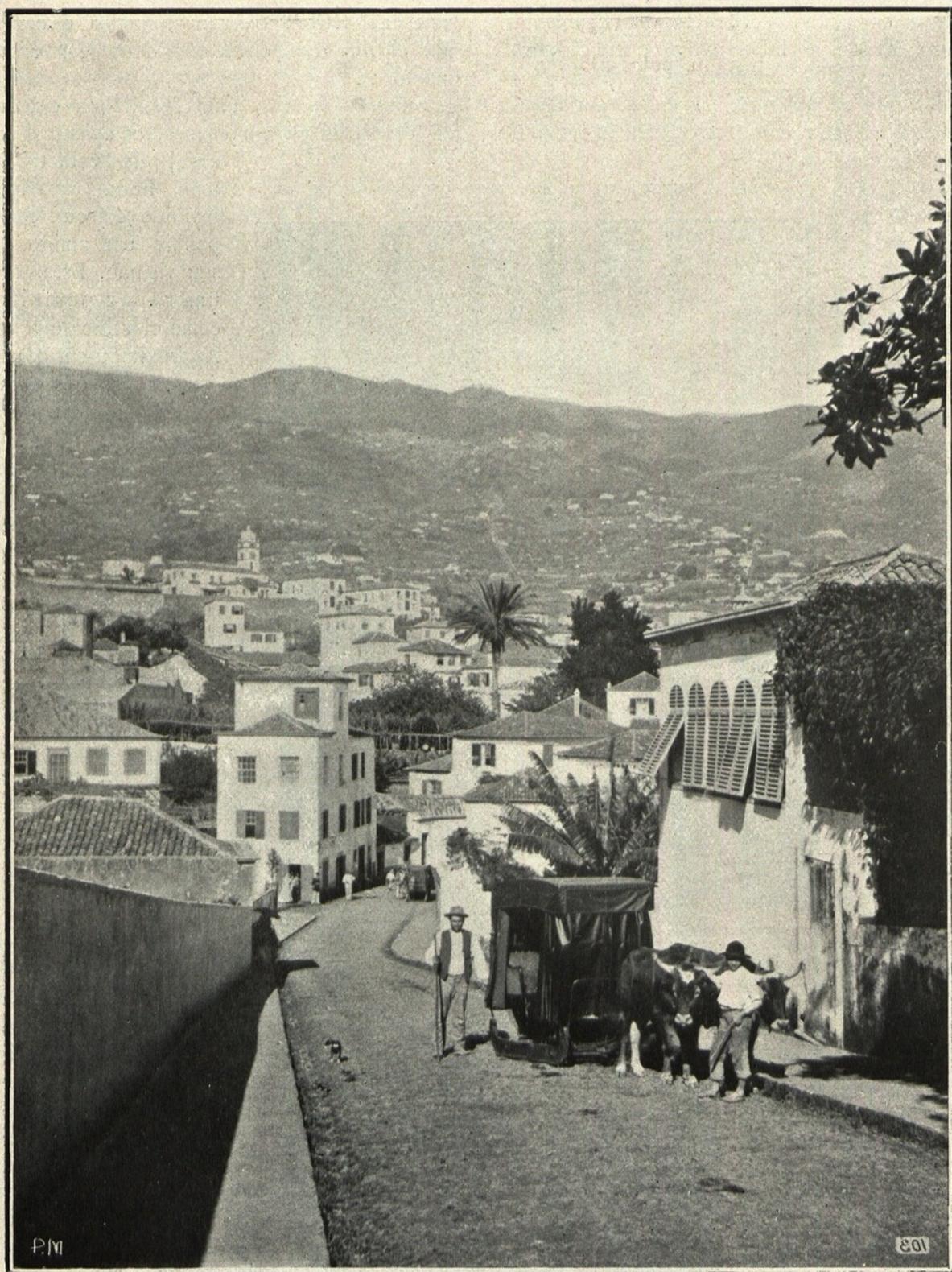
Subia a ladeira uma familia da cidade, de tendeiros ou cortadores, composto d'um casal de velhotes e uma linda rapariga, levando em sua companhia um amigo ou seu visinho. Este, era um rapaz perfeito, como classifica o povo. Approximou-se d'um dos grupos dos camponios pediu a um dos tocadores a viola, que segundo o uso lhe foi cedida de bom grado, e passou-lhe os dedos adextrados a procurar a afinação.

Com o chapéu de palha deitado para traz, um lenço collocado entre o collarinho e o pescoço, deixando vêr o plastrão vermelho de xadrez verde-claro a ostentar um pedaço «d'ouro de mina»; no collete, segurando o relógio, um «grosso cordão» em duas voltas e na lapella um raminho de mangericó com tres botões de perpetuas amarellas, — o rapaz apresentava uma figura bem plan-

ADRO DA EGREJA NO DIA DA FESTA DE NOSSA SENHORA



OS ROMEIROS SUBINDO A ESCADARIA DO TEMPLO



A EGREJA DO MONTE, VISTA DAS ANGUSTIAS

tada e insinuante, bastante plebeia, é certo, mas destacando-se com garbo da multidão de «vilões» que em torno lhe formavam roda.

— Vae uma cantiga, rapazes, que eu faço o acompanhamento.

Os dois velhos e a moça aproximaram-se do muro onde se apinhavam os alegres cantadores.

— Vomecê que é da cidade, é que vae dizer primeiro.

— Vá lá uma, mas você tem de responder, disse o outro dirigindo-se ao dono da viola enquanto preludiava o «Charamba» nas cordas do instrumento.

O da cidade tossiu, e começou, espaçando os dois primeiros versos dos restantes preenchendo o intervalo que espera o canto com o «repenicado» característico d'aquella moda popular:

*Que lindos olhos vieram
hoje a esta romaria:
Cada dois com seu derriço
cada dois com companhia.*

Esta trova foi dita sem a intensidade de voz e o barulhento dedilhar que caracterizam as maneiras de tocar e de trovar dos camponeses. Devia ter deixado no grupo dos trovadores uma mediocre impressão, pois, a força dos pulmões e o ruído instrumental são qualidades primordiais d'estes cantares ao ar livre.

O «vilão» reptado, amparado ao bordão, redarguiu lesto dando toda a amplitude á sua voz de montanhez a procurar ferir o amor-próprio do «adversario»:

*Se são lindos os do campo,
os de cá matam d'amôr:
'tou vendo uns que tir'o «fôlgo»
ao primeiro cantador.*

E olhava de revez, com um sorriso de malícia para a rapariga que cosida ao muro córava até os cabellos. O rapaz ficou de garganta secca, um pouco embaraçado. Passou «rasgando» e «ponteando» na viola o intervalo exacto d'uma quadra em que recobrou alento e depois cantou:

*O dono d'esta viola
faz do charamba um trovão.
Mas nam m'assusta qu'os raios
cahem-lhe ao pé do bordão.*

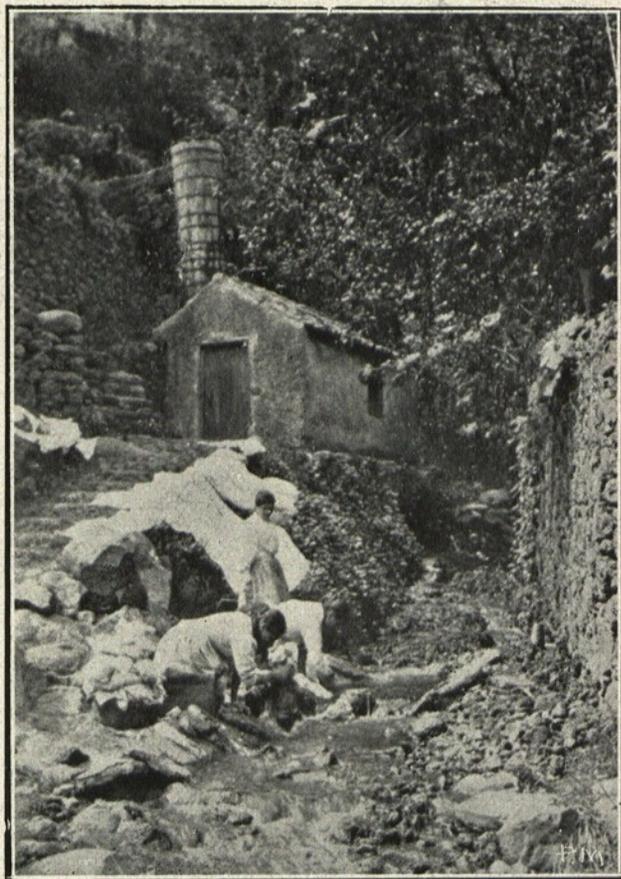
O outro voltou-lhe logo, «restentando» o canto:

*O trovão inda o mais rijo
nam é que o ha-de abraçar:
o perigo 'stá nos coriscos
que a moça tem no olhar.
E junto áquella parede
ai, Senhora Santa Barbara,
'tão elles a fuçilar.*

Que de palmas e aclamações acolheram esta trova!

Tinha vencido o trovador da Calheta sendo-lhe feita uma apothose, em que largamente entrava o vinho das borrachas.

A rapariga estava pregada ao sólo, rubra como uma papoula, a desejar sumir-se.



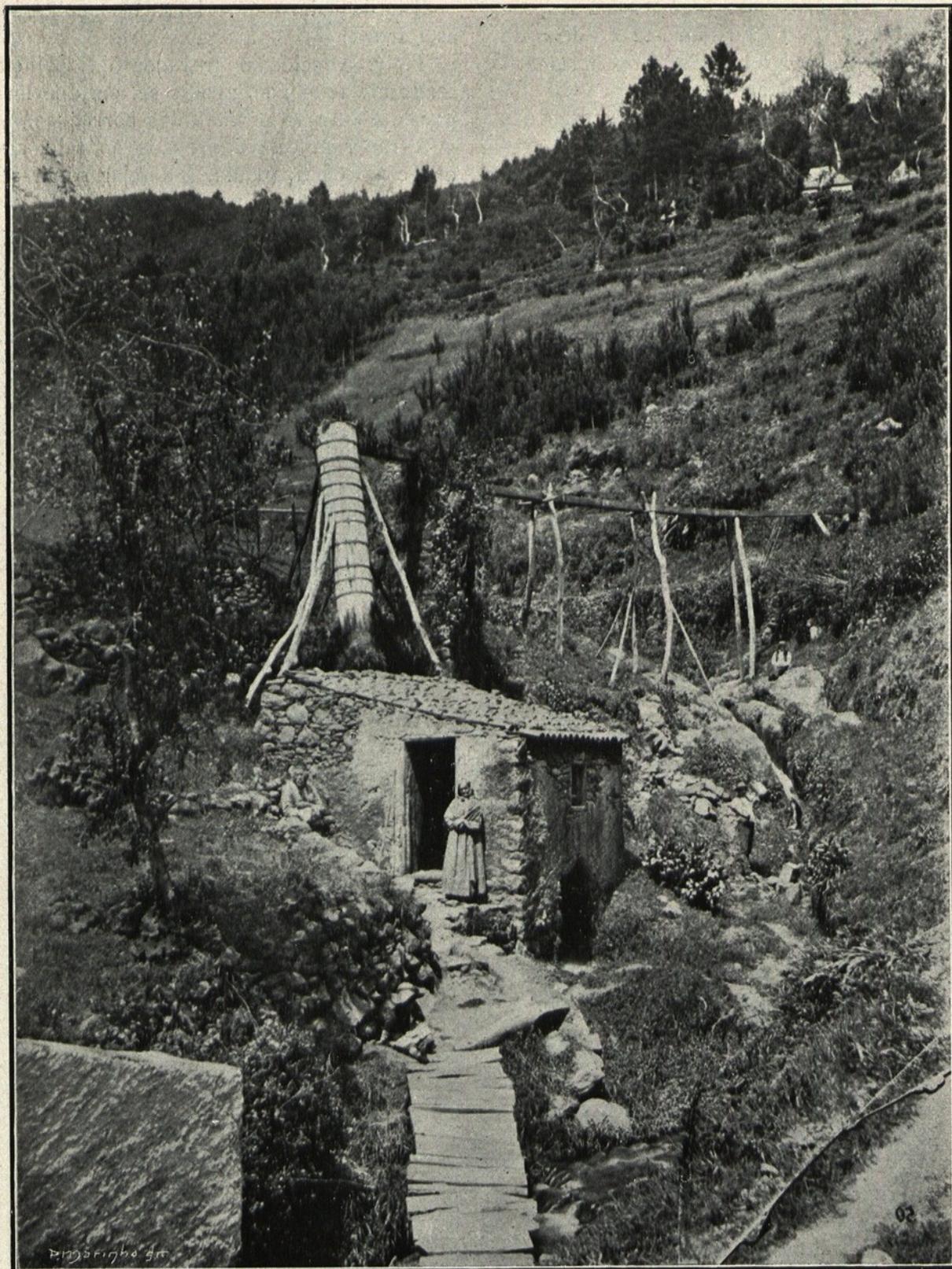
LAVADEIRAS NO MONTE

O provocador da cidade, abanava-se com o chapéu de palha para disfarçar a «tosquia», e sem atrever-se a olhar de frente para a moça.

Aquelle embaraço a todos pareceu suspeito.

E o diacho é que os velhos ficaram assim prevenidos... Mas ou iniciassem as trovas o namoro, ou elle já existisse em disfarçado germen, o caso é que á noite na Cruz da Confeiteira já os dois se entendiam maravilhosamente pouco preocupados com a presença dos velhotes que, recordando antigos tempos, caminhavam vermelhinhos e alegres abraçados ternamente pela cinta.

No adro, todo illuminado a vidros de côres e balões venezianos partindo d'um mastro central para outros muitos periphe-



UM TRECHO DO MONTE — OS ANTIGOS MOINHOS

ricos, tocam philarmonicas rivaes, ao desafio, sob aquelle amplo cone luminoso que ao longe semelha o tecto d'uma phantastica e iriada tenda de campanha.

No frontespicio da Egreja, nota-se a mesma alegria de luzes coloridas formando desenhos caprichosos; no alto, as duas torres desenham a suas arestas por linhas de copos

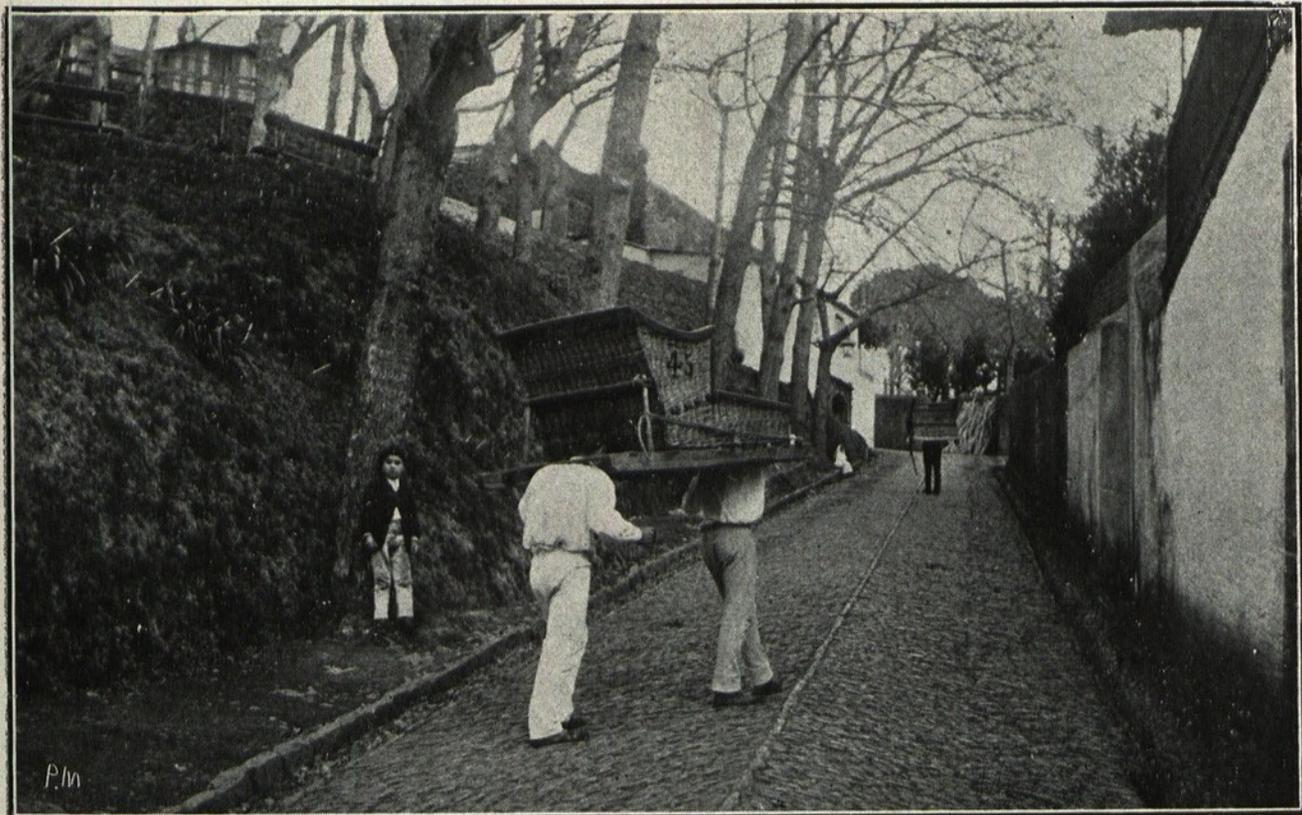
amarellas, vermelhas e azues enfileirados symetricamente.

Os innumerables mastros onde a briza da noite faz adejar, lá em cima, n'uma meia obscuridade, as bandeiras e os galhadetes, são ornamentados a louro garridamente manchado de malvas vermelhas e hortencias; os que se elevam no topo da vasta escadaria servem d'eixo a columnas d'amplos arcos de buxo, ostentando-se, erectos e soberbos, como bellos arcos triumphaes.

Os pés esmagam ramos de louro, murta e alecrim, d'onde se evola um perfume d'es-

O ar vibra sob a acção dos intrumentos metallicos e de corda, e dos gritos das vozes avinhadas; chocam-se os sons n'um bruhaha rytmdo que, se em ultimo semblante já não é musica, conserva, comtudo, vagamente, uma certa, quadratura atravez d'um timbre musical e extranho.

Sob os castanheiros da encosta e pelas ruas do moderno parque, por entre muros de geranios e d'hortencias, e n'uma obscuridade que torna mais viva a illuminação do adro, perpassam os soldados de barrete descahido para a nuca, braço dado com os



A SUBIDA DOS CARROS

sencias vegetaes estonteantes que augmenta a perturbação dos espiritos já excitados pelo vinho e pelo contacto interino dos dois sexos.

N'estas romarias, a piedade é frequentemente convisinha dos estos dos sentidos perturbados.

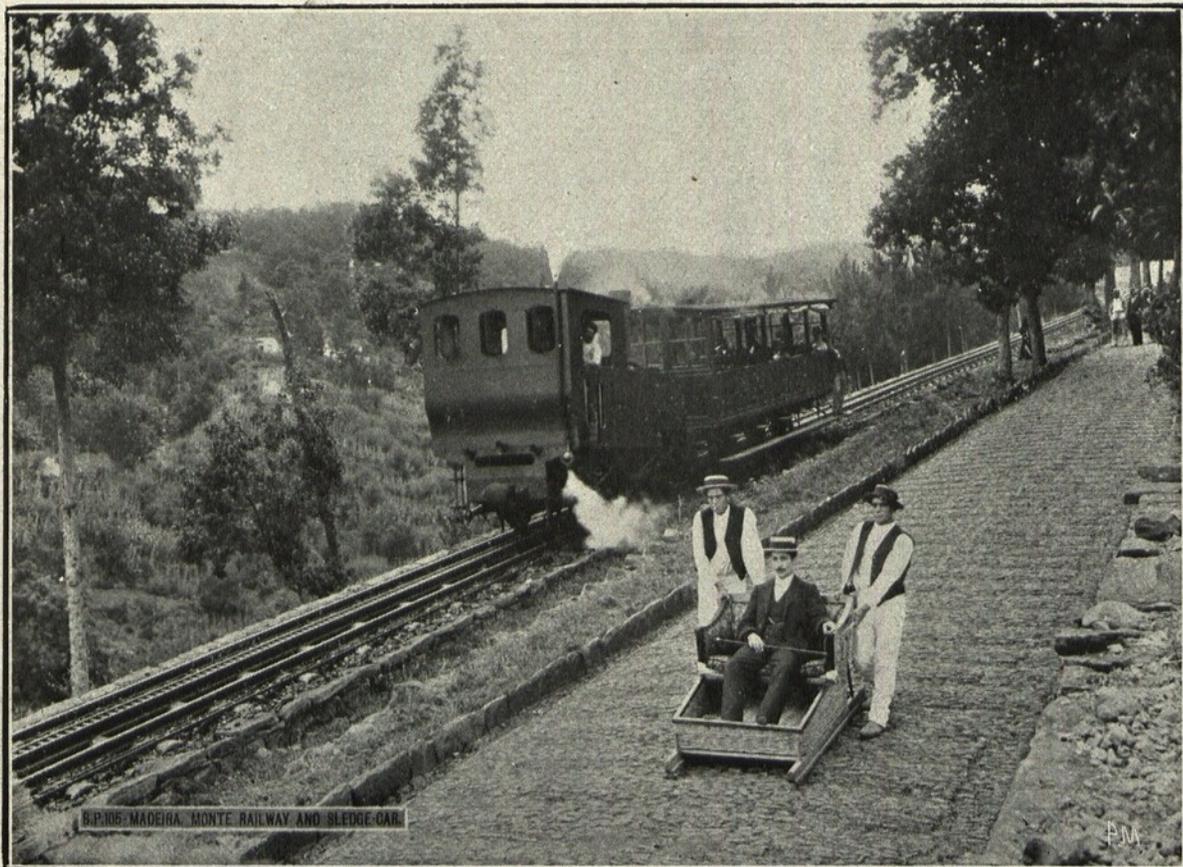
Nos degraus, pelo adro e cercanias estão deitados, promiscuamente, rapazes e raparigas, a cabeça d'um no regaço do outro, junto aos paes ebrios ou somnolentos e das velhas mães, Argus fatigados, cerrando os olhos feridos pelo calor e pela luz e cedendo ao imperioso cansaço da viagem.

namoros recrutados entre levianas creadinhas de servir; ajuntam-se bandos de rapazes da cidade, aproveitando a falta de luz e o aperto para se metterem em perigosas aventuras com as «vilóas» tendo, por vezes, a decorativa bengala de passeio de medir-se, sem partido, com a haste bem pesada, d'urzeira e de folhado. Levantam-se tumultos, ouvem-se berros, apitos: uma onda de povo que se desloca para ali, e logo se atira para acolá como vaga batida pelo temporal, onda originada sempre nas luctas dos instinctos sob as fórmulas essenciaes e primitivas.

Passa-se a noite entre toques, dansas e folguedos até de madrugada. Pelas sete da manhã toda aquella gente levantada e refeita em parte pelo descanso d'algumas horas, constitue novamente o arraial. O «matar do bicho» é um novo pretexto para a formação dos grupos. As borrachas de bexiga de porco secca ao sol, passam de bocca em bocca lançando em cada uma algumas goladas d'aguardente como aperitivo

Pela Fonte, sob os castanheiros proximos, pelo adro e pelo Caminho do Curral, vão-se afinando os «rajões». As raparigas, garbosas, de tranças desalinhasdas pelo folguedo das dansas, tasquinham peras passadas e castanhas arrancadas aos «rosarios» que as cingem em varias voltas e d'onde pendem as bonecas de massa, amarellas d'açafião, galhardamente enfeitadas com pennas d'ave tingidas de verde e de magento.

Os rapazes compram ás vendedeiras ambulantes as grandes rosquilhas de centeio



O CAMINHO DE FERRO FUNICULAR E UM CARRO DO MONTE

do almoço e preparação d'ulteriores e mais fartas ingestões. Pelo chão vêem-se de borco os borrachões da vespera, dormindo pesadamente respirando com ruido sobre a poeira do caminho; outros, de ventre ao sol, cobertos de moscas, os braços estendidos, espalmados, dão-nos a impressão penosa de cadaveres abandonados n'um campo de batalha.

— Deixal-os dormir, dizem os parentes e os amigos, despreocupadamente, com a ideia de não perturbar aquelle somno reparador das forças e humores excitados.

ingenuamente ornamentadas, que enfiam vaidosamente nas copas dos chapéus, atando outros nos bordões ao lado da cabacinha prestes a ser cheia novamente, para «passar o caminho» no regresso, lá para depois do meio-dia.

Sob os pinhaes que ladeiam as veredas, estendem-se as toalhas brancas, perfumadas d'alfazema, em cima das quaes se vão descarregando as cestas bem fornidas: carne de vinho e alhos, pão com um grãosinho d'herva doce, carne assada da vespera, azei-

tonas encebolas d'escabeche «p'ra dentinho»
vinho ovo para as grandes libações, e nos

generoso que provém das frituras e espetadas de carne á mixtura com o odor balsamico dos pinheiros.

Emquanto as mães fazem os pratos e os



ALMOÇO AO AR
LIVRE, NO CASAL DOS ROMEIROS

almoços mais selectos da pequena burguezia da cidade, uns boiões de genebra, bebida que gosa de fama de socegar os estomagos irritados pelas violencias de tão pantagruelicos e grosseiros piqueniques.

Em todo o Curral dos Romeiros se espalha um cheiro



O CAMINHO DO MONTE NOS DIAS DA ROMARIA

paes com uns goles d'aguardente vão limpando a lingua saburrosa, os rapazes trocam com as moças uns olhares equivococos que lhes accendem nas faces rubores indiscretos: recordações da vespera, esperança de voltarem ali no anno seguinte já casados, ou em inteira liberdade com os derriços acabados d'arranjar na promiscuidade da grande romaria.

Este ultimo almoço ao ar livre marca o fim do arraial.

Os romeiros começam a descer para a cidade ou seguindo os caminhos que os levam mais curto á sua freguezia. Seguem aos grupos, volteando umas dansas nativas falhas de graça e extremamente fatigantes para os que não tenham a solida construção dos nossos montanhezes. Atraz dos que bailam segue a musica e apoz, ainda, a gente mais velha e os pequenos, conduzindo ao hombro, enfiados n'um pau, as grandes cestas vazias.

De quando em quando pára o bailado e recomeçam as trovas; e se param as dansas e descantes é para passar de bocca em bocca a borracha ou a cabaça d'aguardente.

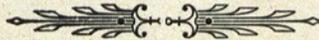
Muitos romeiros veem, assim, a pé, em grandes ranchos; outros, voltam no comboio, e uma grande parte da gente do Funchal desce nos carros d'arrastar, n'essa vertiginosa corrida que nos dá a extranha sensação d'uma queda de grande altura, e que experimentada uma vez sempre procuramos repetir.

Pelo caes e immediações da Estrada da Cidade, fatigados, com os cabellos em desalinho, empastados de suor, assentados pela rua, vêem-se agora os grandes foliões da vespera, esperando adormentados a hora em que o barco ou o vapor costeiro os leve ás suas terras para recomeçarem no dia seguinte a rude faina da enxada, da pesca ou das pedreiras.

A lembrança de que beijaram a Virgem, ou a avistaram, ao menos, no seu altar florido, dá-lhes alento para reentrarem na vida fragosa de que a romaria foi uma deliciosa pausa.

A fadiga não lhes deu sociedade; e é já antegosando esse prazer que abrange tanto o corpo como a alma, que cada um envia, cá do mar, um olhar de despedida ao branco templo, murmurando, para si, entre uns laivos de saudade — adeus, Senhora, até ao anno...

J. REIS GOMES.



LAÇOS PARTIDOS

Vão-se os laços que á terra nos seguram
Pouco a pouco partindo ou desatando,
Hoje um mais forte, outro amanhã mais brando,
E mesmo os que mais rijos se afiguram.

Mais custa o seu quebrar quanto mais duram,
Mas mais livres tambem vamos ficando
Ao soltar-se de nós, de quando em quando,
Algum dos que prender-nos mais procuram.

E quem já longe vê no seu passado,
Dos que foram na vida companheiros,
Tanto laço partido e desatado,

Treme pelos que vão ficando inteiros,
E deseja o seu proprio ver quebrado
Antes que chegue a vez dos derradeiros.

Celestino Soares.



UM ASPECTO DO ATELIER DE ARTHUR LOUREIRO

ARTHUR LOUREIRO

O HOMEM E O ARTISTA

Quem é Arthur Loureiro — O seu temperamento — A sua obra — A sua paisagem — As suas flores.



ARTHUR LOUREIRO é um homem de cabellos brancos, magro, franzino, com um sorriso de bondade que lhe fica eternamente nos labios e um olhar brando, sentimental e ingenuo que,

n'um instante, nos elucida sobre as qualidades dominantes de sua alma. E, como quer que tambem seja um sincero, incapaz de simular o que não sente, essa impressão que se nos fixa nos primeiros momentos em que o vemos, basta para denunciar com precisão

o caracter fundamental da sua arte. E' um poeta delicado, enternecido, nostalgico, com um grande amôr pela sua terra, por esta linda e suave terra de Portugal, com tudo o que n'ella existe de mais gracioso, de mais pittoresco, de mais proprio a captivar a ternura maguada d'um observador que seja ao mesmo tempo um emotivo e um artista. E' um enamorado eterno d'esses pequeninos trechos do nosso Minho, povoados, cantantes, com muito sol, muita côr, muitas arvores, muitas casitas brancas, retalhos de terra de perenne idyllio, onde se diria que nunca passou o açoite agreste da maldade dos homens, nem outra dôr que não fôsse o «delicioso pungir» d'uma saudade. E é simultaneamente um tecnico, manejando a paleta com a sciencia consummada d'um mestre, com

todo o saber, o equilibrio, o bom-senso e o bom-gosto que lhe permitem exteriorizar em irrecusaveis obras-primas os primôres da sua concepção.

De tal modo, está-se já a adivinhar o que deve ser e o que é a sua obra brilhante de paysagista: uma serie de telas onde não ha um desfallecimento de fórma, e onde os motivos lyricos se succedem, intensos e maguados, taes como a natureza os soube dar através da retina do artista. E' uma obra sem grandes vôos de generalização, sem o poder de nos transmittir uma impressão profunda de grandêsa, mas antes — não pelas dimensões, por vezes largas, mas pelo quilate da concepção, sempre restricta, — o trabalho probo, sincero, gravativo, perfeito d'um miniaturista que prefere decompôr a natureza, para apaixonadamente a admirar depois traço por traço. E é exactamente, como logica consequencia d'esses processos d'arte, derivados em linha recta de idiosyncrasia do obreiro, que entre as suas telas nos apparecem, d'onde em onde, alguns quadrositos de flores d'um tamanho poder de expressão, d'uma fidelidade tão intensa, que n'elles se nos prendem, n'um enlevo, os olhos encantados.

«A melodia, — disse De Senancour — se se toma esse termo em toda a extensão

que elle comporta, pode resultar tanto d'uma continuidade de côres, como de uma continuidade de perfumes. A melodia pode resultar

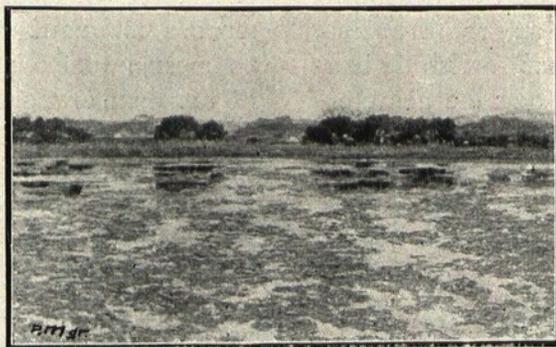
da successão bem ordenada de certas sensações, e de toda a serie dos seus efeitos, cuja propriedade seja a de excitar em nós aquillo que se usa chamar — «um sentimento.» A paysagem de Arthur Loureiro, — tão bella como ninguém ainda a soube fazer em Portugal depois de Pousão e Silva Porto, d'um desenho irreprehensivel, d'uma grande verdade de perspectiva e colorido — tem, acima de tudo, isso: a melodia. Nenhuma d'essas pequeninas telas deliciosas nos suggere um movimento de assombro ou de revolta: á satyra contundente e á epopeia grandiloqua, o artista prefere o madrigal coberto de flores. Uma paysagem sua lembra-nos por vezes um soneto d'esse grande, e quasi esquecido Antonio Nobre. E' a mesma melancolica terra de Portugal, vista pelo olhar nostalgico d'um emotivo que, tendo de viver pelo trabalho, só na realidade vive pelo coração.

A vida artistica de Arthur Loureiro — Um admiravel interprete do mar — Arthur Loureiro e D. Carlos de Bragança.



PRIMAVERA

(Desenho por Arthur Loureiro)



PAYSAGEM DE AVEIRO

(Quadro de Manoel Lucio, discipulo de Loureiro)

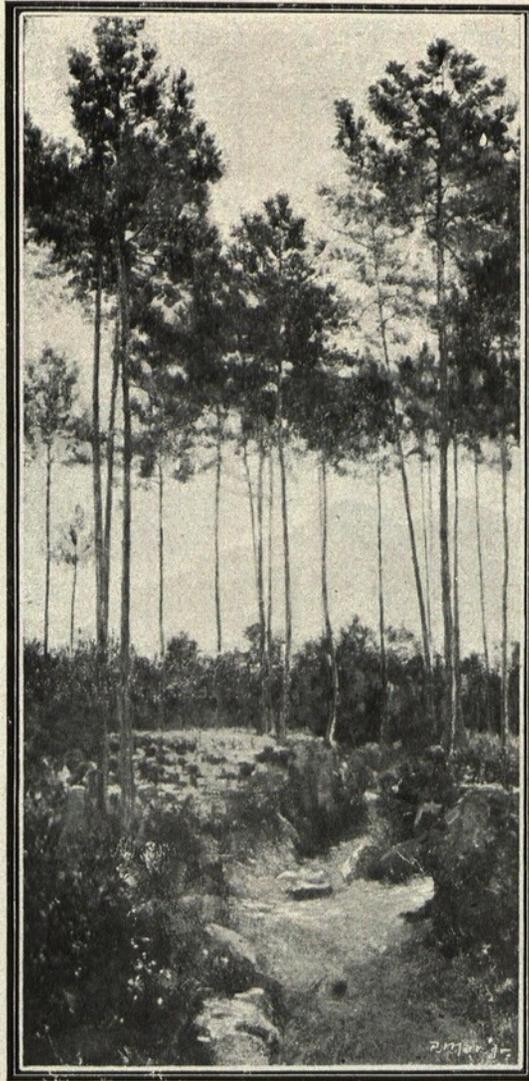
Arthur Loureiro, com o curso da Aca-

demia Portuense de Bellas Artes e a lição dos mestres francezes e italianos, foi para a Australia, onde chegou a professor d'uma das melhores escolas de Melbourne e onde passou a maior parte da sua vida. Voltou de lá apenas ha meia duzia d'annos, e voltou com a mesma ingenua fé com que partira, o mesmo religioso culto pela sua arte e o mesmo enternecido affecto pela sua patria Deus sabe com que infinita saudade o pobre artista evocou lá longe, no decorrer de tantos annos de ausencia, todo o encanto do seu Portugal distante! E com que acerba dôr elle foi comprehendendo e amando esse Oceano que o tinha distante das terras longinhas para onde o coração alado se librava nas suas horas de dôr e de saudade! Foi de tanto interrogar, de alma opressa, o mysterio das ondas, foi de tanto lhes pedir um allivio para a sua nostalgia profunda, um conforto para a sua soledade triste de estrangeiro, a essas mesmas ondas que beijavam a areia das praias de Portugal, cobriam de espuma os rochedos das suas costas e evocavam o poema colossal d'uma grandeza morta, que Arthur Loureiro adquiriu essa qualidade, destacante na sua obra, de maravilhoso interprete do mar. E como, n'esse aspecto, a sua arte é am-

pla e grandiosa! Como a timidez de concepção, o amor quasi feminil pelo detalhe desapparecem, e do mesmo pincel que traça um

arbusto de roseira, um ramo de chrysanthemos, umã casita humilde, um caminho d'aldeia onde passa um mendigo, surge, possante dominador, sobrio e grande o *Mar agitado*, por exemplo, que eu admiro como o mais bello talvez dos seus trabalhos! Esse quadro, adquirido por um capitalista de Carreiros, maravilha pela maxima expressão e pela maxima grandesa, alliadas a uma simplicidade extraordinaria: uns rochedos, entre flôres de espuma, sós, n'um mar de nevoa, — e faz-nos tristemente pensar na pobreza de pintores de marinha que ha na nossa arte quando parecia logico que a toda a alma de portuguez tentasse essa fonte inexgotavel de themas tão bellos quanto comovidamente evocadores. Na moderna arte portuguesa eu conheço apenas dois grandes

artistas que souberam comprehendere e reproduzir o mar, com frequencia e felicidade, na sua obra. Um é Arthur Loureiro; o outro foi D. Carlos de Bragança esse espirito eleito de precioso artista, cheio, de talento e de bom-gosto, cuja existencia, a loucura politica, n'um movimento de injustiça brutal e estúpida sacrificou para sempre.



PAYSAGEM DE PINHEIROS, EM AMARES
(Quadro de Arthur Loureiro)



TIGRES
(Quadro de Arthur Loureiro)

No «atelier» de Arthur Loureiro — Os retratos — Uma tela notavel — O professor — Um discipulo — Um episodio interessante — A critica — Lisboa.

No seu atelier, escondido, entre arvores e flôres, n'um recanto quasi ignorado do Palacio de Crystal, Arthur Loureiro vae, pouco a pouco, com rara devoção, construindo uma grande obra e orientando com plena proficiencia os discipulos da sua arte. As qualidades preciosas da sua technica, como a assiduidade do seu labor e a doçura do seu character, fazem d'elle um mestre modelar.

Nas paredes d'essa sala de trabalho, onde no proprio desalinho de atelier se verifica um senso esthetico bem raro, entre pay-sagens primorosas e os retratos, que são mais uma brilhante manifestação dos seus recursos amplos de artista, ha trabalhos que se impõem pela afirmação eloquentissima d'uma orientação perfeita e d'uma technica admiravel. Os *Tigres*, com cuja aquisição qualquer museu do mundo se honraria, são um trabalho soberbo, grande pelas dimensões e pelo merito, em que o talento do pintor apparece, a par da prova maxima dos recursos menos vulgares da sua arte. Os *Tigres* são uma tela cheia de vigôr, d'um desenho firme, onde nem um anatomista nem um tecnico, por mais meticulosos, encontrariam um traço a corrigir ou uma lacuna a encher. Como peça comprovativa dos meritos de professor do artista illustre, esse quadro, que o desprezo a que a gente de dinheiro tem votado entre nós a boa-arte faz apodrecer ignorado n'aquella sala obscura do Palacio portuense, é, fóra de duvida, concludente e decisivo. Como concludentes são tambem os trabalhos ex-

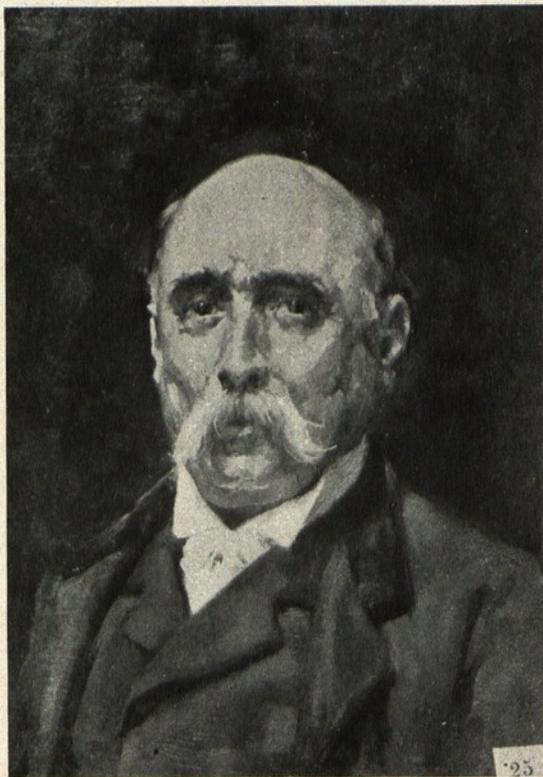
postos de discipulos seus e nomeadamente d'um d'elles, o sr. Manuel Lucio, que, por fortuna, entregou aos cuidados d'um mestre primoroso, — um dos primeiros, se não o primeiro, da nossa terra — o desenvolvimento e a educação de qualidades tão brilhantes que não será exagero antevêr-lhe para breve, entre os nossos melhores, um logar d'honra.

Mas esse homem, possuidor de meritos tão altos que o ergueriam sem esforço, para a admiração geral em quaquer meio, tem para o facil exito da sua carreira entre nós um

grave contra: é que, sendo um sincero, um sonhador, um bom, é d'uma candidez ingenua de creança. Não posso esquecer o ar de admiração, quasi de pasmo, com que elle um dia me contou que horas antes recebera uma carta, assignada por um critico dos mais cotados ño reclamo indigna, em que esse homem, auctor de varios livros profundos sobre arte, lhe communicava ter sido incumbido de escrever um artigo sobre os pintores portuguezes da actualidade e lhe pedia, com o fim de conhecer a sua obra, não que lhe fixasse uma hora de visita ao atelier nem que

lhe dêsse a indicação d'alguns possuidores de quadros seus, mas... que lhe remetesse photographias de quadros e uma collecção de referencias de jornaes aos seus trabalhos. Insistiu Arthur Loureiro em responder ao homem que o receberia de bom grado no seu atelier, ao tempo guarnecido com as telas destinadas a uma proxima exposição: e as suas palavras, escriptas, posso afirmá-lo, sem um leve intuito sequer de reprimenda, fizeram-no perder um excellentre reclamo e conquistar talvez um inimigo.

Não é com esse feitio que se caminha, sem



SA DE ALBERGARIA
(Retrato por Arthur Loureiro)

preocupações, na vida artistica, quando, como entre nós, a estupidez do ambiente a considera. N'um meio onde o auctor mendiga pelas folhas o elogio das proprias obras, quando elle proprio o não escreve, em que se pagam reclamos com copos de cerveja, e o triumpho é dos audazes, com talento ás vezes, sem escrupulos sempre, — um homem que leve a sua probidade de artista ao ponto de querer probidade nos que publicamente o elogiam, ha de por força viver no meio d'um incommodo e desanimador silencio de louvores ou de censuras. Arthur Loureiro é assim, e por isso o seu nome não representa ainda, como deveria, para toda a gente, uma das mais lidimas e mais puras glorias nossas. Lisboa, despresando os seus grandes ar-

tistas, e erguendo, por um *snobismo* que nada mais é que a mascara d'uma fundamental ignorancia, bem lamentaveis e authenticas mediocridades, é, ainda e apêzar d'isso, apêzar de tudo, o unico centro d'arte do paiz. E' preciso, é urgente que Lisboa conheça Arthur Loureiro, que elle ahi venha expôr os seus trabalhos, — para que, conhecendo-o e apreciando-o, a nossa cidade não mais possa allegar a derimente da ignorancia quando acaso a tenhamos de exprobar por não conceder a esse artista encantador e brilhante, o alto lugar que, pelo talento, — se não é licito dizer tambem pela bondade adoravel — incontestavelmente e de ha muito tempo já, na sua estima e na sua admiração elle merece.

PAULO OSORIO.



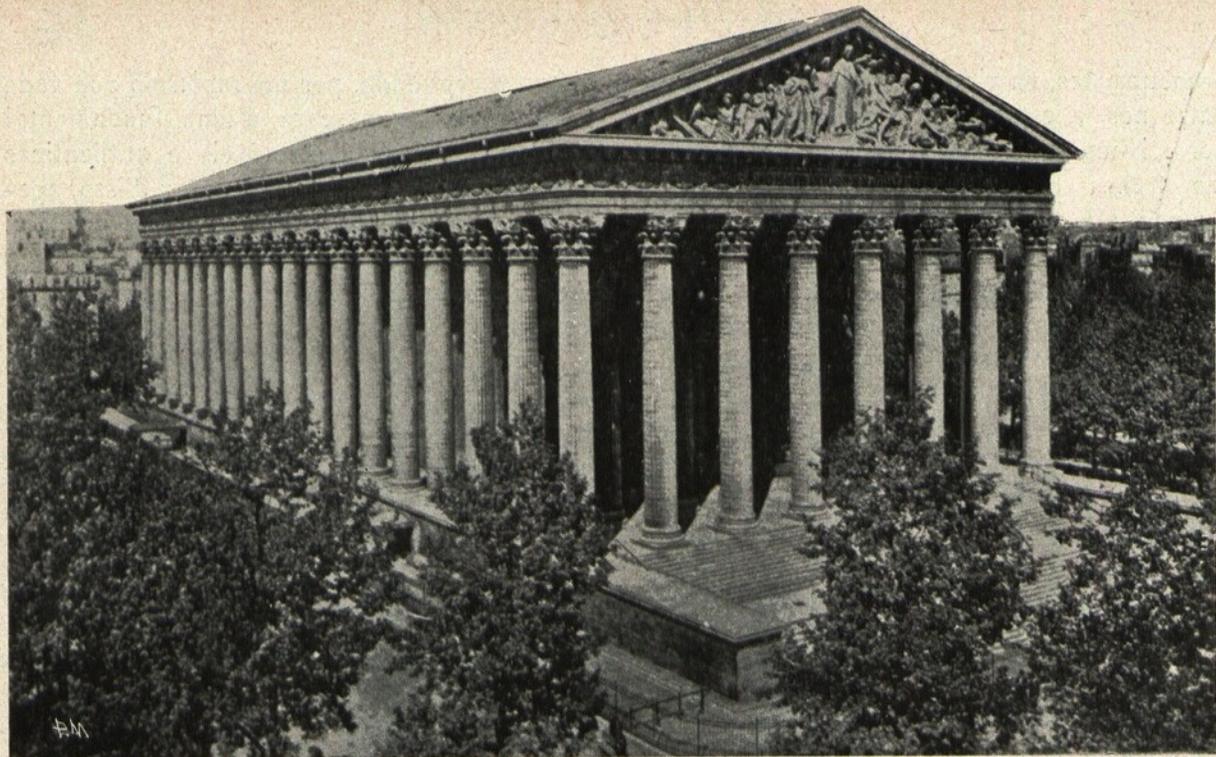
RECUERDO

Engastada no céo, pallida, a lua
 Illuminava a curva caprichosa,
 Dessa estrada deserta e quasi núa,
 Que percorri, por noite, silenciosa!

Algo sentia, a minha mão na tua
 Roçando levemente, venturosa
 Julgava-se minh'alma que inda estúa
 Naquella bella noite, langurosa!

Os pyrilampos a vagar tristonhos,
 Qual fogo-fatuo, a se perder no espaço,
 Luziam pelas sébes em cardumes!

Phantasia, illusão, dourados sonhos!...
 Aquelles que sonhei preso a teu braço,
 Sentindo o doce olôr de teus perfumes!



A MAGDALENA

Paris ao espelho portuguez

(Conclusão)

Um sabio de França. — Escanhoadores. — Paris visto por um oculo. — A marcha para o Pantheon. — O incompleto na arte. — Para ronda d'amores e balada mística. — O Sacré-cœur e o Sameiro. — Pirraças de Charbonel.

Com a secura branca do meu cartão de visita, crusou-se o bilhete de eizevir do sr. de Lavillette.

Convidava-me para o seu almoço o illustre membro da Academia, senador, cavalleiro da Legião d'honra, Torre Espada, socio honorario da Sociedade de Geographia de Londres e da Universidade theosophista Li-Ung-Tung.

Este cordel d'honras caras fustigou a chateza do meu nome como o rabo heroico d'um leão. Um cilindro não me annullaria mais, passeio sobre mim.

Trepado á pyramide dos in-8.º. que cor-

rem mundo do seu «Hilodinamismo» e «Paradoxo umbilical d'Adão», os meus olhos mortaes lobrigavam-no no infinito a saltar para uma estrella.

Arreei-me bizarramente, pus um colete de phantasia comprado no boulevard, para o beija-pé do sabio. Ás minhas olheiras fundas de lilaz confiei o atestado de pensador. Tinha aldemenos este galardão d'uma noite em claro, de áperta ante o resonar de Josine. Aquelle focinhito que dava vontade de estar eternamente a morder como uma costeleta saborosa, tornava-se de noite uma tempestade. Parecia que dentro d'ella jogava a bisca uma casa de malta.

Sahi de casa á hora que os *concierges* fervem o matinal café sobre a tripode de alcool.

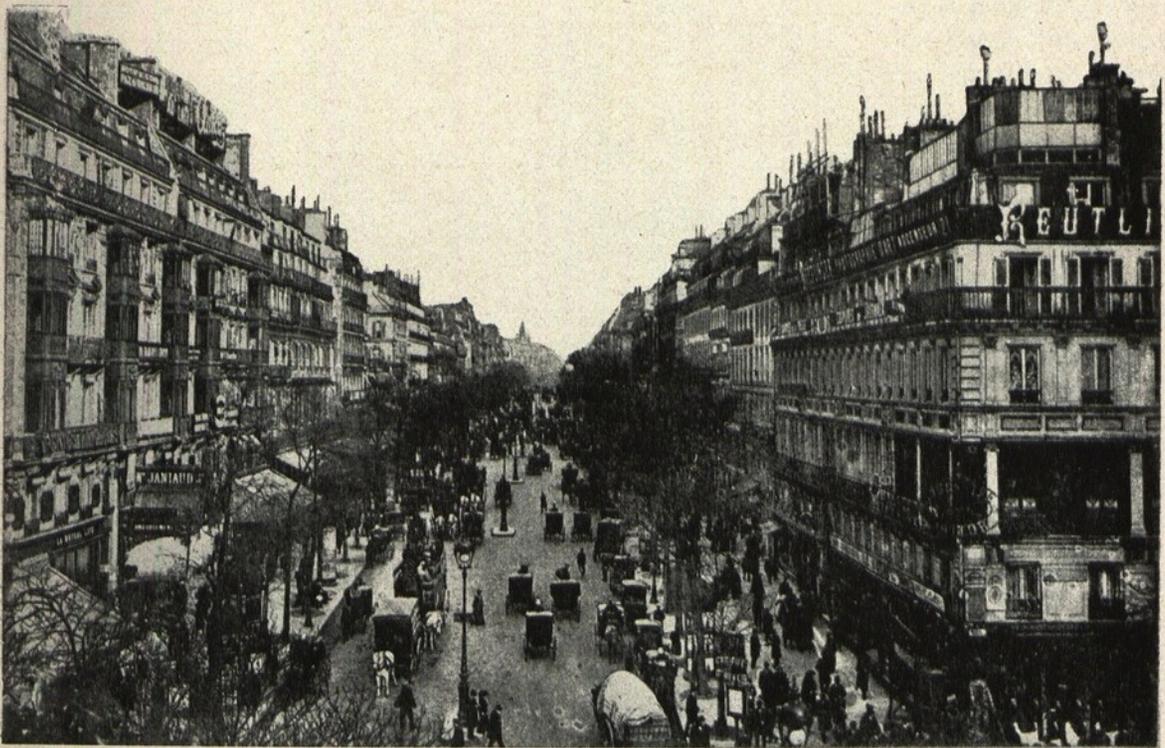
Na primeira barbearia chic entrei a raspar uma barba de 12 horas. O figaro acolheu-me familiarmente, em mangas de ca-

misa, ao contrario dos barbeiros de Lisboa que são uns senhores cerimoniaes e rituaes. Depois, ao passo que a lamina corria ligeira sobre os meus placidos queixos, tive a impressão de que era roçado pela vergasta d'um volante. Saudosamente as minhas bochechas evocaram a navalha alfacinha, asa de mosca leve e luxuriosa. Mas queria abonitar-me para o sr. de Lavillette, finquei os dentes como os santos martyres transidos.

Ao cabo, foi-me proposta uma fricção suave e candida que temperava o pericra-

novilhos. Em seguida o pente correu, infiltrou-se a lavagem e o craneo ficou maviosamente quente, como se n'elle houvesse passado uma carga de estadulho, ou um rego de vitriolo.

De Lavillette saiu a receber-me ao vestibulo, entre os bronzes, com todas as honrarias desfraldadas na lapela. Não sei se o sabio contava receber algum negus de Portugal. Mal a viram, os seus olhos lamberam cupidamente a minha condecoração chinfrim. N'aquelle momento agradei aos



BOULEVARD MONTMARTRE

neo, quebrando ao mesmo tempo a rebeldia das cerdas.

Percorri a taboada das loções, nomes barbarescos, feericos, que a Academia ha de amanhã consagrar e os meus poetas de Lisboa metter em rima coxa. Ao fundo, no setimo céu dos perfumes li regaladamente: *Lotion Portugal*.

— *Lotion Portugal, mo'sieur le coiffeur, lotion Portugal* — berrei patriotico.

Ergueu-se uma catarata de espuma na minha cabeça; ao espelho a cabelleira parecia um juncal em que tivessem brincado

Socorros a naufragos haverem-me recompensado a prosapia de ter arrancado um burgues a uma onda pelo côs das calças.

Commungámos uma refeição parca de intellectuaes. Como pensador classico, de Lavillette arrombou dois ovos tepidos, e sorveu um gomil d'agua filtrada. O meu estomago beirão, raivosamente, reclamava presunto.

Discorremos sobre Hilodinamismo; e á universalidade dos principios de de Lavillette joguei a prosopopêa gentil de que até os garotos na minha terra assobiavam hilodinamismo.

O almoço findo, grimpámos ao belvedere do palacio.

E os meus olhos reverentemente orçaram a pontaria do telescópio, com que o sabio vigiava o rebanho dos astros e dizia ao mundo que o cometa errante e o planeta descarrilado não vinham trilhar na sua fuga doida os calos da terra.

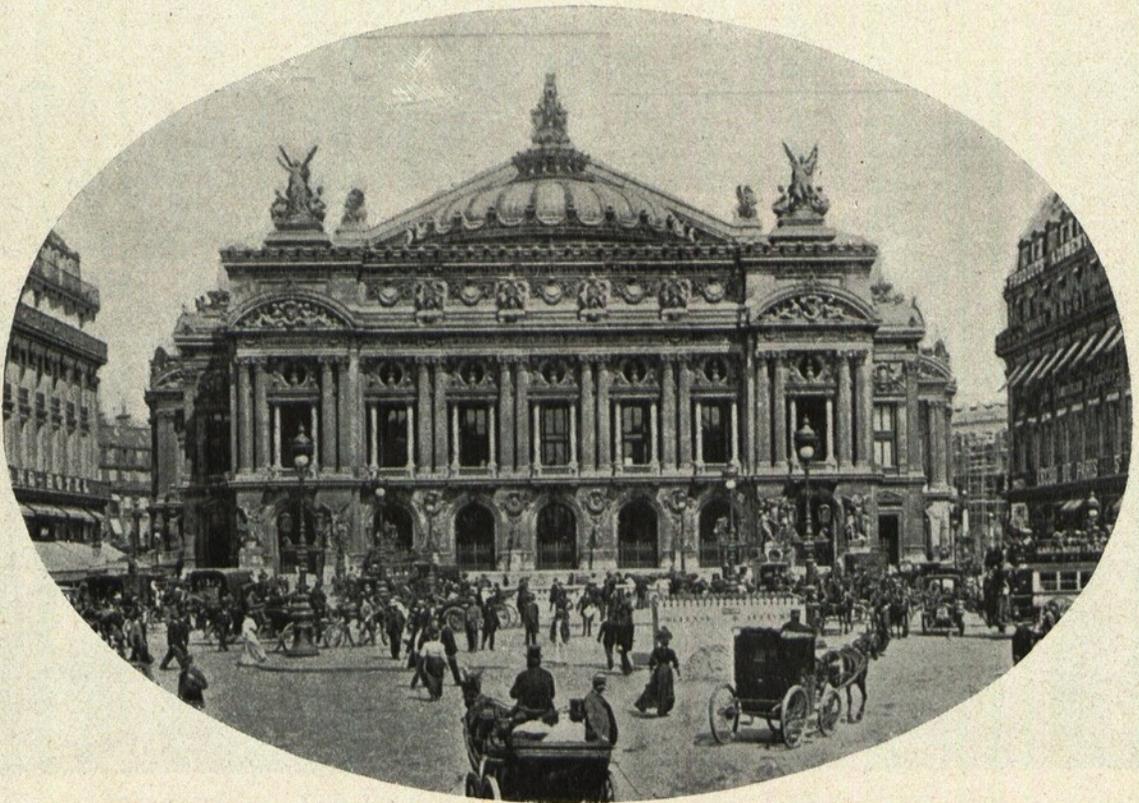
Sob o palio fôsko do céu, o oculo traçou infinitas ondas visuaes. A casaria dilatava-se caprichosamente horizontes fóra, n'uma paleta rica de tintas desde o amarello ocre

la, de pé, sobre a casaria ajoelhada. A silhueta escura, curvilinea, dava ideia d'um morrião alto, ou d'um bonzo formidavel de fanaticos. Paris todo corria para lá, feroz, nevroticamente, á desfilada.

Os olhos de de Lavillette ardiam como dois cirios á eterna gloria. O meu sorriso mesquinho tinha os extasis d'um vagalume.

De Lavillette foi-me depois anotando cada aresta emergente da vaga turva das casas:

— Olhe além o Arco da Estrella. A'



GRAND OPERA

dos tijolos á negrura verde das chaminés. Semelhantes a mastros, a flexa da Notre-Dame, o zimbório dos Invalidos, a cupula do Pantheon, a azagaia disparada da torre Eiffel, emergiam. Sobre os seus cocurutos pousava o céu um velario diaphano.

Poseram-se-me em pé os cabellos, como ao primeiro homem á primeira vista do mar. De Lavillette, estendendo o braço, clamou como um gageiro real da immortalidade:

— *Regardez! tout file vers le Pantheon!*
Na orla remota erguia-se a grande cupu-

vista desarmada parece uma monstruosa construcção da idade da pedra, mas asseste a luneta. Vê? Repare no grupo de Rude, *Le départ*. É um roldão de membros nus e fortes, debaixo dos labios d'aquella mulher que é um clarim, d'aquella aguia que é um raio. Veja ao lado *La Paix*. Tem os enterrecimentos d'uma bucolica. Ao pé d'isto, o seu Arco da rua Augusta é uma hora em cartão de tesoura chinesa.

Francamente, a minha vista andou por cima do monumento, selvagem e insensível como as cabras nos morros do Marão.

— Siga a risca dos boulevards. Em baixo, tem a columna Vendôme, d'uma espessura de baobab, com Napoleão em riba, como n'um cesto de gavea. Recortado no azul sujo e sob a impressão epica dos seus feitos, julgo ter diante dos olhos a ibis das piramides.

«Atraz está a Opera. Já viu, já. E' a ultima palavra da sumptuosidade, importando na bonita somma de 36 milhões de francos. Vivas, no tablado grego, não eram mais dançarinas, as dançarinas de Carpeaux. Sob o manto enregelado de pedra, volteiam ainda como uma dobadoira eterna. Dentro da gradaria ha o busto de Garnier. N'um doirado d'altar, com frondes loiros, lembra na espadua severa do theatro uma medalha de corredor. Meu caro, tambem ha apaches para a esthetica.

«Um pouco distante fica a Magdalena. E uma obra tão perfeita que não prende. Parece na toadilha da linha recta uma xacara. A arte, a meu vêr, deve deixar uma fimbria vaga e misteriosa para pomo da phantasia. As capellas imperfeitas da Batalha — perfeitas — não seriam mais bellas. Venus de Milo com os braços seria um marmore vulgar. Teria perdido o perfume penetrante da flôr deivisionada do mysterio.

As minhas pupilas toldavam-se da cegueira esplendida de Moysés, ante o sargaço ardente. Paris é de Lavillette aniquilavam-me. A lapela d'este parecia um loureiral florido. Todo eu era incenso para o hilodinamismo.

— Repare agora lá em baixo na Notre-Dame. A flexa póde dizer-se uma supplica lancinante, subindo do coração dos afflictos. Renda de psalmos, urdida por virgens e

melancholicos monges, é a frontaria. Andaram os alchimistas a buscar n'ella a pedra philosophal sob as asas loucas das chimeras. Sabe a differença que acho entre este gothico e o manuelino? O manuelino é bem bem, uma prece de Sulamite ou Thereza de Jesus, crispando os braços, os colonelos, deixando ao alto a teia formosa dos cabellos, perdidos no extase do homem-deus, carne fremente, amorosa e palida. Os Jeronymos são um canto que

as andorinhas sabem lêr. Assoalhados d'ar, podiam desfilhar lá dentro rondas rissonhas d'amor. Na Notre-Dame ha mais baldaquinos, mais botaréos, mais curvas somnolentas. As ogivas são mãos postas que oram incansaveis. Abre para o céu a rosacea maior, golpeando do sol de Deus a face amortalhada dos santos. Ah! a Notre-Dame é a balada para a terra santa da gloria das almas misticas, voando, voando na atmospheria incendiada da fé.

Hilros velozes dançavam em torno uma sarabanda negra. As rosaceas pareciam-me beijos luminosos dos monges na testa nevada das santas.

E eram esbeltos como

tibias de mulher os veios sensuaes das torres.

De Lavillette proseguiu por muito tempo, deixando uma phrase no pino de cada campanario, na restea de cada telhado. A Trinité, o Louvre, o Hotel de Cluny, o Arco do Carroussel, os Invalidos, o Monte Valeriano, desfilaram eruditamente.

Com uma breve continencia á torre Eiffel, levámos o olhar para o Sacré-cœur, sobre o morro de Montmartre. Erguia-se na nossa frente enorme e branco como os trovões scenicos do Sinai. A Savoyarde, o



COLUMNA VENDÔME

grande sino, dobrava, O som espraia-se no ar, compactamente, em tolda sonora. Dir-se-hia o smorzo d'uma floresta de musicas, ou as ondas chorosas que passam plangentemente nos fios das estradas. E era doce e caricioso como uma recommendação de pae.

culo, no momento suave da gloria do sol, uma cruz parda, um minarete branco, fazem-nos da alma uma ave-maria. O Sacré-cœur é avistado diariamente por milhões d'olhos. E quem o avista, é quasi certo pensar em Deus e no Diabo, no coração divino



O AMIGO DOS PARDAES

De Lavillette, sempre cicerone, fez correr na roldana a sua loquela infinita.

Avista-se de muitas leguas em redondo o Sacré-cœur. E' tactica velha das religiões explorar com os seus templos a melancholia dos longes e a sobrançeria dos altos. A cruz alcandorada ha de ter sempre um olhar, seja do camponio que monda o feno, do viajante que assoma á portinhola do trem. Depois, á hora doente do crepus-

inflammando-se como um bocado de nafta. Elevou-se esta mole bisantina quando se supunha a França debaixo da sotaina. A questão Dreyfus desbaratou os clericais, e Charbonel, de braço dado com o espirito do seculo, partiram para a Butte de Montmartre e em frente da galilé plantaram o monumento heretico ao Chevalier de la Barre. Bloch moldou então o moço supliciado de dezoito annos, que não tirára o chapéu a

uma procissão, como um S. Sebastião d'aldeia. A peregrinação que passa descobrese, o guia, as mais das vezes um padre, passa adiante, sem olhos, por não ter labios para derribar o sacrilegio. Em cima, está Jesus, rico, em bellas carnes de marmore e lindos espinhos d'oiro; em baixo o supliciado, maltrapilho, gemendo uma agonia tirante.

A Savoyarde, tremenda, d'um peso de 27:000 kilos, continuava cobrindo Paris com a sua cupula sonora. No caixilho de pedra os braços musculosos de Christo mal sustinham o aneurisma luminoso do coração. E o zimborio alto parecia a tiara papal, apopletica, a rebentar.

A valsa sobre o Tejo e o orgue de Barbarie. — Uma anecdota de Rossini. — Cerejas de chapéo realistas. — Pedintes. — Os gatos de Lisboa e os cães de Paris. — Economia a torto e a direito. — Duas indoles estudadas n'um argueiro. — O cynismo do sim e o sentimentalismo do não.

Manhã baixa, correndo voluptuosamente no travesseiro, acordei sobresaltado como os regedores a quem alvorece á porta o hymno da carta. O orgue de Barbarie soluçava sob a janela, a Valsa sobre o Tejo. Espantei-me de não ouvir os sinos da Conceição repeniscando o fandango, e o cauteleiro a berrar em baixo os logaritmos da Santa Casa.

Ah! estava bem em Paris, a uma longitude respeitavel de Lisboa.

A musica que me ensinára as primeiras piruetas de dança, a velha bonne das tibias alfacinhas, abancára ali no square, no estomago raivoso d'um realejo. Com que asas arribára a par das ostras, do mail-coach Fontalva, do Portwine?

Joguei o meu nikel ao menestrel n'um gesto opiparo de sa-

tisfação. Mas a voz de Josine vibrou-me aos ouvidos ironicamente, como flauta ironica de Mephistopheles:

— Agora tens que mudar de casa se queres dormir as manhãs. Deixaste-te filar pelo realejo, és do realejo. Afinal não és a primeira victima.

E Josine abriu mão d'esta historieta, colhida certamente na vinha formosa d'algun artista.

Rossini e Halévy não iam muito á missa um do outro. Dia em que se topassem não nasciam flôres no teclado. E cada um para sua banda resmungava: hoje é aziago.

D'uma vez um realejo parou sob as janelas de Rossini a trincar uma phantasia do *Guilherme Tell*. Mascou-a pachorrentamente, engoliu-a, trouxe-a segunda e terceira vez aos queixos como os ruminantes.

Enfurecido sobre a sua obra massacrada, o compositor deu ao diabo o harmonio, cuspiu ameaças. Depois á chegada d'uma idéa questionou:

— Olhe lá, o realejo toca a *Judia de Halévy*?

— Sim, senhor.

Rossini puxou de dois francos, meteu-os á cara do tocador:

— Aqui tem e ha de ir toca-la á porta de Halévy. Quer?

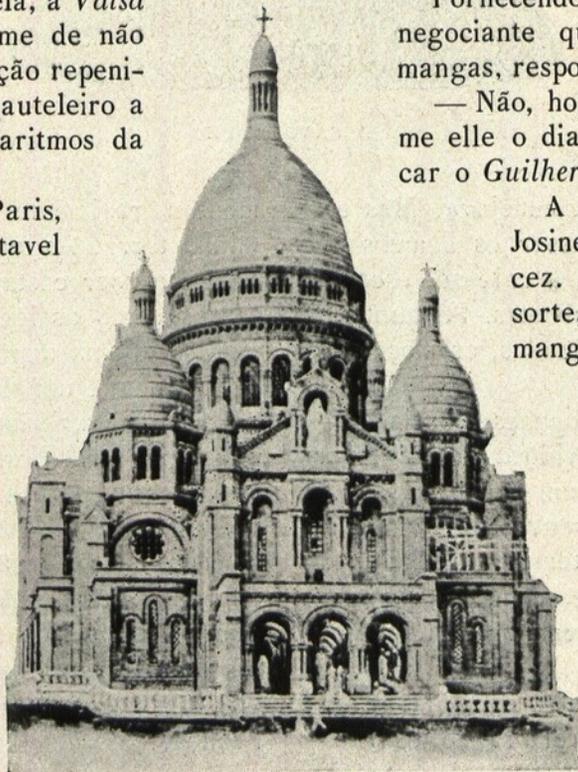
Fornecendo de novo corda, como negociante que não tem pano para mangas, respondeu:

— Não, hoje não póde ser. Pagou-me elle o dia para vir para aqui tocar o *Guilherme Tell*.

A prata fina dos dentes de Josine sorria um alegre francez. Amedrontado da minha sorte, debrucei á janella as mangas da camisa, a vêr a manhã passar na rua.

Provençaes cantavam ás janellas. Mais ao longe uma ocarina gania n'um pateo.

Josine sempre sollicita inteirou-me dos estatutos da mendicidade em Paris. Só ha licença de se dizer que se tem fome pela fifia da requinta ou pelo passe-calle do rea-



SACRÉ-CŒUR

lejo. No estio a miseria tem esta vidairada de cigarra. No inverno, quando sobe das ruas o gelado pregão de: caramelo! vae dormir para os templos, viajar todo um dia na quentura infecta do metrô por tres sous.

Agora as cigarras cantavam nos boulevards, nas praças, no meu square.

Corria em baixo uma semcerimonia d'aldeia. Galuchos de calça vermelha despejavam gargalhadas das mandibulas fortes. Mães passeavam os bebês no carrinho. Invadiam as *crémeries*, as *épiceries* mulheres em cabello, homens em sandalias, sem esse luxo asiatico de Lisboa que só manda as creadas á praça. As cerejas dos chapéus, enormes, descaradamente falsas em Portugal, não envergonhavam as cerejas rubicundas das carriolas.

Charlatães armavam a tribuna vermelha dos elixires. Paris burguês começava a sair para a rua, a arrotar ao café com leite da manhã. Cães, muitos cães dançavam uma dança d'aldeia.

Paris tem a mania dos cães, como Lisboa a dos gatos e Veneza a das pombas.

Ha-os de todas as gerarchias, felizes, com xaireis de seda no espinhaço, pobres, lazarus dos caminhos.

Na rua a lufa-lufa espumejava. Mas em todo o tempo não vi passar os homens de pau e corda, os creados, a ralé que escorre ao sol baixo nas ruas lisboetas. Perguntei a Josine pelos galegos lanzudos, os moços de esquina pé leve.

Nem a candeia de Diogenes toparia d'isso. Ou eram fosseis, devido a toda a casta de motocycles que andavam pelas ruas, ou o francez nunca fôra serventuário. Na obstinada mira de ganhar tempo, era natural suprimir-se o mandarete, como as ravinas, a mala-posta, a linguagem luxuosa do Hotel de Rambouillet.

Não me satisfiz; e contra esta alardeada economia de espaço disparei a razão dos francezes abancarem diariamente a cinco refeições, trincarem cinco meias horas infalliveis.

Ella abriu a cascata argentina dos mo-tejos.

Com aquelle regimen a digestão era mais suave, não pesava o somno nas palpebras, nem apetecia deitar-se a gente de papo para o ar, á sombra das bananeiras. Olha lá se os francezes morriam atufados d'ostras como os abades de Numa-Dôma, ou de orelheira e feijão como os fidalgotes de Camilo.

Barafustei patrioticamente; caiu-me um murro no vacuo. E ella teve o descoco gaullez de dizer que o que nos valia a nós, era sermos forrados de estomagos d'avestruz!

Depois, ladeando generosamente, mostrou-me que essa parcimonia de esforço se evidenciava até no vocabulario, a despeito dos

exorcismos da Academia. De *sous-officier*, *Boulevard Saint Michel*, *bataillon d'Afrique*, *metropolitano*, dizia-se actualmente *sousofi*. *Boul-mich*, *ba-d'af*, *metrô*, etc., etc. Para solicitações de qualquer ordem era bastante S. V. P. E em toda essa floresta de ruas raros eram os nomes com mais d'uma palavra. Heim, havia este senso pratico lá pela minha ridente praia do Atlantico?

Calei-me acabrunhado. A eternidade

montou realmente o seu estado maior na minha terra. As leguas são das velhas as levarem a roer castanhas, e as expressões extensas como as leguas. O *vossa excellencia* moroso, d'uma morosidade de liteira, enchonos a boca, é um alinhavo sem o qual se descoze a galantaria das palestras. Lavramos nos envelopes um *Illustrissimo e excellentissimo senhor* que parece o longo cabeçalho das epistolas de S. Paulo. E ha placas pelas ruas com toda esta trovoada de sylabas: *Avenida Antonio Augusto d'Aguiar*. Coisas que dispendem na larynge a força de muitos cavallos, que escrevemos, fallamos espevitadamente com a clareza d'um actor de França.

Josine escutava regaladamente a minha critica honrada. E para me convencer do



A SAVOYARDE

respeito musical nas amputações do seu idioma, apresentou se não era mais sonoro, d'uma eufonia mais doce e mais cantante requisitar: um *bock blonde*, em vez de: um *bock de bière blonde*, como é de crer se dissesse no tempo em que os cachimbos prussianos do cerco fumegavam sobre Paris.

Lembrei-me então das tascas do Largo do Regedor, á hora esfomeada de fechar o Normal. E, n'uma estridencia alegre de charamella, clamei:

— Infelizmente, Josine, infelizmente não temos por habito dizer um *bock loira*; mas para o figado de vaca com batatas temos uma metaphora gentil e veloz: iscas com ellas! Heim, Josine?

A minha amada mergulhou no banho o esculptural alabastro. E os meus raciocinios ficaram a pingar como as mangas desabotadas da minha camisa de noite.

Convencido estava eu da vida brusca, utilitaria, de Paris, e da vida mole lisboeta, ininterrupta lesma desde as secretarias do Estado aos cavacos na botica.

Como em fulcros podia montar-se a estrutura vital dos dois povos nas particulas — *sim* e *não*.

Oui é a palavra francez de mais gasto. A sorrir, a cantar, nos negocios, no amor. O francez recusa, edificando toda a sua linguagem em locuções affirmativas. Mente, é cynico, mas o *sim* é doirado, é um solfejo, abre discretamente a cortina dos caninos.

Não é o termo que anda mais aos pontapés na linguagem portugueza. No trabalho, nas temeridades da lucta, no coração das mulheres topa-se invariavelmente o *não* indolente, sceptico, medroso.

Sobre barricadas d'adverbios negativos affirmamos, vendemos a alma ao diabo, perdemos a fortuna á roleta. Está o céu muito azul, bate-nos a sorte á porta, caem sem repulsa os nossos labios gulotões nos labios

prohibidos, e ainda o *não* perpassa, mazorreiro, zumbidor.

Distilavam-se assim os meus pensamentos matinaes. Josine chapinhava na agua

As sombras negativistas do sul envolveram-me a alma n'um abraço estrangulador de urso.

— Josine — clamei eu — vou-me matar. Queres morrer comigo?

E os labios maliciosos, como o corolario da minha philosophia, responderam:

— *Oh! oui, mon gars!*

Robe escandalosa. — O céu dos pardaes. — Pretenciosidade portugueza. — Melancholia meridional. — Outros os beijos.

Asas de cristal, o ritornelo zumbia no ar perfumado:

Ne pleur' pas si je te quitte
Petite Anne, petite Anne, p'tite Anamite,
T'étais ma p'tit' bourgeoise
Ma Tonkiki. ma Tonkiki, ma Tonkinoise,
Dans mon cœur j'garderai toujours
Le souvenir de nos amours!

Sob os pés dos amantes cantavam tambem as palidas areias das Tulherias. Distrahia, dando o braço a Josine, a saudade das minhas serras, da renda caprichosa das paredes ruraes, das estradas velhas melancholicas.

No manto grego das relvas, entre os bronzes e as aguas, meninos, como um exame de borboletas, brincavam. E Josine foi saltar entre as borboletas, correr as aleas, de robe Directorio arregaçada, deixando possuir ao olho burguez o *mollet* de deusa.

Emquanto a robe adejava sobre a relva como as asas doidas d'uma gaivota, a meu lado um diabo de oculos dava aula aos pardaes.

— Senhor Ali-Babá, venha petiscar — e um mariola impavidamente saltava-lhe para os dedos.



PANTHÉON

— Menina Clara, uma valsa. — E ao solfejo ti-ti-ti-ti-ti-ti, o homem e a pardaleja, alma de dançarina talvez em pantheista transmigração, polkavam.

Depois uma tulha de migalhas banqueteara o rebanho dos passaros.

Fiquei a pensar se não era ali no antigo jardim dos reis de França o céu dos pardaes, que as avós beiróas promettem aos netos guerrilheiros. Ao pé d'estes, comendo e bebendo á barba longa, eram uns tristes proletarios os pardaes da Avenida, chorando eternamente a sua grazina de pobres.

Fumegava como um perfume asiatico a minha nostalgia meridional. O sol fugia para traz do Bois, empurrado por umas nuvens que não eram castellos, nem naus, nem guitarras como as do céu portuguez.

N'um banco deparei com duas damas que conversavam em *lingua de cão*, como no *Moulin Rouge* é acويمado o nosso idioma. Isto não rouba a galhardia com que os portuguezes apparecem nos *fabliaux* do afamado centro de bohemia.

Abordei o celeste banco que ouvia o idioma dos antigos espadeiros, dos lobos do mar:

— Perdão, minhas senhoras. Se não estou em erro, somos compatriotas?

Foi examinado o meu colete de phantasia, o meu monoculo, e os olhos maliciosos de Josine. E a mais durasia fallou-me d'esta maneira:

— Ah! sim, mas o senhor pelo acento vê-se que é da provincia.

— Dos serros da Beira, é certo, minha senhora, o que não me tira a qualidade de compatriota.

A outra dama fitava as biqueiras polidas das botinas. A minha interlocutora trazia

pelo alto das arvores o nariz arrebitado. Calámo-nos.

— De resto — tornei conciliador — habito em Lisboa. E parece-me mesmo que conheço vossa excellencia de lá.

— Pois eu não o conheço.

— Sim, mas eu se a conhecia era apenas de vista. Lisboa é tão pequena...

— E' que eu resido ha muito em Paris.

— Perdão então, minha senhora, pela honra que injustamente me dava. Perdão.

Emmudeci vergonhosamente.

Aquella matrona queria ser parisiense e eu que a conhecia, á legua, da Avenida aos domingos, do Gymnasio em noites de beneficio. Josine cruelmente fazia-me cócegas no braço.

— Minhas senhoras, passem muito bem. Encantado de encontral-as.

Só então a segunda dama pousou na nostalgia verde de meus olhos, a sua

nostalgia negra, meiga, quem sabe se amante.

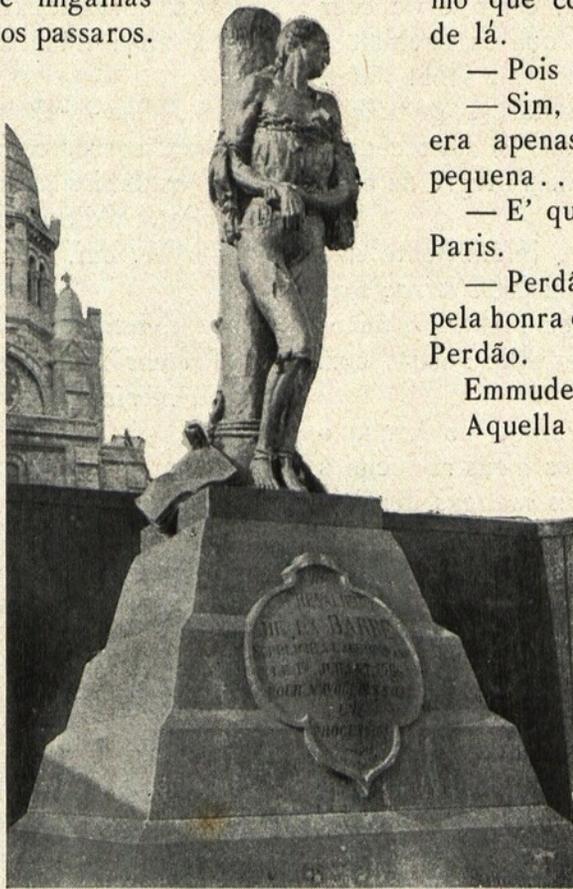
Josine protestou afogar-me as tristezas no champagne das garrafas e no champagne das alegrias. Pelo seu braço gentil amesendei a um agape opiparo de artistas.

O vinho, o riso e a chalaça correram ao desafio. Aos cremes os labios subtis das mulheres chupavam os dedos lambusados. E no capitel aguardentado do meu craneo ainda coube a reflexão de que as costureiras de Lisboa, em noites de entrudo, se limpavam aos guardanapos.

Noite alta, trocámos o beijo fraternal, esthetico da despedida.

E todas as vezes os meus labios ficaram crentes de se haverem colado n'um pastel de nata, n'uma drogaria ambulante.

Decedidamente, para a minha nostalgia até os beijos eram outros!



MONUMENTO AO CAVALLEIRO DE LE BARRE



Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XX

O DR. LUTHERO JAMES

Um convívio mais íntimo com o dr. Luther James convenceu-me que era uma pessoa notavel, que nascera fóra da sua geração. Cincoenta annos atrás figuraria admiravelmente nas diversões communs ás características mediocridades dos chefes de familia d'esse tempo. Creio que os seus medicamentos andavam atrasados meio seculo e que as suas idéas sobre cirurgia eram das mais primitivas. O motivo porque Mr. Cavanagh o trouxera a Hespanha não o sabia, a menos que não fosse para deixar em paz a doente de Waterbeach. O mais bonito do caso é que me encontrei só com elle em Madrid e fui obrigado a jantar em sua companhia no restaurante Viviana.

—Preciso de bem pouco para viver feliz, Mr. Ingersoll — disse-me quando nos assentámos, — dê-me um bom pedaço de carne assada, uma costelleta de porco a seguir, um bocado de queijo Stilton e uma pera, e não me queixarei da minha sorte. E' ouro sobre azul quando ha qualquer vinho espumoso e um par de olhos negros, como aquelles que estão além, do outro lado da mesa. Nunca me atreveria a pro-

ferir semelhantes palavras quando minha mulher era viva. Nunca consentiu que visittasse nenhuma doente com menos de quarenta e tres, mas não se lhe importava nada com as que contavam mais de sessenta. Quando penso que ella não existe, lembro-me que posso cortejar qualquer d'estas alegres *señoritas* sem que ninguem lhe vá com mexericos. Eh, Ingersoll, os indiscretos é que deitam tudo a perder cá n'esta vida!

Concordei. Como anciava por conhecer o motivo porque Mr. Cavanagh não viera comnosco, diligenciei informar-me do que elle sabia. Foi trabalho baldado. Depressa comprehendí que ignorava completamente as intenções do meu chefe.

— Foi visitar o rei, creio, — eis o maximo que pude obter do doutor — Como sabe é muito rico, Mr. Ingersoll. Tenho muita pena d'elle por causa do seu infortunio, . . . não obstante acreditar que a esposa se hade curar. Fiz tudo quanto pude para a restabelecer, e não acredito que nenhum medico faça mais. E' um soberbo café, não é? Meu caro, que quantidade de mulheres bonitas . . . e contaram-me que Madrid se encontra vazio!

— Talvez — respondi — se exceptuarmos o milhão que ainda resta. Tambem Londres

fica sem ninguém em agosto. Toda esta gente vem aos rebanhos do campo para assistir ás touradas. E' uma festa local, um dia fóra do commum; fomos felizes. Mas não ha duvida que a côrte não está cá.

— O infortunio de Mr. Cavanagh! . . . — e riu tão estrepitosamente que metade da gente do restaurante voltou a cabeça. — Poderíamos ter jantado com ellas e contado as nossas melhores anedotas. Vamos dar uma volta pelas lojas? Talvez seja melhor ficar aqui a vêr as damas. Louvado seja Deus, poderia fazer semelhante coisa se minha mulher fosse viva?!

— Ter-lhe-hia tapado os olhos com um guardanapo. Vamos comer sopa á biscainha e escolheremos depois qualquer outro prato. Os preços da casa arruinariam o proprio Vanderbilt a ajuizar pela lista.

— Ah, mas não se apoquente Cavanagh paga tudo. Deu-me vinte libras, que tenho aqui na algibeira.

— Podemos refastelar-nos á vontade. Que me diz de um *sole á la Victoire*, figado de vitella, costelletas de carneiro e pato? O melhor vinho é o de Val-de-Peñas, é o vinho de que gosto mais. O champagne é um pouco de assucar-candy. Que responde, doutor?

— Peço desculpa, foi alguma dama que lhe aconselhou esse vinho, tenho a certeza. Ah, ah, estes sitios obrigam-me a voltar aos meus vinte annos. Se assim é, beijo-lhe as mãos, embora tenha de andar muito para trás para os encontrar.

— Esfaltar-se-hia sem resultado. Meu caro amigo, lembre-se que estamos em Hespanha.

— No purgatorio, se faz favor. Estou sempre no purgatorio quando veja uma mulher bonita e não tenho a honra de a conhecer.

O medico riu com tanto ruido que eu principiei a envergonhar-me. Realisava o typo do inglez que, sem consciencia, faz papeis de bobo no estrangeiro com grande descredito da nação. Este digno homem nunca se portaria assim no Savoy; porque procedia de tal modo no café Viviana em Madrid?

— Não quero saber para nada da faculdade de medicina — exclamou depois de uma pausa, e de beber um bom copo do soberbo vinho tinto de Val-de-Peñas. — Quando se está em Hespanha, precisa-se ser hespanhol.

— Mas em Hespanha não se olha para as mulheres bonitas que não se conhecem.

— Não se olha, não! O velho coronel Hartlook, meu visinho em Waterbeach, olhou tanto para uma linda hespanhola de Malaga, que ella deixou-lhe quinze mil libras. O coronel é myope como uma mula, e embora a donzella contasse cincoenta e cinco, casou com ella como se tivesse vinte e tres. Não podia remediar o mal, Mr. Ingersoll, e foi obrigado a apresentar-se durante um verão quentissimo com uma mulher tão velha que poderia ser sua avó. Afortunadamente a divindade morreu de uma cachexia senil, e elle empochou aquelle dinheiro. Não me fale n'essa contingencia de olhar ou não olhar, quando não largo-lhe o coronel á perna.

Na verdade o velho era incuravel. **Conversava incessantemente; o diapasão da sua voz augmentava a cada copo que despejava.** Metade das pessoas do **café** olhavam para nós, e imagine-se qual não foi o meu espanto, quando se me deparou uma dama de chapéo de palha com uma pluma côr de rosa . . . exactamente a mesma dama que Mr. Cavanagh me recommendara que não perdesse de vista durante a tourada. No mesmo instante em que eu a vi e me recordei, o medico tambem a viu e principiou a commentar a sua belleza.

— Ah! é a isso que se póde chamar uma mulher de truz! — disse, dando uma punhada em cima da mesa — Repare que porte aquelle, de cabello preto como o azeviche, Mr. Ingersoll, e deve ter um genio dos diabos, aposto. Mas que nos importa a nós com o seu genio se nos vamos embora amanhã de manhan? Essa rapariga tem dois mil *hidalgos* na sua biographia. Olhe para aquelle modo de assentar os cotovêlos. Se houvesse qualquer maneira de lhe ser apresentado.

— O quê! — retorqui — e os tres hussares que estão com ella! Equivalia quasi a um suicidio.

Conveiu no asserto com relutancia.

— Um hussar é um homem bem desagradavel . . . no estrangeiro entenda-se bem. Um d'elles andou atraz da minha pessoa mais de metade de Berlim, só por eu dizer a uma senhora que minha pobre mulher morrera. Quiz o acaso que fosse sua esposa, . . . que pouca sorte a minha! Bem, bem, o mundo é uma coisa divertida, e eu nunca me fiaria n'uma rapariga com seme-

Ihantes olhos. Sabe, lembro-me de a ter visto já em qualquer parte, mas não me recordo onde. Talvez em Paris, é possível.

— Viu-a esta tarde — expliquei-lhe — no camarote presidencial, na tourada. Veiu aqui sem mudar de vestido. Não ha duvida que reside no campo, como toda a gente n'esta época do anno. Galope ámanhan umas cem milhas, e saberá onde vive. Aconselho-lhe, no entanto, e com muita seriedade que não olhe para ella com tanta persistencia. Os nossos amigos hussares parecem não concordar com uma admiração tão accentuada.

A estas palavras James voltou-se sem detença, o que me deu a conhecer que a coragem não era o seu forte.

— Talvez seja melhor irmo-nos embora.

— Optimo, se acabou o seu café e pagou a conta.

Levantou-se com estrepitosa alacridade e sahiu aos tropeções do restaurante, . . . quando os hussares azues se dispunham a ir-lhe no encalço. Felizmente appareceu-nos uma carruagem, onde nos mettemos. No caminho para o jardim, o medico conseguiu readquir a sua serenidade.

— O caso poderia ser serio, Ingersoll — commentou, pondo de parte pela primeira vez o tratamento ceremonioso. — Cavanagh não haviã de gostar de nos ver comprometidos n'um duello, ou em qualquer loucura de equal jaez.

— E o senhor gostaria, doutor?

— Está-me na massa do sangue. Meu pae, quando foi medico da embaixada de França, bateu-se com tres francezes e apanhou tres balas no dia em que morreu. Contava-nos sempre as suas aventuras. A escaramuça em que entrei em Shaikawati não é nada comparado com os seus combates, mas fiquei com um signal para sempre nas costas.

— Nas costas! — exclamei eu, observando de relance que o medico córava como uma rapariga.

— O covarde esperou para me ferir quando eu retirava. E' aqui o jardim, não é verdade? Já lhe disse que podiamos ver metade das mulheres bonitas de Hespanha por duas ou tres pesetas. Olhe, só agora tenho deante de mim mais de vinte e duas.

— Pois podia ir mais além, até sessenta ou setenta! — accrescentei.

O jardim offerecia as mesmas e inanes

diversões que são apresentadas em todas as cidades do continente para recreio dos viajantes inglezes e dos egualmente curiosos filhos de Chicago. Ouvimos qualquer vulgaridade franceza barata, acompanhada por um vadio com uma voz de fagote; um pelotiqueiro fez habilidades tão simplorias como as do tempo da rainha Anna; uma agil donzella de cincoenta e tres primaveras, ou coisa que o valha, falou-nos de amor com um timbre tão roufuenho que parecia a buzina de um automovel. Pela minha parte não só o passatempo se me tornou insupportavel, mas senti um irreprimivel impulso que me obrigava a voltar á casa onde residiamos, impulso que nada explicava, mas que nem por isso deixava de ser intenso. Senti que devia voltar immediatamente, sem nenhuma razão plausivel, a encontrar-me sem demora com Mr. Cavanagh. Submetti-me de bom grado a esta insolita imposição.

— Conserve-se por aqui — disse para o ruivo D. Juan, que acabava de me contar pela millesima vez que a sua defunta mulher nunca sobreviveria aquella tarde — se precisar de mim para quaesquer preliminares, encontra-me na *calle d'Alcalá*. Talvez não seja mau comprar uma guitarra e um par de pistolas. Não se importe com os meus preconceitos, rogo-lhe.

Respondeu-me negativamente, e tendo chamado a minha attenção para outro monumento antigo que, declarou, era a fiel imagem da sua finada esposa, e que sorrira já duas vezes para elle, despedi-me do enamorado medico e voltei a pé para casa. Seriam cêrca de dez horas e toda a gente de Madrid andava na rua. A tourada, convenci-me, era o thema universal das conversas, e encaminhei-me, indignado, através dos grupos risonhos, para a *calle d'Alcalá*, onde ficava a casa alugada por Mr. Cavanagh. Nem por um momento suppuz que elle estaria ali quando eu cheguei. O motivo d'esta visita a Madrid constituia um segredo que ninguem me confiara. No fim de tudo gostava que assim acontecesse, e resolvi ir direito para o meu quarto e deitar-me sem reflectir mais no assumpto.

Preciso confessar que a faceta idéa da hypnotica suggestão não me perturbou durante muito tempo. Não pensei em mais nada apenas sahi do café. Menos lenta a

dissipar-se foi a idéa que eu me esquecera de que Mr. Cavanagh me recommendara de tarde. De tal modo me impressionara o triste drama da arena, que olvidara tudo mais. A linda mulher que elle desejava que eu observasse, o signal que deveria fazer, o velho que havia de responder a esse signal, tudo isso se me varrera da memoria. E tinha a certeza que Mr. Cavanagh me exprobaria o esquecimento. Não contava em absoluto com a fidelidade de quem o servia?! Este pensamento envergonhava-me. Deliberei confessar-lhe o descuido não occultando nada. Poderia occultar alguma coisa de um tal homem?

Introduziu-se-me essa obsessão no espirito e quando cheguei ao alto da escadaria toquei a campainha. Apareceu-me o melifluo creado Edward á porta. No murmúrio que lhe era familiar, informou-me que Mr. Cavanagh regressara e, o que acreditei, estava dormindo na sua poltrona.

— Mas pode lá entrar sem o despertar, — propoz o serviçal — e mesmo que o acorde não se ha de importar; não gosta de dormir na cadeira.

Inclinei a cabeça e empurrei a porta da sala muito devagarinho. Os quartos, deveria ter já explicado, ficavam do outro lado da sala, e não tinham portas para o corredor principal. Assim, para entrar no meu quarto, arriscava-me a incomodar Mr. Cavanagh, e não tinha grande pressa de o fazer. Com muita cautela e com pé leve por cima do espesso tapete, abri a pesada porta e espreeitei para dentro. Pode julgar-se do meu espanto quando se me deparou, não só Mr. Cavanagh, mas um dos hussares azues que vira ainda não havia duas horas no restaurante. O militar encontrava-se a tres jardas da cadeira do meu chefe. Um simples candieiro de leitura illuminava o grande aposento. Não se ouvia o mais pequeno ruido.

Entrara na sala tão silenciosamente que o intruso, dominado pelo seu intento, não dera por mim. Não era muito para admirar o caso. Quando os nossos pensamentos se concentram n'um designio, os sentidos, que não teem applicação directa ao fim, pregam-nos algumas pirraças. O militar, comprehendendi, precisava apenas dos olhos, e nem por um momento eu duvidei do seu intuito. Encontrava-se ali para matar Jehan Cavanagh, e se eu entrasse no aposento dois segundos

mais tarde levaria a cabo o seu fito. A sua mão nervosa apertava a coronha de um revólver. Denunciava-o o passo indeciso, o andar vacillante. O homem era um assassino convicto.

Presume-se com que rapidez abrangi a significação d'esta estranha scena e da quasi tragica irresolução que me dominou quando estaquei. Que devia fazer, em nome de Deus?! Um passo mais seria fatal á salvação do meu amigo; um simples gesto seria a sua perda e talvez a minha. Pensei durante um segundo saltar ás costas do assassino e confiar tudo a essa estúpida probabilidade. De subito, n'um relance, monologuei: «O melhor é apagar a luz, o candieiro está perto, sem um movimento; nenhum outro plano dará resultado.» E, imaginem, ao passo que eu debatia isto, o desconhecido militar ia-se approximando da cadeira de Mr. Cavanagh. Vi que apontava para o coração do meu chefe, e n'um momento de oppressivo desespero, arrisquei tudo, dei um passo para a mesa, agarrei n'um pesado bloco de marmore que segurava os papeis e atirei-o ao homem. O assassino cahiu sem sentidos sobre a grelha da chaminé e no mesmo instante Mr. Cavanagh acordou e pronunciou o meu nome

— Ingersoll! Santo Deus que foi isso?

— Não sei, Mr. Cavanagh. Aquelle homem tem um revólver na mão e eu...

Faltaram-me as palavras. O horror e a realidade do acontecimento esmagavam-me, opprimiam-me, e, acreditando que matara o homem, principiei a soluçar como uma creança. O meu chefe continuava a olhar admirado para mim e para o militar, que enterrara a cara no tapete negro da chaminé, com o revólver ainda seguro na sua mão crispada.

— Meu caro amigo! Sinto muito... comprehendendo agora.

Endireitou o seu corpo inclinado e virou-se para mim. Fazendo um grande esforço para recuperar a minha compostura, ergui-me e diligencieei narrar-lhe o acontecido. Mas o seu espirito perspicaz não necessitou de explicações. Percebeu tudo como se tivesse visto o caso.

— Foi uma grande negligencia — commentou socegradamente. — Receava vir a Hespanha com a maior parte dos meus agentes por fora, mas a viagem tornava-se ne-

cessaria. Não se repetirá um descuido semelhante, Ingersoll. São duas lições que apanhei, a primeira das quaes é que devo ser vigilante. Vejamos se ainda ficou em Hespanha algum homem intelligente. Faça favor de tocar a campainha duas vezes, Ingersoll. E' bom para si fazer qualquer exercicio.

Toquei a campainha como me era indicado e o que se seguiu surpreendeu-me mais uma vez. O aposento encheu-se rapidamente de uma porção de policias que entraram com a pressa de lobos em busca de uma rez. Mr. Cavanagh trocou com o chefe d'elles algumas palavras breves. Não as ouvi, mas observei que agarravam no militar prostrado e sacudindo-o até que abriu os olhos, levaram-no brutalmente d'ali. Depois de sahirem Mr. Cavanagh tocou a campainha pelo seu creado Edward, e ordenou-lhe que trouxesse garrafas.

— Porque voltou tão cedo, Ingersoll? — perguntou-me. — Pensava que fôra passar a noite ao jardim.

— Fui, mas havia não sei quê que me obrigou a voltar. Ri-se com certeza d'esta minha idéa.

Meditou um instante enquanto accendia um charuto.

— Seria um louco se risse d'um homem que teve uma inspiração — declarou. — Dei-

xou o digno doutor e foi impellido a vir até cá. O homem já estava aqui quando entrou?

— Já; achava-se perto da mesa. Eis o que é mysterio para mim; como conseguiu chegar até junto de si com tanta gente em redor?

— Entrou porque tinham ordem de o deixar passar. Lembre-se d'isso, Ingersoll; sabia que viria e dormitei.

Santo Deus! Do que depende o nosso destino! Em todas as existencias ha um momento em que o somno nos domina. O homem veio meia hora mais tarde. E eu illudi-me com a crença de que fôra prevenido e que não viria. Mas não lamento que succedesse assim. Salvou-me a vida, Ingersoll.

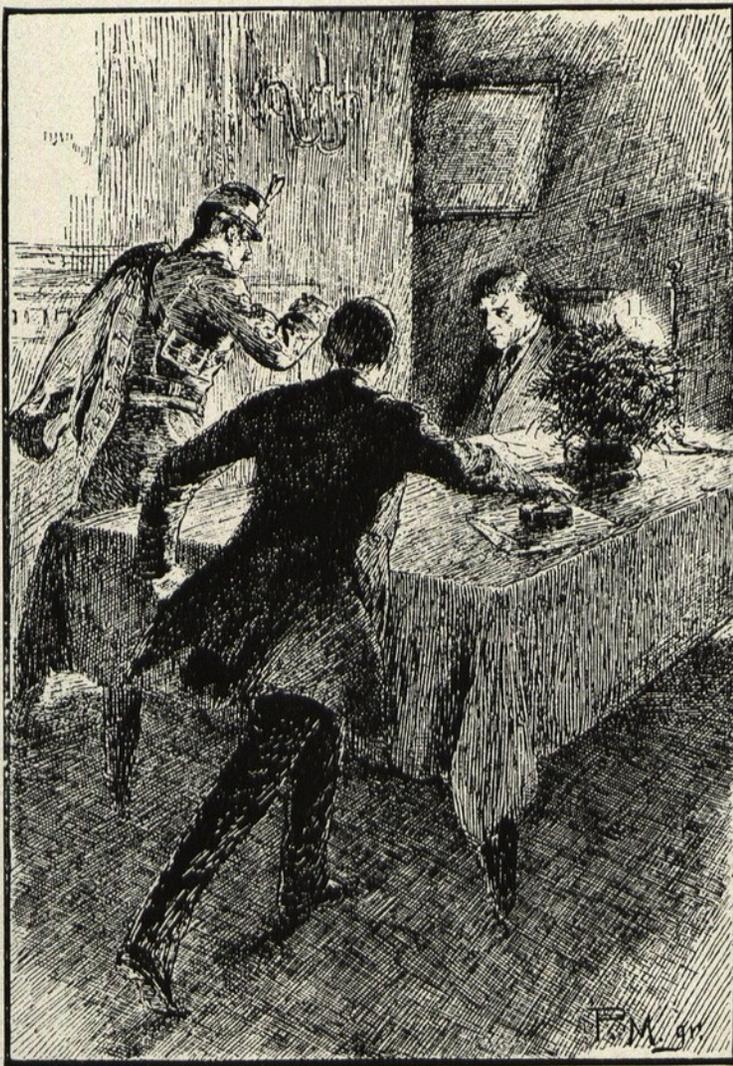
— Não me envergonhe. Não fiz mais que qualquer outra pessoa faria nas minhas circumstancias.

— Não lhe permitto que

diga isso. Olhe bem para mim Ingersoll — deixe-me ler nos seus olhos — os olhos de um amigo que me salvou hoje duas vezes.

— Duas vezes!

— Sabe muito bem de quê... do açougue d esta tarde. O senhor, Ingersoll, parece ter sido escolhido para me arrancar d'ali... para me levantar acima d'aquella carnificina... para me ensinar o que devo a mim mesmo. Não queria ouvir falar de impulso? Porque não se ha de aproveitar qualquer



VI QUE APONTAVA PARA O CORAÇÃO DO MEU CHEFE

palpite n'esta sombria comedia a que chamamos vida? Temos provas d'isso todos os dias. Lembra-se do impulso que o fez lembrar de mim em Cambridge, do impulso que o trouxe aqui hoje. Acêrca de impulsos e de palpites ha muito que falar.

Excitara-se singularmente, andando de um para outro lado na minha frente enquanto falava. Quando me apertou muito commovido a mão, pensei que me ia contar qualquer passagem triste da sua vida, mas antes de principiar bateram á porta e entraram tres chefes de policia. Atravessou-lhe então o rosto um relampago de contrariedade e deu-me as boas noite de uma maneira que não estava nos seus habitos.

— Até ámanhan pela manhan cedo — recommendou-me, — temos que partir para Barcelona.

XXI

BARCELONA

Nunca vi Jehan Cavanagh de espirito tão bem disposto como no dia em que partimos para Barcelona. E' verdade que o principiamos bem tristemente, mas depois animou-se, e estou certo que o digno medico desejaria nunca ter nascido, tão incessantemente o martyrisamos.

Declarei que o dia principiara tristemente, Quer isto dizer que entramos, no nosso caminho para a estação, na velha cadeia perto da Ponte de Toledo, e sendo immediatamente recebidos pelo governador, descobrimos n'uma das cellas mais frias do sinistro edificio, o joven militar que tentara na vespera contra a vida de Mr. Cavanagh. A indiferença d'esse homem, o seu ar impudente, a sua inconcebivel jactancia declarando que se encontrava cansado da vida, não arredava de mim a idéa da morte que pesava sobre elle. Vi que apesar das suas gabarolices o criminoso receava morrer, que a tragedia do seu credo o esmagava com a inevitavel penalidade, que a sua juventude o attrahia para o gozo e para os amigos de quem se afastara tão levemente. Quando sahimos da prisão, sube que se chamava Juan Villegas, e que elle e a irman se alistaram n'aquelle bando de fanaticos de Barcelona, que conta os mais activos e desprendidos anarchistas da Europa.

— Intercedi pelo homem e especialmente pela irman — disse-nos Mr. Cavanagh quando nos retirávamos — mas podem imaginar o que significa essa diligencia n'um paiz como este. O garrote já está preparado para ambos.

Não respondi. Acudira-me ao espirito uma curiosa circumstancia. O dr. James não podia, porém, acreditar nos seus ouvidos.

— A rapariga morena com uma pluma côr de rosa no chapéo? — mas Cavanagh, estive quasi a ser-lhe apresentado.

— Meu caro doutor agradeça ao céu a sua prudencia. Se tivesse succedido semelhante coisa talvez se achasse agora com os pulsos algemados.

Cavanagh espraizou-se em considerações sobre o facto, que seria muito difficil de dar-se em Inglaterra, de quanto a alta sociedade na Allemanha, em França, na Italia e approximadamente em todos os paizes continentaes estão ameaçadas por essas morbidas e decadentes creaturas, que não reconhecem a lei e que estabelecem o cahos por meio do morticinio.

— A edade robustece a idéa que pergunta: «Porque é que os outros homens me hão de compellir a mim?» — argumentou — Porque me hei de submeter a restricções que se tornam necessarias á sociedade como um complemento, mas que se convertem em instrumentos de despotismo? O ensinamento é absolutamente falso para justificar qualquer commentario sobre isso, mas existe e os discipulos tornam-se cada dia mais numerosos. Os governos em vez de os combater, ainda lhes dão mais largas. Sabemos que a mordedura de um cão se cura com um pello do mesmo cão, mas é uma maxima que um homem com auctoridade não deve ouvir. Supponhamos, Ingersoll, que eu assistia á grande reunião anarchista d'esta noite e atirava com uma bomba para o meio dos circumstantes. Não praticava um preceito revolucionario? Chamaria a isso assassinio ou desforço? Todavia demonstrar-lhe-hia como é facil proceder assim sem risco para os que são ministros d'esta selvagem justiça. Devia o governo punir esse homem ou premiá-lo como bemfeitor? Não m'o pode dizer — a pergunta é difficil mas os governos hão de ser obrigados a responder-lhe cedo ou tarde. Olhe para o nosso contente doutor, ouve todo este arrazoado como se o perigo estivesse a milhares de milhas d'elle.

Está certo que ninguem nos fará mal hoje? Sente-se completamente a salvo n'esta caruagem? Os crentes são sempre felizes. Como eu o desejaria ser!

Luthero James não ficou socegado.

— Que quer dizer quando perguntou se estávamos certos que ninguem nos faria mal hoje, Cavanagh?

— Meu caro doutor, quem pela primeira vez observou os olhos d'ella não os torna a esquecer. Diligenciou ser apresentado á señorita Inez de Villegas. E se os seus amigos o tomassem por espião e o apunhalassem no centro de Barcelona? Como poderia eu protegê-lo? O meu auxilio seria igual ao de uma creança. E ainda se lamenta, como se estivesse na rua Trinity, em Cambridge, contemplando um boião de doce de morango n'uma mercearia!

— Meu Deus, Cavanagh, põe-me calafrios na espinha! Isto é peor que Shaikawati. O comboio pára em qualquer estação antes de chegarmos a Barcelona?

— Em duzentas. Pode-se ser assassinado ontras tantas vezes.

— Seria melhor falar ao conductor,

— Ao conductor? Pois não é elle o celebre Piombino que revolucionou a população de Barcelona o anno passado? Se fala com elle é homem morto. Acalme-se e leia um jornal... não se esqueça que está em Hespanha. Se não perceber tudo, leia os titulos das noticias. Accenda um charuto, homem, e mostre-se alegre.

Foi o mesmo que se lhe pedise que accendesse um pharol no cume do monte Branco. Confesso, porém, que a imbecilidade de Luthero James pouco me divertia n'essa manhã. Conhecendo a vivacidade das convicções de Mr. Cavanagh, a confiança que tinha em si proprio e na sua missão, aquella loquacidade provava uma de duas coisas: ou que queria occultar de nós quanto lhe custava mandar Villegas e a irman para o patibulo, ou que aprendera a dominar todas as commoções, e principiara a satisfazer a avidez de sangue que eu surprehendera na sua attitude na tourada.

Esta ultima supposição era tão horrivel que a arredei immediatamente. Faria um monstro de um homem que eu julgara um heroe, uma figura da historia do mundo,

um homem dedicado combatendo em nome de Deus as legiões do assassinio e do chaos? A isto havia a addicionar os meus secretos pensamentos que nenhuma resolução extirpara. Que fóra feito da minha pequena encarcerada? Não lera que ella estivera em Barcellona na mesma casa em que vivia Villegas? O nome delles recordavam-me o seu. Repeti-o amargamente, reflectindo quanto deveria ter soffrido desde que a tinham levado de Barcelona. Quem ousaria afirmar que os seus brancos hombros não tinham já sido açoutados?

Como era de prevêr não disse nada d'estas coisas a Mr. Cavanagh. Fossem quaes fossem as esperanças e receios que trouxera de Bruges, determinara não as confiar a ninguem. Poderia o nosso exilio transportarnos a qualquer parte, mas não era facil dar-se a coincidencia de chegar a sitio onde pudesse auxiliar Paulina Mamavieff e cumprir as promessas feitas num instante de infantil cavalheirismo.

Na verdade, aquellas palavras envergonhavam-me. Era como um homem que tenta occultar algum grande segredo d'elle proprio, procurando justificar com argumentos profundos, encobrimdo um thesouro com o véo de uma allusão pessoal e declarando que tal coisa nunca existira. Confessara tudo, affirmara que a imagem de Paulina não me sahia de deante dos olhos, acordado ou a dormir, que a minha creança na sua innocencia permanecia firme, talvez — quem sabe! — que teria feito sacrificios para a salvar?

Chegamos n'essa noite muito tarde a Barcelona e embarcamos immediatamente no yacht de Mr Cavanagh, *Lobo do Mar*. Era uma esplendida embarcação. N'essa noite apenas vi o magnifico salão onde ceamos e o luxuoso camarote onde me alojei. Mr Cavanagh, disse-me que precisava conversar commigo, mas que primeiro ia lançar uma vista de olhos pela correspondencia. Principiamos á andar á meia noite em ponto e encontrávamo-nos a um par de milhas de terra quando occorreu o momentoso acontecimento que impressionou toda a Europa, acontecimento que representou para mim o mais estupendo espectáculo que os meus olhos teem presenciado.

(Continúa.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

SETEMBRO DE 1808

Dia 30

Um decreto da regencia ordena a organização do exercito, a fim de se pôr o reino ao abrigo de qualquer insulto. Os corpos das tres armas, que formavam o exercito portuguez quando Junot o desorganizou, reunir-se-hão nos quartéis indicados no mesmo diploma, devendo os officiaes e praças de pret, que lhes pertenciam, ali apresentar-se immediatamente, a não ser que já estejam em outras unidades, pois em tal caso poderão optar por estas. Os trabalhos de organização, disciplina e instrucção devem começar com toda a actividade possível, visto que é de crer que em breve tenham as nossas forças de emprehender operações de guerra em Hespanha, contra os exercitos francezes.

As tropas nacionaes, que se haviam levantado em varias provincias durante a sublevação contra Junot, eram — segundo outro documento elaborado pelos governadores do reino com destino ao Principe Regente — «um composto monstruoso, que provava, sim, os esforços extraordinarios que tinham feito as mesmas provincias para sustentarem a determinação em que se achavam de sacudir o jugo tyrannico que as opprimia; mas não se podiam por modo algum considerar como exercitos regulares».

Esses corpos, em que tinham entrado destacamentos de varios regimentos, e numerosos recrutas de quinze dias e um mez, estavam, na maior parte, munidos de armas pessimas e deseguaes, e até desarmados, faltando-lhes além d'isso munições e muitas outras coisas indispensaveis para a guerra. Exceptuados alguns dos que tinham vindo

do Porto no exercito de Bernardim Freire, os outros achavam-se muito mal fardados e armados de chuços, fouces roçadouras e paus. O armamento que existia antes em Portugal fóra quasi todo estragado pelos francezes.

OUTUBRO DE 1808

Dia 1

E' participado ao governo militar do **Porto**, pela regencia, que, em vista dos grandes apuros financeiros com que o paiz lucha, o pret voltará a ser o que era antes do augmento estabelecido pela junta d'aquella cidade. Este assumpto seria definitivamente regulado pela organização do exercito que se estava elaborando, mas, em todo o caso, o governo não se esquecerá dos que bem defenderam a patria.

Os francezes que occupavam o forte da Graça, junto de **Elvas**, tendo o general hespanhol Galluzo retirado ao saber da approximação das tropas do general inglez Sir John Hope (1), evacuum aquella fortificação, sob o commando do coronel Girod e escoltados pelo regimento 52 de infantaria ingleza.

(Alguns suissos e francezes desertaram durante a marcha para Lisboa. Logo que chegou a esta cidade, toda a força embarcou, mas, como os transportes foram retidos no Tejo pelo mau tempo, o major de Bosset, official dos caçadores britannicos, logrou convencer muitos soldados a desertarem, os quaes passaram depois para

(1) No ultimo artigo sahiu, por lapso, «Sir John Moore».

o serviço da Inglaterra. Girod protestou contra o facto, julgando-o attentatorio das estipulações da convenção de Cintra).

Sir Hew Dalrymple participa aos governadores do reino que dentro de poucos dias voltará para Inglaterra.

(Assim aconteceu, ficando encarregado do commando das tropas britannicas o tenente general Sir Harry Burrard, ao qual succedeu sir John Moore.)

Cypriano Ribeiro Freire, encarregado da repartição dos negocios estrangeiros, manda ao nosso representante em Londres que em seu nome agradeça ao governo inglez o auxilio efficaz que enviou a Portugal e que permittiu a esta nação o livrar-se do jugo francez. Allega tambem que, tendo ficado o exercito portuguez aniquilado, em razão dos prejuizos que Junot lhe causou, é urgente que a Inglaterra envie armamentos para cavallaria e infantaria e um subsidio pecuniario, a fim de que o reino possa defender-se e conservar-se independente, tendo-o reduzido a extrema penuria a invasão que findara pouco antes. Encarrega tambem o mesmo diplomata de solicitar a protecção das forças navaes da Gran Bretanha contra as amiudadas aggressões que os corsarios argelinos faziam ás nossas costas maritimas.

Dia 4

Sir Arthur Wellesley desembarca em Plymouth, de volta de Portugal, d'onde sahira precipitadamente em consequencia da morte de Grant, que o substituiu n'um alto cargo do governo da Irlanda. Quer Wellesley ir logo para Dublin, mas tem de desistir do seu proposito em consequencia da excitação, em que está o espirito publico em Inglaterra por causa do nenhum resultado proveitoso da campanha em Portugal.

Era estigmatizada a convenção de Cintra não só como impolitica mas tambem como

iniqua, e apodavam-se de traidores todos os que n'ella haviam tido qualquer intervenção. Wellesley era dos mais censurados, porquanto Dalrymple dera a entender que fôra por conselho d'aquelle general que se guiara no assumpto; e a assignatura de Sir



MISERIAS QUE SOFREO A RELIGIÃO

Os Frades passados á Espada, porque nestes Ministros do Evangelho julgavão os seus maiores inimigos os Francezes, que aquelles com a rezão (sic) e com a palavra lhe poderião servir de estorvo.

Os Francezes raça de viboras atropelando os direitos mais augustos com suas infames hobras (sic), a tempo que dizião: Não receeis cousa alguma do meu Exercito nem de mim, Junot. A vossa felicidade está segura. Junot.

Edital, 4 de Fevereiro de 1808. Gozão ja de sua liberdade. Junot 12 de Maio de 1808.

Arthur posta no tratado preliminar era para os jornaes e para o povo britannico a prova cabal d'aquella imputação.

Cumpria-lhe justificar-se, pois de contrario ficaria em posição muito critica, a despeito de ter vencido pouco antes os francezes na Roliça e no Vimeiro.

Dão ideia perfeita do que foram os effei-

tos da convenção de Cintra as seguintes palavras attribuidas a Napoleão:

«Eu estava decidido a submeter Junot a um conselho de guerra, quando felizmente os inglezes processaram os seus generaes, livrando-me assim do desgosto de castigar um amigo velho.»

Em Inglaterra muitos jornaes tarjavam de

Dia 6

E' creado, por um decreto dos governadores do reino, escripturação especial para os donativos que individuos de todas as classes sociaes davam para custear as despesas da organização e manutenção do exercito indispensavel para livrar Portugal das vergonhas por que tinha passado.

Os donativos foram em grande numero, sendo uns em dinheiro e outros em generos alimenticios, panno branco e de côr, gado cavallar, etc.

Dos donativos em dinheiro muitos foram superiores a um conto de réis, tendo sido de 12 contos o do conselheiro Gaspar Pessoa Tavares de Amorim, de 9:600.000 réis o de Jacintho Fernandes da Costa Bandeira, de 6 contos o do Barão de Quintella, e de réis annuaes 2:400.000, durante a guerra, o do Conde da Ribeira Grande.

A duquesa de Lafões e outras fidalgas e fidalgos offereceram-se para dar fardamento para os tres regimentos de cavallaria da Córte; as freiras do convento do Coração de Jesus em Lisboa, á Estrella, deram além de um conto de réis, metade do seu rendimento no reguengo de Tavira, pelo tempo que durasse a guerra, e metade dos juros reaes vencidos desde 1805 até 1808; um anonymo concorreu com 100 pipas de vinho, uma carga de carvão de pedra, 4:000 camisas, 3:000 pannos de palha, 6 cavallo e um donativo em dinheiro.

Subiu a quantia muito importante o que foi offerecido para tão patriotico fim pelo povo portuguez, que n'esta quadra deu tão brilhantes provas do mais nobre civismo.

Dia 10

O bispo do **Porto** manda o corregedor do crime da segunda vara tratar com os francezes, que tinham chegado poucos dias antes da praça de Almeida, escoltados por



PROTECÇÃO PROPRIA DE JUNOT

Não satisfeito o impio Junot do Tributo por elle imposto de 40 milhões de cruzados, accressenta (sic) que as Igrejas sejam tambem saqueadas pello direito da força com que as despojou.

Todo o Ouro e Prata de todas as Igrejas, capellas e confrarias serão conduzidos a caza da moeda. Junot. Decreto de 1 de Fevereiro de 1808.

preto as noticias relativas aos negocios de Portugal e exigiam o castigo dos culpados, chegando até a falar na pena de morte como sendo a correspondente ao crime de que os consideravam réos.

Uma palavra de Wellesley em publico — escreve um seu biographo — afastaria a maré e faria cahir sobre outros a deshonra: ellè, porém, recusou-se a dizel-a.

200 inglezes. Aquella providencia tornava-se necessaria, em consequencia da enorme excitação que tinha causado no povo a chegada dos inimigos com armas, mochilas e bagagens. As chufas com que os portuenses os receberam, os francezes replicaram com ameaças, do que resultou um grande tumulto, que aquella força ingleza e bem assim a policia debalde pretenderam acalmar. Foram tiradas as armas aos francezes, entrando no motim muitos soldados portuguezes, que a redução do pret, decretada pouco antes pelos governadores do reino, levara ao desespero.

Só depois de refugiados a bordo dos transportes britannicos os francezes se consideraram salvos do perigo. Ainda assim o povo, sempre na maior irritação, foi, em pequenas embarcações, cercar aquelles navios, no intento de obrigar os fugitivos a restituir o que levavam roubado.

Foi necessario convencer os francezes a entregarem as bagagens, de que uma commissão encarregada de inspeccional-as apartou muitas coisas, algumas de alto valor, que tinham sido tiradas das egrejas e dos palacios, taes como tecidos de oiro e prata, brocados, franjas, cortinados e peças de damasco, muitas das quaes estavam em estado lastimoso por haverem passado pelas mãos da soldadesca napoleonica.

Restituído aos francezes o que se provou pertencer-lhes, levantaram ferro os navios que os levaram ao seu destino. Foram estas as ultimas forças que sahiram de Portugal das que haviam feito parte do exercito com que Junot nos invadiu o territorio.

Dia 14

São creados, por um decreto da regencia, 6 batalhões de caçadores, determinando-se depois que os seus quartéis fossem em Castello de Vide, Moura, Traz-os-Montes, Beira, Campo Maior e Porto, e que tivessem o se-

guinte fardamento: jaqueta de saragoça caseada de cordão preto, collete e pantalon de saragoça ou brancos, vivos verdes, botões amarellos, e capotes eguaes aos que para a infantaria estabelecera o plano de uniformes de 19 de maio de 1906, que então vigorava para o nosso exercito. Cada



Eternas moradas dos Malvados Gallos e Aguias victimas das suas mesmas hobras (sic), lançados nos sempre duraveis tormentos. Tal he o fim dos monstruosos da humanidade pellos homicidios e roubos. A deshonra, o furto e a morte traz consigo o premio proporcionado a taes procederes. He consequencia de uma luta. Junot. Decreto de 12 de Maio de 1808.

batalhão terá 628 praças, divididas por cinco companhias, uma das quaes será de atiradores.

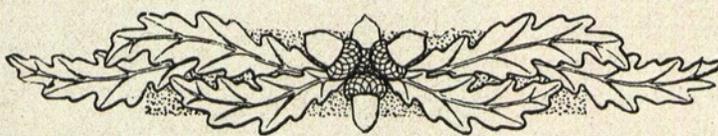
O mesmo decreto marca a força que deverão ter os outros corpos do exercito da primeira linha e de milicias; estabelece o plano de organização para cada corpo, e ordena que se recrutem todos os mancebos de 18 a 30 annos e que se sente praça a todos os vadios encontrados pela policia.

Dia 17

Por um officio dos governadores do reino para o tenente general Bernardim Freire de Andrade, é este nomeado governador da cidade e partido do **Porto**, a fim de pôr termo á fermentação em que se acham os habitantes da região, desde o embarque dos francezes, que constituíam a guarnição de Almeida. Os governadores, falando em nome do Principe Regente, confiam no zelo,

prudencia e firmeza de que Freire é dotado, para que ali se restabeleça o socego publico e o povo entre na obediencia e sujeição que deve ter ás auctoridades civis e militares. Recommendam-lhe que se entenda com o general Beresford, commandante das tropas britannicas, procure conservar sempre a amizade e boa união que existem entre as duas nações, e averigúe quaes foram os principaes promotores d'aquellas desordens, a fim de o participar ao governo.

M. A.



Porca de Murça



Muda de côr quando mudam os governos, segundo a lenda

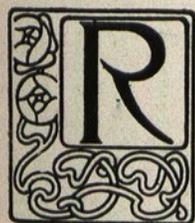
Photographia de Antonio Manoel Lopes — Villa Verde (S. Pedro de Goães)

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

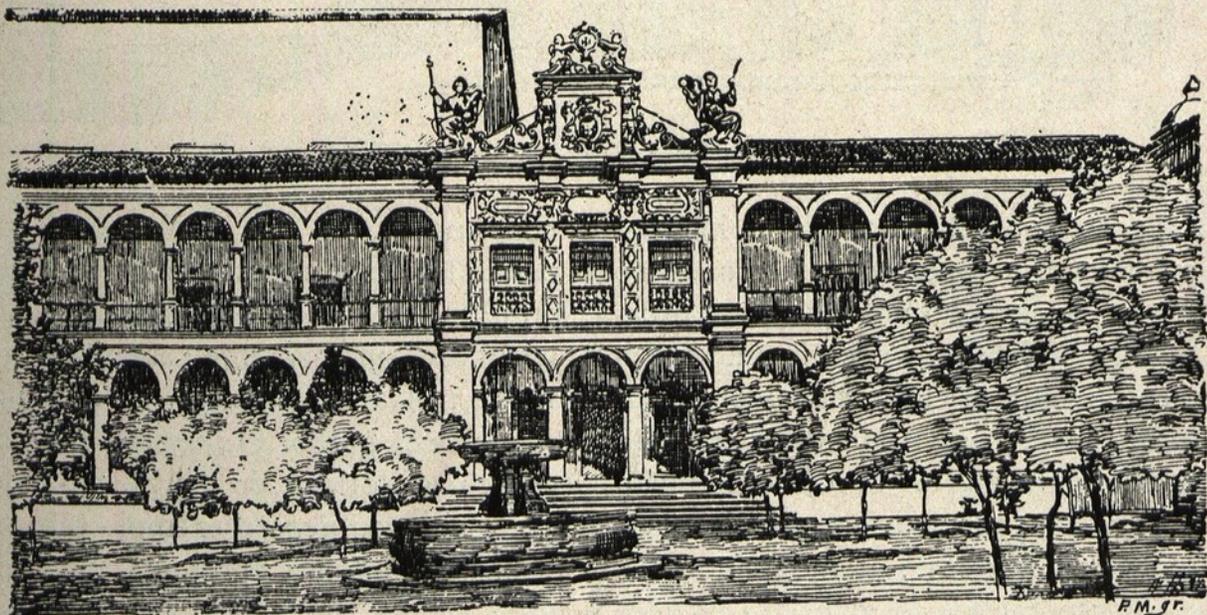
ALEMTEJO



REMONTA á mesma época a fundação do convento da Graça; a igreja é oriunda, na maxima parte, da éra correspondente á data attribuida ao côro; ficou, porém, por concluir, e só o veiu a ser pelo cardeal D. Henrique, a quem se deve, indubitavelmente, a construcção do convento, conforme hoje se nos apresenta. No friso encimando o portico, lê-se, aliás, a declaração de que a *opus Divi*

Joannus tempore inauguratum foi concluida no tempo de D. Sebastião.

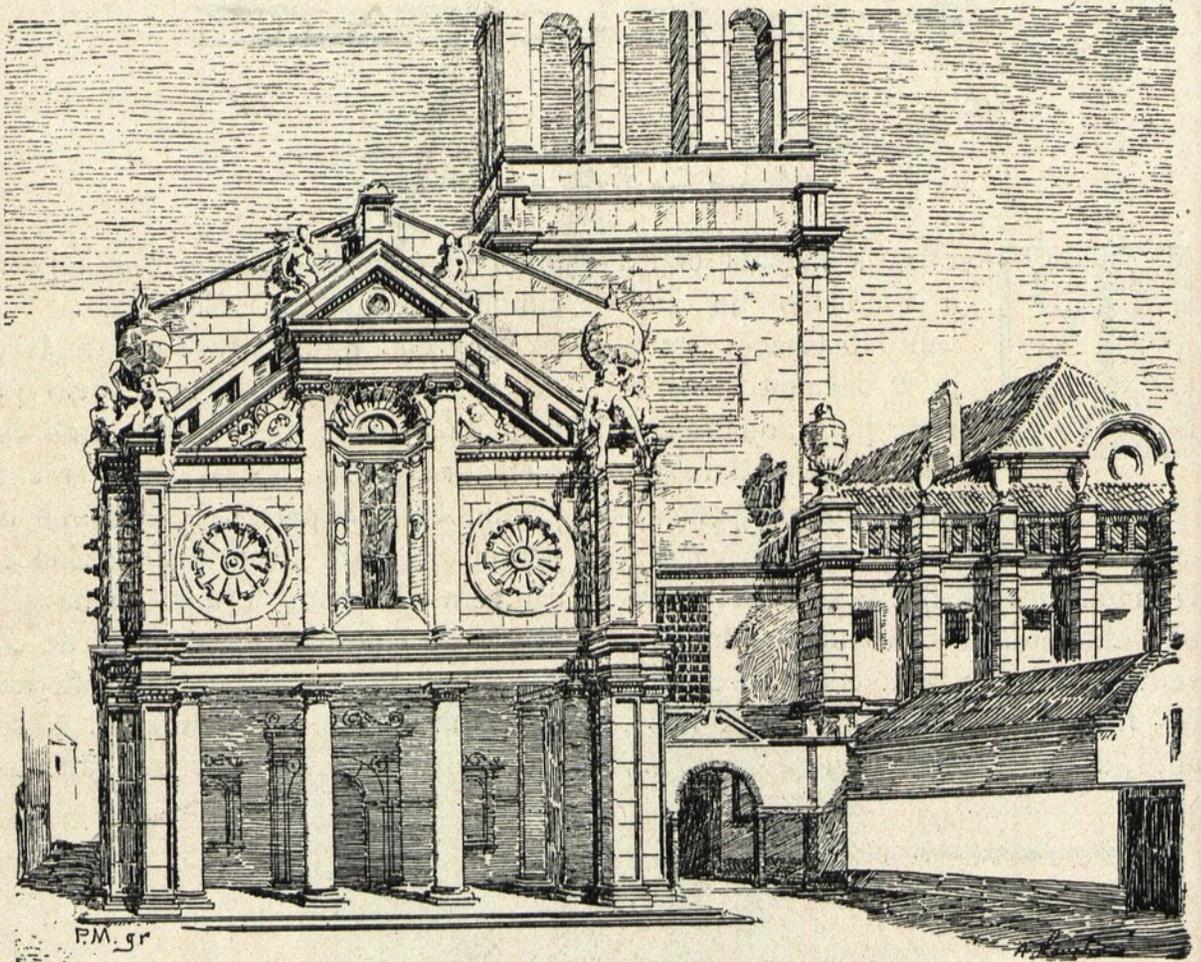
A igreja, infelizmente em deploravel estado de decadencia, é, pelo que respeita a parte mais antiga, uma das mais grandiosas obras genuinamente portuguezas, e pertence ao grupo da igreja um tanto mais nova da Conceição, em Thomar; de uma só nave, e planta rectangular, foi mais tarde coberta com uma abobada hemispherica, lisa e um tecto de vigamento. A parede do côro é rôta por tres janellas,



PATEO DA UNIVERSIDADE — EVORA

devendo ser contadas entre os mais finos trabalhos da Renascença existentes em Evora; os alizares de marmore são representados por airozas columnas, encerrando uns motivos de architectura rejuvenescida em artificio perspectivico, e um arco de tabellas igualmente perspectivado. As misulas de

vado, e adornado de columnas, coroado por um frontão aguentado por umas robustas misulas, dispostas obliquamente. O lanço destinado ao altar-mór terá apresentado uma abobada hemispherica. A igreja, inquestionavelmente, haverá ficado concluida, por fóra, no periodo anterior; seria demorada a



FACHADA DO CONVENTO DA GRAÇA — EVORA

supporte obliquam tambem internamente, em perspectiva, ostentando no espaço intermedio um bello friso ornamentado. Este rejuvenescimento architectural, que já encontrámos em Thomar, repete-se com mais singeleza nas outras janellas, assim como tambem nos nichos que ladeiam a galilé campando na frontaria, e ainda n'um precioso cenotaphio de alabastro no côro da igreja, um sarcophago perspecti-

construcção, já das abobadas já do peristillo; este ultimo, cingindo-se ao projecto da primitiva, e em estado lastimoso, infelizmente, supposto que muito original a composição, é ultimado com garbo. O formoso adro de columnas doricas do pavimento inferior é no seu genero exemplo raro no paiz; o superior apresenta ao meio uma janella, imitação da architectura perspectivada do interior. As pesadas

rosaceas, a architectura, algum tanto arruinada, do tão encantador motivo, das janellas, o coroaamento original do frontão, á laia de friso, com uns caixotões muito cavados, e por ultimo o peso nada motivado e a flacidez de contorno da propria parede do frontão, o qual, mercê das tão fantasticas figuras, já nos angulos, já no centro, denuncia esforço e indecisão, communicam á frontaria um não sei quê de pesado, de instavel, e não obstante, estes contras não conseguem desluzir a individualidade e o valor consideravel da composição.

O mosteiro adjacente deve datar da mesma época da edificação da correspondente Universidade jesuitica, e as suas fórmulas geraes condizem ás da architectura deste instituto.

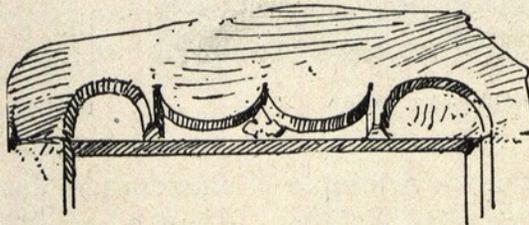
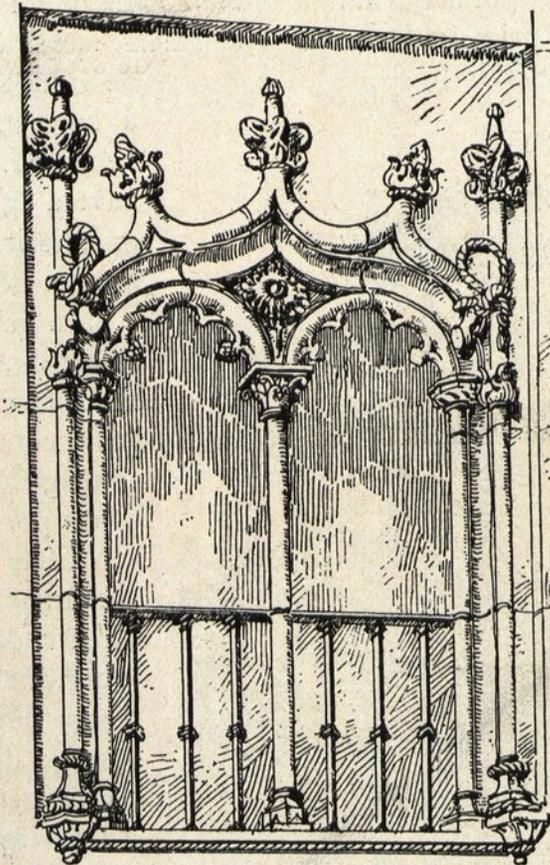
Antes delle nos occuparmos, vem aqui a proposito lembrar o papel assumido pelo Cardeal D. Henrique, (1512-86), ultimo monarcha da dynastia de Aviz, na historia da architectura na cidade de Evora. Votado á carreira ecclesiastica, arcebispo de Braga aos vinte annos, passou n'aquella cidade a maxima parte

dos seus dias de vida, já como bispo de Evora já como cardeal e inquisidormór. Mantinha uma côrte **luzida**, e representou aqui, **durante** meio seculo, papel **principal** nos acontecimentos de

importancia mais transcendente. Por consentimento do fanatico D. João III foi educado pelos jesuitas e de alma e coração se votou ás suas propensões ecclesiasticas; e não obstante, durante muito tempo fez opposição á Companhia de Jesus, pois como representante da Inquisição resistia a entregar-se de todo nas suas mãos, o que todavia veiu a acontecer finalmente. As instituições por elle fundadas em Evora falam aliás por si.

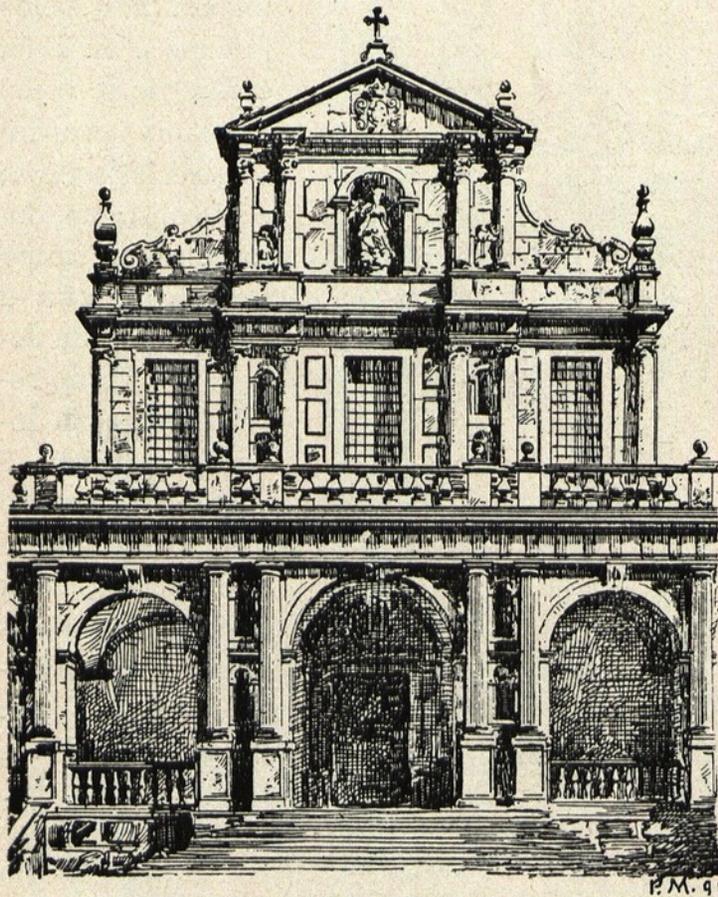
A actual Casapia, antigo collegio dos Jesuitas e comprehendendo a respectiva Universidade, é um dos mais grandiosos conjunctos archite-

ctonicos dos dias da Renascença, supposto não apresente conspicuo valor artistico. Seria isto motivado, talvez, pela nimia celeridade com que foi posto em pé, e ao mesmo tempo pelo emprego do granito como elemento architectonico. Concluido em 1551 o collegio dos Jesuitas funcionava já em 1554.



JANELLAS — EVORA

Em 1558 seguia-se a consagração da Universidade, constituindo esta juntamente com as anteriores construcções um todo architectonico, com o respectivo e tão sumptuoso pateo, e as competentes casas de habitação. Na data de 1567, foi vedada ao publico a antiga igreja dos Jesuitas no primeiro lanço da



EGREJA DA CARTUXA — EVORA

construcção e edificado um novo templo de mais grandiosas dimensões, do lado da rua, consagrado em 1574, e o antigo adaptado a aulas da Universidade.

Os diversos corpos do edificio são aproximadamente quadrados, medindo as faces uns cem metros, de singelissima arthitectura muito semelhante á do convento da Graça. Abrangem a im-

ponente crasta de columnatas da Universidade, e tres pateos mais pequenos; entre estes, os diversos corpos do edificios. A frente de todos elles, accessivel da rua mediante um adro de tres arcadas, abrangendo um todo architectonico de pilares graniticos da maxima singularidade com a tão singular galeria

de arcos abocetados, sobreposta á cornija, tal qual a do convento da Graça. E' de uma só nave a igreja, com abobada hemispherica, series de capellas, baixas, côro alto para cantores e para fieis; a ultima capella, á esquerda, ostentando um pesado motivo palladiano na frontaria, contém o tão singelo sarcophago do Cardeal, mandado lavrar por este para o seu jazigo; o triste destino do seu paiz, chamando a ocupar o throno o já caduco ancião, nos transes derradeiros, contra sua propria vontade o desviou para longe do seu habitaculo predilecto, para o depositar no regio mausoleu de Belem. A decoração da igreja é de talha e mosaico de marmore, rica e formosa, em parte; tornando-se conspicuo o sacrario de talha dourada; o

emoldurado das capellas, na maxima parte, é esplendido quanto possivel, lavrado em marmores com embutidos variegados; o proprio interior das mesmas capellas ostenta identico revestimento sobresahindo a sumptuosissima capella do Senhor dos Passos, peça de primeira ordem como architectura ornamental, transferida para aqui da igreja da Graça.

(Continúa.)

A arca de Noé



Os progressos realizados pela construção naval desde Noé são notabilísimos; devemos confessar que, n'esses tempos, as leis da navegação andavam um tanto desprezadas, e que, pelo contrario, em nossos dias, se acham regradas como papel de musica. Noé, coitado, não poderia hoje emprender aquillo que então se permitiu, visto como a experiencia nos tem ensinado a necessidade que ha de tomar, com maior escrupulo, cautéla com a vida de nossos semelhantes. Na hora actual, Noé ver-se-ia negar licença de sair do porto de Breme. Os inspectores accudindo a effectuar a visita da arca far-lhe-iam toda a casta de objecções. Quem conheça a Allemanha pode facilmente imaginar a scena e os pormenores todos do colloquio que se travaria.

Eis o inspector, no seu soberbo uniforme militar, imponente de majestade e correcção, mas tão immutavel como a estrella polar, no fiel desempenho de seu encargo. Era homem para obrigar Noé a declinar-lhe: o logar em que nasceu, a idade, a seita religiosa a que pertencia, a cifra dos seus rendimentos, o seu posto e posição social, o genero das suas occupações, o numero de suas mulheres, de seus filhos e de seus criados, assim como o nome, o sexo e a idade de cada um. Dado o caso de que ainda não tivesse passa-porte, seria intimado a ir solli-

citá-lo immediatamente. Depois passariam á arca:

- Comprimento?
- Seiscentos pés.
- Calado de agua?
- Sessenta e cinco.
- Bojo?
- Cincoenta a sessenta.
- Construido de...?
- Madeira.
- essencia?
- Cedro e acacia.
- Ornamentação externa e interna?
- Alcatroada por dentro e por fóra.
- Passageiros?
- Oito.
- Sexo?
- Quatro machos e quatro femeas.
- Edades?
- Os mais novos, cem annos.
- E os mais velhos?
- Seiscentos.
- Ah! vae para Chicago. Boa ideia. O nome do medico de bordo?
- Não trago medico.
- E' preciso arranjar um, e um empreiteiro de serviço funebre; é absolutamente indispensavel. Pessoas com tanta idade devem rodear-se de quanto é necessario para viver.
- Tripulação?
- As mesmas oito pessoas.
- As mesmas oito pessoas?
- Sem tirar nem pôr.
- E além d'essas, quatro mulheres?
- Sim, senhor?

— Já serviram na marinha?
 — Não, senhor.
 — E os homens? Algum dos senhores já teria navegado?
 — Não, senhor.
 — Onde foram educados, então?
 — N'uma granja, todos nós.
 — Este navio, visto não ser movido a vapor, deve de ter uma tripulação de 800 homens. Trate de os arranjar. Deve levar consigo quatro immediatos e nove cozinheiros.

— Quem é o capitão?
 — Sou eu, senhor.
 — E' preciso que leve um capitão, e além d'isso uma camareira, e enfermeiros



para os doentes. Quem fez o risco do barco?

— Este seu criado.
 — E' a sua estreia n'este genero?
 — Saberá que sim, senhor.
 — Lá me quiz parecer. Que carga leva?
 — Animaes.
 — De que especie?
 — De todas.
 — Bravos ou domesticos?
 — Bravos o maior numero.
 — Exoticos ou do país?
 — Exoticos, os mais d'elles.
 — Quaes são as principaes feras que leva?

— Megatherios, elefantes, rhinocerontes, leões, tigres, lobos, serpentes de todas as especies selvaticas e de todos os climas, um casal de cada.

— As jaulas serão seguras?
 — Jaulas, é coisa que não lévo.
 — Precisa de jaulas de ferro. Quem é que dá de comer e de beber a toda essa bicharia?
 — Somos nós...
 — Como assim? os senhores, com tanta idade?
 — Pois é assim mesmo,
 — E' um perigo tanto para as feras como para a gente. Esses bichos devem estar ao cuidado de patuscos que intendam da póda. Quantos animaes leva, ao todo?
 — Grandes, sete mil; entre grandes e pequenos, no conjunto, noventa e oito mil.
 — Necessita de mil e duzentos guardas. Por quantas aberturas recebe luz o navio?
 — Por duas janélas.

— Onde estão situadas?
 — Nos rebordos do tecto.

— Duas janélas, para um tunel com 600 pés de comprido e setenta e cinco de fundo?... Precisa de montar luz electrica, diversas lampadas de Volta e 1500 lampadas incandescentes. Que é que o senhor fará para remediar um estoque de agua? Quantas bombas leva a bordo?

— E' coisa que não levo, meu senhor.

— Necessita de bombas. Como é que tira a agua para os passageiros e para os animaes?

— Com baldes, pelas janélas.
 — Isso não é admissivel. Qual

é a sua força motriz?

— A minha força... o que?
 — Força motriz. De que se serve para fazer andar o barco?
 — Eu, de coisa nenhuma!
 — Precisa de vélas ou de vapor. Como é feito o seu leme?
 — Não temos.
 — Não tem barra?
 — Não, senhor.
 — Como governa então?
 — Não governamos.
 — Precisa de leme, instalado a preceito.

Ancoras, quantas?

— Nenhuma.
 — Precisa de seis. E' prohibido deixar sair um navio com semelhantes dimensões sem essa garantia. Quantos barcos de salvação?

— Nem um só, meu senhor.

— Precisa de vinte e cinco. Quantos aparelhos de salvação?

— Nenhum.

— Precisa de dois mil. Quanto tempo durará a viagem?

— Onze ou doze meses.

— Onze ou doze meses. E' compridinha, mas ainda chegam a tempo para assistir á Exposição.

— De que é forrado o seu barco? De cobre?

— O casco não é forrado de cousa nenhuma.

— Meu pobre homem, a bicharia miuda do mar que roe a madeira furam-lhe o barco como um crivo e pregam-lhe com elle no fundo antes de tres meses. Não pode sair n'essas condições; é preciso mandá-lo forrar. Uma palavra, ainda... Reflectiu que Chicago é uma cidade internada e que um barco como este não pode lá ir?

— Chicago, onde vem a ficar Chicago? Eu não vou para Chicago,

— Deveras? Não me dirá, então, o que tenciona fazer de toda essa bicharia?

— Fazer que se reproduzam.

— Essa agora! Com que então não lhe bastam os que já tem?

— Não são em numero sufficiente para as necessidades actuaes da civilização; mas como os outros animaes vão todos elles ser afogados pelo diluvio, sobreviver-lhes-ão estes para perpetuar as especies.

— Um diluvio?

— Sim, senhor.

— Tem a certeza?

— Certeza absoluta. Vae chover quarenta dias e quarenta noites.

— Não se assuste, meu caro senhor, isso por aqui succede a cada passo.

— Não é chuva d'esse genero. Esta hade cobrir os cumes das montanhas, e deixará de se ver a terra.

— Aqui entre nós — isto, porém, officiosamente, já se vê — sinto que me fizesse semelhante revelação. Vejo-me obrigado a não lhe consentir escolha entre a vela e o vapor. O seu barco não pode transportar a centesima parte da agua necessaria para os animaes durante oito meses. Precisa de uma machina para distilar agua.

— Mas se eu lhe digo que a tiro pelas janélas, com baldes.

— E' fresca a resposta! Antes até do diluvio ter alagado a crista das montanhas, a agua doce, pela infiltração da agua do mar, haver-se-á tambem tornado em agua salgada. Precisa de vapor para distilar a agua. Acceite os meus cumprimentos, cavalheiro. Se me não engano, declarou-me ser este o seu primeiro ensaio quanto a construcção naval?

— E' verdade que sim, senhor, palavra de honra. Construi esta arca sem dispôr da minima noção de construcções navaes.

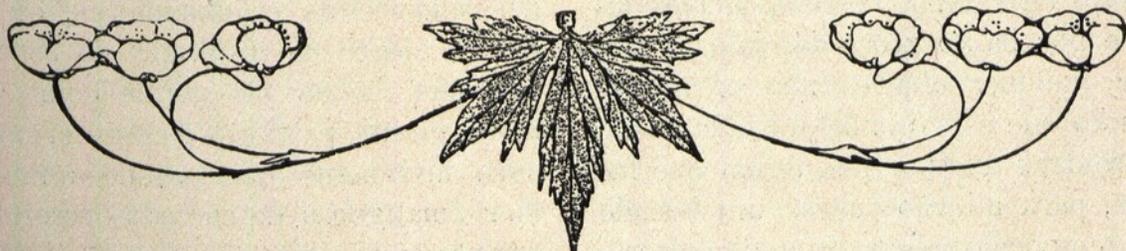
— E' um trabalho notavel, na verdade, meu caro senhor, bem notavel, não tenha duvida. Estou em dizer que não andaré nas aguas do mar outro barco de character tão novo e tão estrambotico.

— São favores que não mereço, meu caro senhor... estou penhoradissimo, acredite. E esteja certo de que heide conservar da sua visita, immorredora recordação. Os meus respetos, meu caro senhor, e muito obrigado... e adeus!

— Adeus! Isso é que não!... O inspector allemão, com incansavel cortesia, dispensaria a Noé protestos de amizade de toda a casta, mas nunca lhe consentiria o fazer-se ao mar na sua arca.

Versão do inglez por Manuel de Macedo.

MARK TWAIN.





OS PRIMEIROS FREGUEZES

A Feira da Ladra



MAIS uma velharia de Lisboa a que o progresso deu um severo golpe, transportando-a do Campo de Sant'Anna para o Mercado de Santa Clara, onde actualmente ás terças feiras se faz ponto de reunião, não só de pessoas que por baixo preço desejam adquirir qualquer objecto, não se importando que seja ou não já usado, como de outras que por não terem que fazer, para ali vão passar um bocado de tempo a espalhar aborrecimentos...

Porque a *Feira da Ladra* não é unicamente um recinto onde cada um vae para comprar ou vender.

E' tambem um local onde se re-unem os que, sem outra occupação, por ali se encontram á tarde, no jardim ou percorrendo as ruas em busca de simples distracções; outros — e não é esse o menor numero — são os que vão aguardar a sahida das cigarreiras e charuteiras, esse bando alegre de mulheres do povo, algumas d'ellas tão gentis como a mais gentil patricia, d'essa formosura attrahente que possui a mulher portugueza da camada operaria, sempre nos labios o sorriso insi-

nuante, sempre na bocca a resposta prompta a qualquer gracejo.

A actual *Feira da Ladra* em nada se parece com a antiga, do Campo de Sant'Anna.

*
* *

Logo de madrugada, ás terças feiras tambem, começava ali a faina de espetar no chão as quatro ripas de pinho com que eram organisadas as



A' PORTA DE S. VICENTE

barracas, na sua maioria feitas de lençoes velhos e cheios de remendos.

Mal o astro rei despontava no horizonte, ali estavam os feirantes estendendo pelo solo — que outro mostuario não havia — a sua fazenda, onde de tudo se encontrava.

Ao lado de um arame torcido e enferrujado que não tinha já utilidade alguma, uma collecção de moedas antigas de alto valor; junto de um velho relógio de prata com a

respectiva corrente; um par de sapatos, cuja sola de ha muito já tinha marchado a confundir-se com o pó das estradas!...

Entre os multiplos e variadissimos objectos que ali se viam, alguns dos quaes nos fariam dar tratos de polé á imaginação para lhe descobriremos a utilidade, era ali que iam morrer verdadeiras preciosidades artisticas!...

Que de sentidas lagrimas causariam muitos d'elles aos seus possuidores, quando estes, pela miseria ou doença, foram forçados a desfazerem-se de queridas recordações, que na *Feira da Ladra* iam terminar!

Quantas historias — se fallassem — poderiam contar aquelles objectos, a recordar talvez dias mais felizes de bem estar e amor!...

*
* *

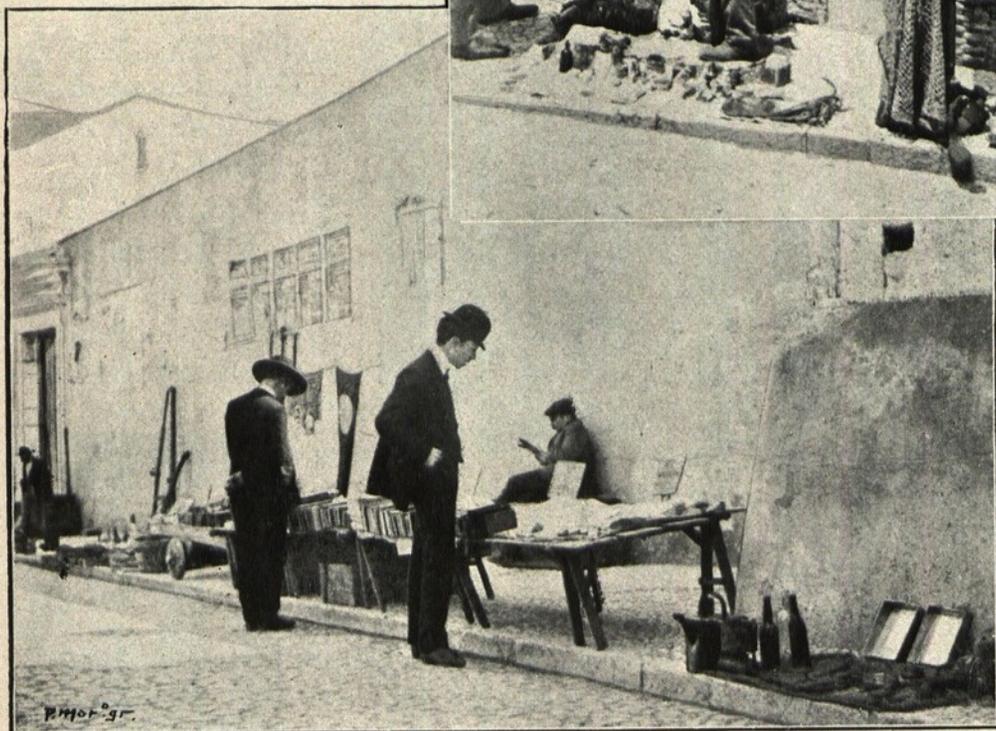
Que de pittoresco encantamento tinha o Campo de Sant'Anna em dia de feira!

Haverá uns trinta annos!...

Como é saudoso recordar esse tempo em que, pela tarde, em ensurdecador barulho confuso, mil pregões differentes ali se ouviam!

Cá em baixo, junto á praça de touros, em cujas paredes vermelhas estavam aqui e ali os cordeis em que se viam dependurados os Lu-

ziadas e a *Princesa Magalona*, os livros de *Herculano* e a *Historia de João de Calais*, estavam também livros custosos de litteratura e sciencia, ao lado do *Menino da matta e o seu cão Piloto*, e da *Corôa de Carlos Magno*;— cá em baixo, diziamos, junto á praça, era o lugar destinado ás carruagens, sobre as quaes um figurão de irreprehensivel casaca e alto chapéu lustroso que mais



A' BUSCA-
DE CURIO-
SIDADES

e fazia crescer o cabelo, que servia para curar a dôr sciatica e a bebedeira, que tinha o

UM ALFARRABISTA

parecia um cano de fogão, se apresentava ao publico tendo pendente um collar composto de dentes, com tanta ufania como se ostentasse o da Torre e Espada, apregoava aos quatro ventos as virtudes de um elixir maravilhoso que tirava nodoas de gordura

condão de fazer parar qualquer hemorragia, e provocar abortos!

Mais além, os amoladores, entre os quaes tinha lugar eminente o hespanhol do cão, um gordalhudo sevillhano, sempre acompanhado por um enorme e felpudo Terra Nova, e que

ao domingo era certo nos toiros, envergando um fato de veludilho acastanhado, cujos botões — e não poucos! — eram constituídos por libras e meias libras, reluzentes como só reluz o oiro!...

Ao lado direito da praça de toiros havia um grupo de velhas barracas onde os feirantes tinham os seus depositos e officinas de reparação. Hoje foram substituídos por um predio

Hoje a *Feira da Ladra* perdeu parte do seu pittoresco. Já não ha os grandes chapéus de sol nem se vêem as barracas feitas de lençoes...

Ainda, como que a dar uma vaga recordação das barracas do Campo de Sant'Anna, se vêem no muro inferior do jardim alguns velhos len-



ADMIRANDO PRECIOSIDADES

magnifico, de quatro andares, que por completo nos faz esquecer as barracas do *José Bonito*, que era tambem o proprietario do deposito que existia n'uma das escadas que davam ingresso para o *sol*, no velho circo, e cujos moveis, em dia de feira, se espalhavam pela porta em enorme exposição. Commodas sem gavetas, velhos canapés com assento de palhinha, que já se tinha ausentado ás vezes, era o maior negocio da casa.

coes como que a servir de cobertura aos *armazens* de fato feito.

E' que não ha maneira de acabar totalmente com uma velha usança tão arreigada no espirito publico e nos usos e costumes de um povo.

Ainda existem tambem aquelles commerciantes que tanto nos impressionavam e que teem entre os objectos expostos á venda, alguns a que não é possivel descobrir a utilidade, como seja o cabo d'uma escova

de dentes, um pedaço de lixa velha, uma tampa de caixa de graxa, e outras mil bugiarias que seria ocioso enumerar.

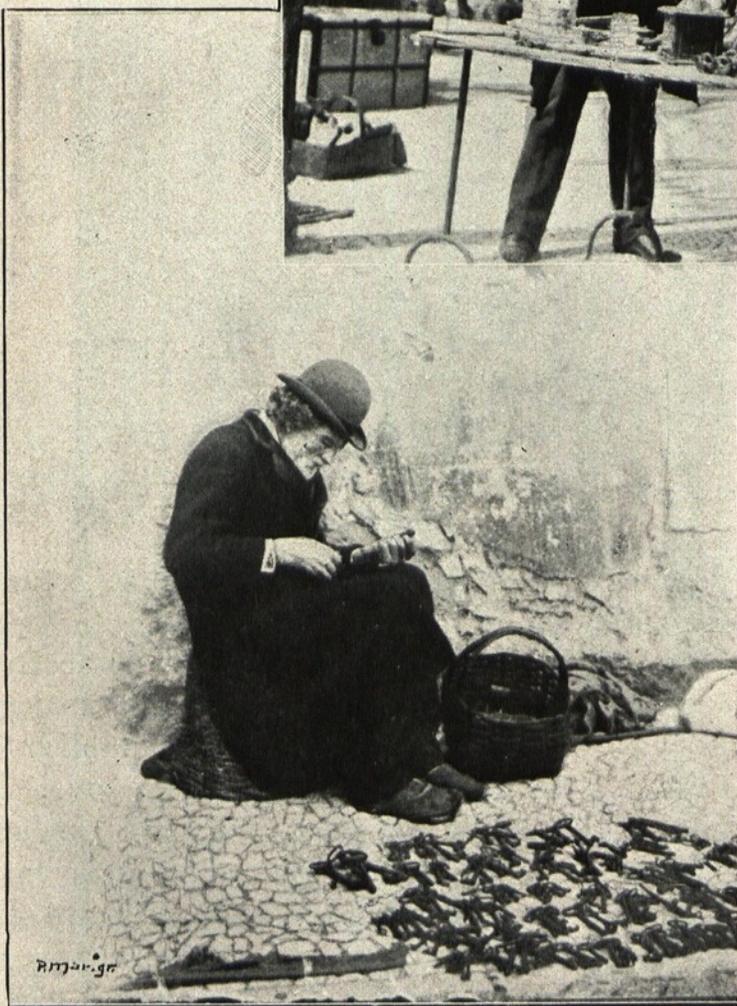
O proprio mercado de Santa Clara é uma construcção de ferro e vidro, cujas lojas, alugadas na sua quasi totalidade a commerciantes do genero, abarrotam de moveis usados que se mercadejam mesmo em qualquer dia de semana.;

Cá em ci-

ma, junto ao Arco de S. Vicente, é o lugar escolhido pelos vendedores de livros, genero de negocio que actualmente está explorado com mais es-
perteza, e onde antigamente se encontravam raridades verdadeiras que alguns felizes adquiriam por baixo



O «CATRAPUZ»
ENALTECENDO A «FAZENDA»



UM NEGOCIANTE DE CHAVES

preço. Hoje ha algumas ainda, mas pagam-se bem.

Ali vêem-se frequentemente não só conhecidos alfarrabistas e colleccionadores de livros, como, e tambem em grande numero, litteratos e dramaturgos que vão enriquecer as suas estantes com obras caras que na *Feira da Ladra* são compradas por preço barato.

Ha escriptores e mesmo simples colleccionadores de livros que são



O RELOJOEIRO RAMOS

certos em Santa Clara nos dias de mercado.

Mexem e remexem muitas vezes os livros, regateiam o preço e no fim... é raro comprarem...

Vemos ali sempre os vendedores de sabonetes e fitinhas metricas, de quadros velhos e bengalas sem castão, e mais abaixo, á porta da conhecida casa da *Chouriça*, as vendedeiras do camarão e *santola* cozida, não fal-

tando tambem de inverno o clássico *burrié* como aperitivo para tragar um copasio do precioso nectar que fazia as delicias do velho Noé.

De envolta com a poeirada levantada dos moveis e mil trapalhadas velhas que ali se vêem, espalha-se pela atmospherá o fumo evolado da sardinha assada com que em muitas das bar-

racas se chama a concorrência ao vinho de Alcochete ou Cartaxo.

São, talvez, o vinho e petiscos as unicas coisas que na feira se não vendem em segunda mão!...



ESCOLHENDO UM LENÇOL

As unicas, não. Actualmente o progresso fez com que a *Feira da Ladra* não sirva só para exposição e venda de inutilidades e velharias. Também se vêem ali bons estabelecimentos de mobilia nova, casas onde se confeccionam objectos de folha, e até louça de Sacavem vemos ás terças feiras espalhada pelo solo.

*
* * *

Como para servir ás necessidades da capital, temos que os feirantes acharam pouco um dia por semana para a exposição da sua mercadoria, e pediram e obtiveram licença para, ao sabbado, também fazerem o seu negocio.

Mas ao sabbado pouco negocio fazem! E' raro mesmo ver-se ali a animação da terça feira. Faltam-lhe os verdadeiros *habitués*, falta-lhe mesmo a maior parte dos feirantes que entendem que é melhor empregarem esse dia n'outro mister.

*
* *

Apesar de ser ainda uma curiosidade de Lisboa, a *Feira da Ladra* já perdeu parte d'aquelle *cachet* que tinha no Campo de Sant'Anna, no tempo em que se ia para o Campo Grande em burros alugados no Poço do Borratem, e a viagem para Belem era feita nos

velhos carrões que saham do Rocio ás 6 da manhã para só chegarem ao seu destino perto das 9.

Quem ha trinta annos sahisse de Lisboa e agora cá voltasse, de certo não conheceria a bella cidade.

Quem nos diria que até se conseguiu tirar aos cocheiros aquelle traje tão caracteristico, para lhes darem como uniforme um jaquetão azul com botões brancos e um bonet á allemã que mais parece um taxo invertido? E os moços de fretes? Também se lhes quiz dar uniforme, e como reagissem — os pobres — ainda os obrigaram ao bonet e chapa!...

Está completamente mudada esta Lisboa, tão typica no tempo em que a *Feira da Ladra* era no Campo de Sant'Anna, o *Matadouro* no Becco do Sacco, e as meninas casadouras, algumas tendo já dobrado o tormentoso cabo dos trinta, iam ás noites para o Passeio Publico... á pesca de maridos!

(Phot. Barca.)

MANOEL COSTA.



O LEVANTAR DA FEIRA

O toucador feminino ha dois mil annos

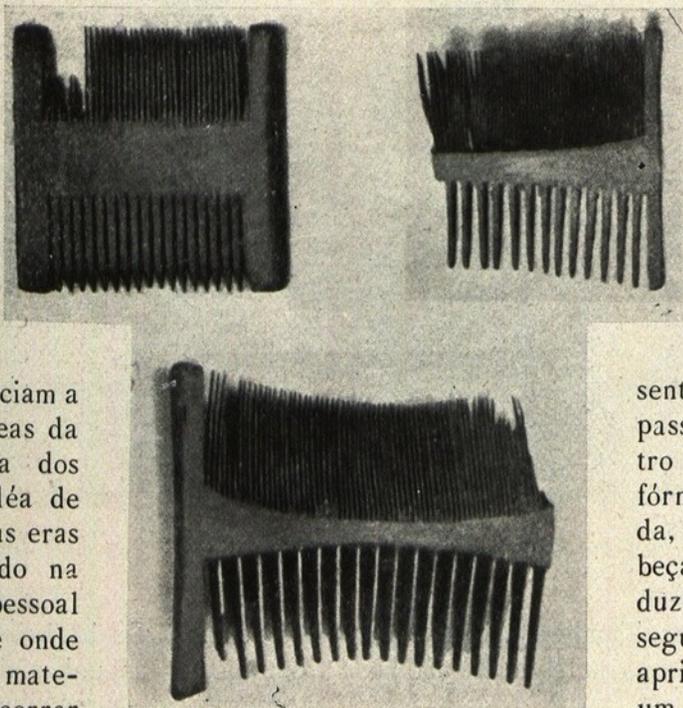
Os reformadores sociaes e outros individuos rabugentos fartam-se ás vezes de invectivar contra o desperdicio de tempo passado em frente dos toucadores opulentos; relacionam o acrescimo da vaidade e o augmento do luxo com a degenerescencia physica e moral da raça. Mas o certo é que, bem ponderadas as cousas, as classes ociosas de hoje em dia não são afinal peiores do que as identicas de ha dois mil annos com respeito ao gosto pelos adornos pessoaes; é até licito duvidar que os recursos da toilette actual sejam muito superiores ao que eram ao tempo em que a celebre rainha Boadicea quiz tomar a iniciativa do regresso á vida simples. As reliquias descobertas de accessorios da toilette antiga, datando do tempo da occupação romana na Bretanha, e que presumivelmente pertenciam a damas contemporaneas da desventurada rainha dos Icenos, dão-nos idéa de que as damas d'essas eras tinham tanto cuidado na sua apparencia pessoal como as de hoje; e onde nos faltam provas materiaes podemos recorrer aos escriptores da época

para determinação e reconstituição d'esses costumes.

Os toucados das damas romanizadas da Bretanha eram naturalmente os adoptado pelas esposas e filhas dos conquistadores, muitas das quaes, digamos de passagem, são integralmente descriptas por Ovidio na sua theoria do galanteio. Havia escravas, especialmente instruidas no arranjo do penteado por mestres da arte, as quaes essas damas mantinham apenas para tal serviço. Usava-se muito alizar o cabello e depois segural-o atraz com um grande prego, como os que em gravura apresentamos. Havia, como se vê, grande variedade na ornamentação d'es-

ses pregos. Um d'elles, sobre o dardo de ferro, tem uma cabeça de urso, feita de bronze, sendo o comprimento total de decimetro e meio. Outro é todo de bronze, com o dardo quadrilateral, repre-

sentando a cabeça um passaro a comer. Ha outro que tem a cabeça em fôrma de cão, outro ainda, de bronze com a cabeça de marfim, reproduzindo uma mão que segura um fruto. O mais aprimorado é porventura um exemplar feito de osso, de fôrma elegan-



PENTES ANTIGOS

tíssima, com a cabeça delicadamente cinzelada, representando o retrato da imperatriz Sabina, mulher de Adriano. O que é sobretudo notavel n'este especimen são as roupas cuidadosamente modeladas e o minucioso do penteado sobre o qual avulta o diadema imperial. Entre os enfeites usados na cabeça o mais importante era o Lemniscus, laço de fitas preso na nuca, consistindo ás vezes as fitas em folhas delgadas de ouro e de prata. Encaracolava-se o cabello com uma vara oca de ferro (*calamistrum*) aquecido em cinzas de lenha.

Além d'isto, usava-se tambem uma faixa, cuja fórma variava conforme a dama era casada ou solteira. Muito á puridade, sabemos por Horacio da existencia de cabelleiras. Tanto homens como mulheres tingiam o cabello para o tornar negro ou louro, especialmente quando começava a salpicar-se de brancas. As sobrancelhas e as palpebras eram muitas vezes coloridas com um composto de antimonio ou com um preparado de negro de fumo. A tintura era vulgarissima nas damas, e até nos homens; as damas tinham uma grande variedade de tintas de carmim, e além d'isso córavam de azul as veias das fontes. Empregava-se o alvaiade para branquear a tez; e tão profusamente se applicavam estes varios compostos que frequentemente permaneciam semanas seguidas. Tambem não se desconheciam as «moscas» ou signaes artificiaes.

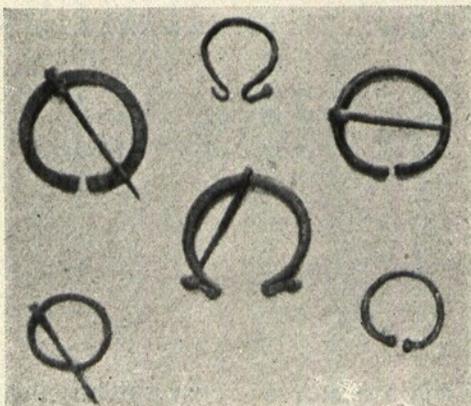
Mostramos em gravuras alguns pentes

d'esse periodo. Tinham geralmente de 8 centímetros a 1 decimetro de comprido, e na Bretanha eram principalmente feitos de madeira ou de osso, tendo ás vezes tantos dentes grossos como finos. A fórma geral do pente, como se vê, pouco tem variado com o correr dos tempos. Instrumentos analogos aos que damos em illustração eram usados pelos espartanos, que deixavam crescer o cabello quando chegavam á idade viril. Era uso entre elles pentear e arranjar o cabello com todo o cuidado antes de entrar em peleja.

N'esse acto foram surpreendidos Leonidas e os seus companheiros pelo espia persa antes da batalha das Thermopylas. De passagem, é interessante notar que os barbeiros foram introduzidos na Italia por volta do anno 300 A. C.; é

pois possivel que houvessem sido importados na Bretanha quando a civilização romana começou a implantar-se na ilha. Estes barbeiros barbeavam os freguezes com afiadas navalhas, mas, em consequencia da falta de sabão ou do embotamento relativo de seus instrumentos, havia cabellos rebeldes que escapavam á operação e eram arrancados com pinças, como as que reproduzimos. Que vasto campo este para a fantasia! Imaginem, por exemplo, Julio Cesar arreperado pelo barbeiro; qual seria o destino do desgraçado

profissional? Os barbeiros tambem costumavam aparar as unhas das mãos. D'isto aos modernos manicuros pouco adeantámos afinal em materia de fausto.



BROCHES EM FORMA DE ANEL



FRASCOS ROMANOS DE PERFUMES

Mas voltemos ao toucador. No que respeita a dentifricos, a escolha era tão estonteadora como hoje em dia. Os pós de dentes, em cujo preparo os romanos eram especialmente habéis, eram sobretudo feitos de ossos, cascos e chavelhos de certos animaes, e de cascas de ostras. Estas substancias, tendo sido primeiro queimadas e ás vezes misturadas com mel, reduziam-se a pó fino e completavam-se por varias maneiras. Juntavam-se-lhes frequentemente myrrha, nitro e chifre de veado, moidos ao natural, provando que os romanos não só apreciavam a limpeza n'este particular, mas que algo sabiam sobre preservação e fixação dos dentes. O uso da casca de ostras como base de um dentifrico é particularmente interessante, desde que consideremos que a base de quasi todos os preparados modernos para esse fim é cal precipitada. Pedra pomes pulverisada fez em tempo o seu officio como dentifrico, mas parece ter cahido dentro em pouco em desuso, por ser considerada deletéria. Usavam-se frascos de vidro, talvez umas vezes por outras varias caixas de bronze, para guardar os diversos arrebitques, pós, unguentos, oleos e outros pertences do toucador. Os feitiços mais habitualmente empregados eram os que se mostram na illustração junta. Quando consideramos como era

então elementar a sciencia da chimica e da medicina, é evidente que muito tempo e muito pensar deveriam dispendêr os antigos para a descoberta e manufactura d'aquelles artigos.

De duvidoso requinte eram os strigiles, instrumento de bronze ou de ferro usado para raspar o corpo depois do banho, antes de o cobrir de unturas. Tal processo, ao que se nos afigura, estava longe de ser agradável, mas o que prova em todo o caso é o cuidado que n'aquelles tempos se dedicava ao envolucro corporeo. Tambem era de uso commum o limpauvidos, havendo um especimen utilmente combinado com umas pinças e um palito de dentes.

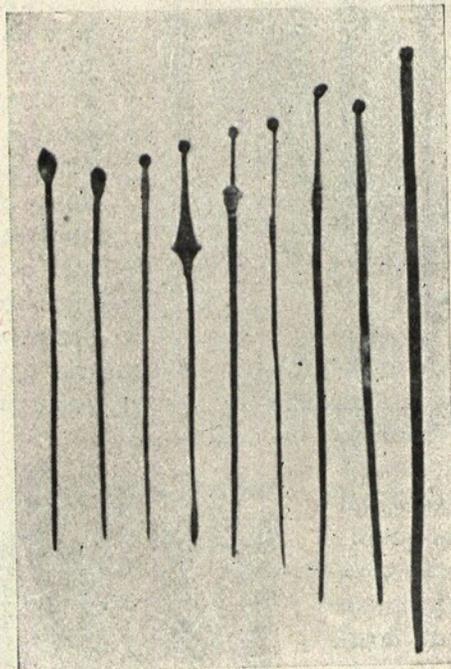
Os espelhos consistiam apenas em peças de metal polido, quasi sempre bronze, sendo a sua forma

mais usual a circular sem péga alguma; mas teem-se encontrado exemplares com manipulos finamente trabalhados, e alguns eram quadrados ou oblongos. Os circulares eram a maior parte das vezes orna-

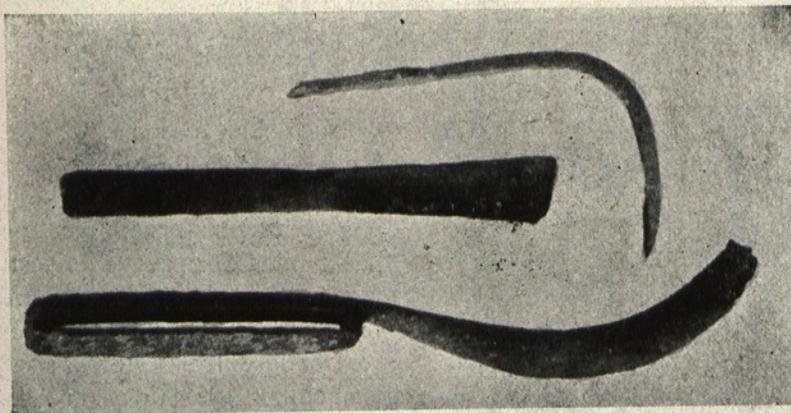
mentados com aneis concentricos gravados na superficie.

Antes de passarmos a o objecto dos enfeites, cumpre mencionarmos um ou dois pontos interessantes. A ori-

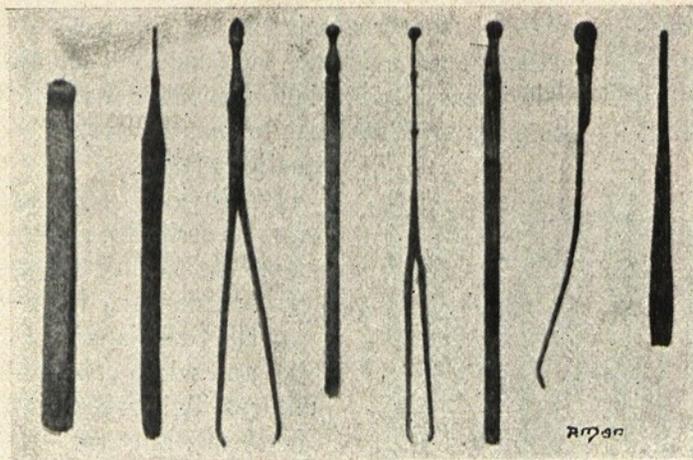
gem da meia moderna parece ter sido a *fascia*, tira de panno cõr de purpura enrolada nas pernas, pouco mais ou menos á moda tradicional do bandoleiro, a prin-



LIMPA-OUVIDOS ORNAMENTAES



STRIGILES DE BRONZE E DE FERRO USADOS DEPOIS DO BANHO



PINÇAS DE FERRO E DE BRONZE

cipio não chegando ao joelho, e chegando mais tarde acima d'elle. Não se desconhecia o lenço, mas, comquanto se usasse para enxugar o rosto, o seu uso mais frequente era para acenar como signal de applauso nos espectaculos publicos. Não havia sapatos de tacão alto, mas as damas romanas suppriam esta falta pelo engenhoso artificio de introduzir tiras de cortiça entre as solas. Este methodo de augmentar a estatura era vulgarmente adoptado pelos actores.

O enfeite pessoal de fôrma mais commum era a fibula ou broche. Exhi-

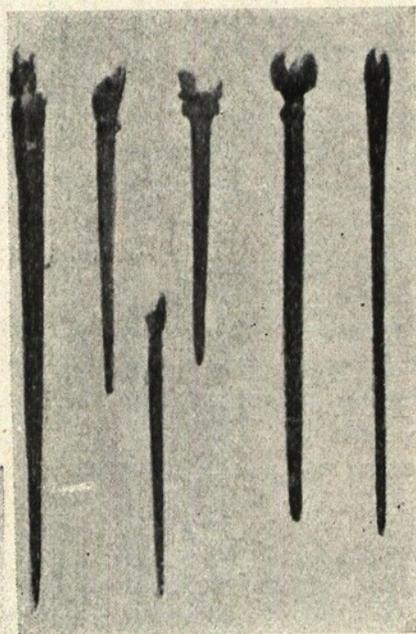


FREGOS PARA CABELLO, DE FERRO, BRONZE E OSSO

biam grande variedade de feitos, e o material de que eram feitos era usualmente ouro ou bronze, raras vezes prata. As mulheres usavam muitas vezes uma fibula em cada hombro e uma enfiada d'ellas ao longo de cada uma das mangas da tunica. Era moda tambem usal-as ao peito, e para arregaçar a tunica acima dos joelhos. E possivel que este habito de arregaçar a tunica tivesse contribuido para o acrescimo da meia, ao qual acima nos referimos. Conta-se que os espetos d'estes broches serviam bastantes vezes para causar graves maleficios; empregaram-n'os

as mulheres da Phrygia para cegar Polymnestor, e as athenienses para cegar e depois

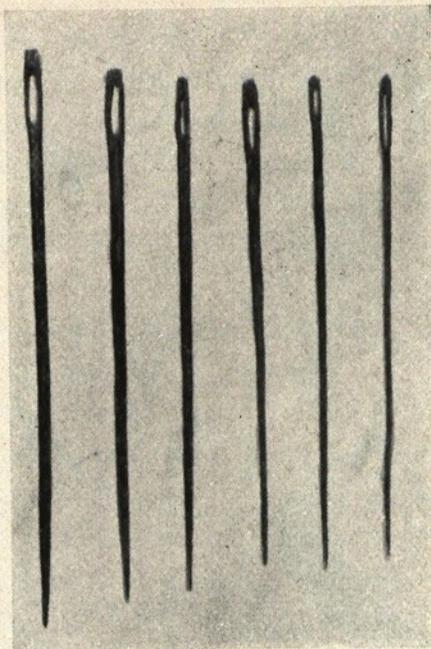
matar um homem. Por fôrma que o uso do alfinete de chapéo como arma em certos bairros de Londres não é afinal novidade. O broche conduziu a fivela, por meio da qual se apertava o cinto. As nossas illustrações apresentam uma porção de broches antigos que possuem excepcional interesse, vis-



PREGOS PARA CABELLO, DE FERRO, BRONZE E OURO

to assumirem precisamente a mesma fôrma de muitos dos pregos de vestidos que por ahi se vendem hoje. Uma variedade de fibula consiste n'um ornamento com dois ganchos em cada extremo, tendo aparentemente por fim colher o vestido em pregas. Muito moderno de feitorio é o pendente de bronze em fôrma de flôr, com um furo para suspensão, sendo o centro incrustado de esmalte azul. Variavam muito as pulseiras e os braceletes, sendo o uso das primeiras commum aos dois sexos. Um exemplar massiço de ouro, achado em Cheshire, deve ter sido usado por um homem, por-

ventura recompensa concedida a um soldado pela sua coragem, conforme um habito antiquissimo. Um dos braceletes conservado no Museu Britannico é notavel por ser fechado por meio de uma especie de fivela. Altamente interessante é tambem uma pulseira de prata, cujos extremos são decorados com linhas formadas por especie de contas e terminadas por entalhes profundos. Apreciavam-se immenso as pulseiras de azeviche, por ser de grande valor a materia prima. Em volta do pescoço e da cintura usavam-se cadeias primorosamente trabalhadas, das quaes se suspendiam perolas ou joias engastadas em ouro, chaves, e outros enfeites em guisa de ber-



AGULHAS ROMANAS DE BRONZE

nos mysterios da toilette, e concluir que é mais na letra do que no espirito que d'ellas differem as damas de hoje.

loques. Os collares eram ás vezes de grande belleza, constituídos por perolas, esmeraldas e outras pedras preciosas enfiadas n'um fio de linho ou seda ou em fios e elos de ouro. Além da faixa que cingia o pescoço havia ás vezes segunda e terceira enfiada de ornatos que pendiam sobre o peito. Recorria-se a varios artificios, alguns muito simples e engenhosos, para fechar o collar na parte posterior do pescoço.

Com o auxilio da experiencia moderna podemos imaginar as damas do passado absorvidas



ALTIVEZ

Entre tufos de flores perfumosas
Se acoutam vossos palacetes raros,
A ostentar obras d'arte esplendorosas
Em esculptura de marmore de Paros.

Eu, sem um tecto amigo, em silenciosas
Noutes estrellejadas, em amaros
Dissabores colhido, ergo harmoniosas
Hosannas mil ao ceu, de encantos caros.

Desdenhastes outr'ora o meu amor
Quando vol-o offerecí em seu primeiro
Vôo ao paiz do sonho enganador;

Hoje o quereis, mas elle que tem brio
Repelle o vosso amor hospitaleiro
E prefere dormir ao luar e ao frio...

O PINHEIRO MÁGICO

História Para Crianças



campos cobertos de neve a noticia de que principiava o grande dia.

Grande dia para outros, não para o triste do Raphael!

— Ai! Meu pobre Piloto — disse elle ao cão, que lhe corria nas pégadas, farejando á esquerda e á direita — se fosses uma alma christã não tinhas mais remedio que fazer, como a gente,

cruzes na bocca n'este dia em que ha abundancia em todos os lares.

N'isto o sino tornou a tocar, chamando para a Missa do Gallo, e o Raphael entrou na matta do Marquez,

guiado pelo luar que fazia luzir muito nos galhos do arvoredos os flocos de neve.

— Que dizes, Piloto? Vamos armar aos coelhos? tornou a dizer Raphael. Vejo por aqui umas tocas...

E o cão tambem as via, tanto que

FRA noite velha quando o Raphael sahiu de casa, para ver se arranjava alguma coisa para a familia comer ao jantar no dia de Natal.

O relógio da igreja acabava de dar doze badaladas e aquelles sons tinham ido, atravez do ar frio de dezembro, levar a toda a aldeia e aos

as cheirava a uma e uma, mas sem excavar o terreno, signal de que os coelhos andavam passeando.

De repente appareceu deante dos dois um pinheiro pequenino, de copa muito arredondada e todo coberto de pinhas.

Ora como isto se passava n'uma terra onde é costume armar para as creanças a arvore do Natal, o Raphael, esquecendo-se dos coelhos, achou que podia levar aquelle pinheiro aos filhos, embora não tivesse nenhuns bonitos nem velinhas de cera com que lhe enfeitasse os ramos.

E vae então puxou pelo tronco do pinheiro e arrancou sem difficuldade as raizes da terra, que estava ali solta como areia. Pegou na arvorezinha e foi pôl-a debaixo de um carvalho, seguido sempre de Piloto, que soltava uns grunhidos de impaciencia, naancia de ir dar uma batida aos coelhos.

Mal tinha chegado ao pé do carvalho, o cão, de olhos fitos na copa da arvore, deu um uivo de afflicção e recuou para longe, todo a tremer que até mettia pavor.

— Que susto foi esse, ó Piloto? perguntou-lhe o dono, tambem com certo medo, julgando que o cachorro tinha visto o caseiro do Marquez, homem sempre temivel contra elles ambos.

Por mais que olhasse, não enxergou ninguem.

— Talvez ande por aqui alguma alma penada, pensou o Raphael. Dizem que os cães as vêem melhor do que nós!

Mas como não tinha medo d'ellas nem de lobis-homens, foi tirando de um sacco umas tantas rêdes, e poz armadilhas em todas as tocas que encontrou.

O Piloto mal viu acabada a tarefa,

não esperou que o dono lhe dissesse nada, e desatou a correr direito a um campo cultivado, onde os coelhos andavam a cear á custa do que o caseiro do Marquez lá tinha semeado. Escondido atraz do tronco do carvalho, o Raphael tinha na mão os cordeis com que havia de fechar as rêdes.

Apenas sentiram ao longe o cachorro, deram os coelhos ás de Villa Diogo, e foram de escantilhão metter-se nas tocas.

— Filei-vos, ricos meninos! resmungou o Raphael, puxando os cordeis.

Mas enganou-se. Ou as rêdes não estavam bem postas, ou elle não puxou a tempo os cordeis, o certo é que apenas ficou preso nas malhas um coelhito, que, por signal, pouco mais tinha que a pelle e o osso.

— Dás fraco petisco para um jantar de Natal, disse-lhe o Raphael, ao mettel-o no sacco. De mais a mais somos sete: eu, a mulher e os pequenos; mas que lhe hei de eu fazer?...

Tornou a preparar as armadilhas, porém não conseguiu apanhar mais nada.

Já ia clareando o ceo, quando se poz a caminho de casa, seguido pelo cão, levando ás costas o pinheirito, e no saquitel o coelho. Conforme o seu costume, trauteou esta modinha:

Cantando espanta o mal
N'este mundo o desgraçado:
Se fizeste o que podias,
A mais não és obrigado!

— E fizeste o que devias? perguntou uma voz, a curta distancia do Raphael.

— Hem! O quê? disse este, voltando-se de repente.

— Quem te deu licença para vires apanhar coelhos nas terras do sr. Marquez?

Era o caseiro!

festas, amigo, boas festas! Não te digo mais nada. Adeusinho!

E foi-se embora, também cantolando uma modinha, em

que se falava de multas e de prisão.

Mais morto do que vivo, o Raphael foi andando para casa, pensando no que ia ser a sorte da sua familia, se o condemnassem a qualquer d'aquellas penas. Co-

mo se lhe não bastasse a desgraça de não poder ganhar a vida como rachador, desde que, havia um anno, lhe tinha cahido em cima do braço direito o tronco de um freixo, que pesava uma sucia de arrobas!...

Com a ajuda do Piloto, lá tinha conseguido caçar, ganhando assim o bastante para sustentar a mulher e os filhos, mas padeciam tantas necessidades que estavam todos com as botas e o fato em frangalhos, sem que o pobre homem soubesse d'onde viria o dinheiro para os vestir e calçar.

Imagine-se portanto qual seria a afflicção do desgraçado, depois de ouvir aquella ameaça. Como não tinha dinheiro para pagar a multa, ia para a cadeia cumprir a pena. O que seria da sua familia durante esse tempo?

— Não lhes digo nada, resolveu comsigo mesmo, senão depois de amanhã. Quero ao menos que passem com satisfação o dia de festa.

Emquanto a mulher fazia o coelho de cabidela, foi elle arranjando com o pinheiro uma arvore de Natal,



O Raphael desculpou-se, dizendo que só tinha apanhado um coelhito, e que estava prompto a restituil-o, mas o outro respondeu-lhe:

— Leva-o já comtigo, homem, leva-o já comtigo. Quer o deixes, quer fiques com elle, tens de pagal-o com lingua de palmo. Boas

para o que metteu as raizes e a parte debaixo do tronco em um caixote alto e quadrado, que encheu de terra e aparas, e enfeitou os ramos com fitinhas de papel de côres differentes. Os pequenos, de bocca aberta, não se tiravam de junto do pae e estiveram entretidos umas poucas de horas a vêr o que elle fazia.

A' tarde, poz-se na mesa a cabidela e começaram todos o jantar muito satisfeitos até o momento em que o Raphael, lembrando-se do que estava para lhe succeder, desatou a chorar como uma creança.

A mulher, muito apoquentada, perguntou-lhe o que tinha, e, quando elle lhe contou o que era passado na matta, poz-se mais branca do que a cal da parede, e gritou:

— Pois tu arrancaste do logar que dizes este pinheiro? Valha-te Deus! Agora é que eu vejo porque não caçaste mais coelhos, e foste pilhado pelo caseiro! Fica sabendo que ainda isto não é nada. Prepara-te para muitas outras desgraças.

A mulher de Raphael era muito sabida nos segredos da matta, e bastantes já tinha contado ao marido, mas esquecera-se de falar-lhe no pinheiro magico onde habitavam os espiritos.

Cobriu o rosto com as mãos, e começou aos soluços, dizendo:

— Sabe Deus que vingança vão tirar de ti e de nós, todas as fadas

a quem tanto offendeste. Valha-nos Deus! Valha-nos Deus!

O Raphael sentou-se-lhe ao pé, tambem muito afflicto, e perguntou-lhe se não haveria meio de remediar o mal.



— Até ahi não chega o meu saber, disse-lhe a mulher, ainda a chorar.

— O' minha mãe! O' meu pae! gritou um dos pequenos. Vejam que linda está a arvore de Natal. Vejam!

Os dois olharam para o pinheiro, e viram as pinhas a luzirem como rubis, espalhando uma claridade que se foi tornando cada vez mais forte, e dando aspecto differente á pobre choupana e ás caras d'elles e dos filhos.

— Ouçam! Ouçam! disse o mesmo pequenito.

E ouviram uma musica muito bonita, que vinha de longe e que se foi approximando a mais e mais.

Dois dos pequenos abriram a porta e logo entrou na choupana um bando dos gnomos da matta. Todos tinham azas e traziam calções curtos, excepto a rainha que ostentava um comprido vestido de saia roçagante.

— Obrigado te ficamos, Raphael, disse-lhe a rainha, por teres tirado

do meio do frio e da chuva o pinheiro magico. Agrada-nos muito mais dançar aqui, onde está um calor tão bom, do que no meio da matta gelada.

— O que sinto, responde-lhe a mulher de Raphael ainda muito assustada, é não ter um bom jantar para lhes offerecer. Só se quizerem provar a nossa pobre cabidela.

— Nada! Nada! respondeu a rainha dos gnomos, batendo na mesa com a mão. Sou eu que lhes vou offerecer o banquete de Natal.

E na mesa appareceram logo as melhores iguarias, como de certo não teria eguaes a do proprio rei.

— E agora, continuou a rainha dos gnomos, venham os menestreis tocar e cantar em honra da habitante do pinheiro magico.

E quatro homens pequeninos, com harpas pequeninas e chapéus muito grandes, entraram na choupana, e, sentados ao pé da lareira, tocaram e cantaram com tal perfeição que os pequenitos se esqueceram dos acepipes para só lhes darem ouvidos.

E os quatro menestreis cantaram assim, emquanto os gnomos, de mãos dadas aos filhos do Raphael, dançavam, rodopiando em volta da casa:

N'esse pinheiro magico
Não mais vos occulteis.
O vosso rosto esplendido
Encanta os proprios reis.

Contemplan-vos! Delicia,
Que não tem outra igual.
Vinde alegrar, benefica,
A noite de Natal!

Apenas os menestreis se calaram, a luz vermelha que irradiavam as

pinhas foi-se tornando mais pallida, e um fumosinho branco sahiu da arvore e tomou a fórmula de uma dama de belleza estranha, que tinha um vestido vaporoso e ondulante.

Quando as danças acabaram de todo, ella deu alguns passos para o Raphael, olhando-o com bondade.

O pobre, coitado, sentiu as pernas cederem ao peso do corpo, e ajoelhou.

Disse-lhe a beldade:

— Bem está o que bem acaba; digote, porém, que foste devéras audacioso trazendo-me para tua casa com tanta sem-ceremonia. Estive quasi a matar-te hontem á noite.

O Raphael teve de subito uma inspiração, e disse respeitosa e firmeza:

— Bom foi que não me maltratasteis, senhora minha. Vêde o que eu já fizera em vosso favor. Os coelhos tinham excavado a terra junto das raizes da vossa arvore, que certamente cahiria no chão, ao embate do primeiro vendaval que se levantasse. Não devieis, portanto, fazer com que o negregado caseiro me surprehenesse, e intente causar-me tamanho prejuizo.

— Tens razão e estou arrependida, disse a Dama do Pinheiro Magico. Olha! Corre immediatamente ao lugar onde estava plantada a minha arvore, e traze comtigo o que lá encontrares.

Emquanto o Raphael cumpria esta ordem, a Dama do Pinheiro Magico e a Rainha dos Gnomos conversaram uma com a outra, ao passo que os pequenitos e os gnomos retouçavam contentissimos, fazendo tanto barulho que a mulher de Raphael não foi capaz de ouvir uma só palavra do que as duas disseram.

Voltou afinal o Raphael, trazendo ás costas um sacco muito pesado, e ouviu a Dama do Pinheiro Magico dizer á Rainha dos Gnomos:

— Dou-vos toda a razão. Onde estávamos, havia muito barulho. O que nos convinha era um vergel muito socegado, no meio da matta.

— Sei de um casal que está para vender n'esse logar exactamente, acudiu do seu canto o Raphael. E, se não me engano, o dinheiro que ha n'este sacco chega para a compra e ainda sobeja.

— Pois então compra-o amanhã mesmo, disse a Dama do Pinheiro Magico, e planta lá a minha arvore. Eu e os gnomos olharemos pelos frutos que der o teu pomar.

O Raphael, lembrando-se de que por pedir ninguem vae preso, disse á Dama do Pinheiro Magico:

— Fazei-me algum bem a este braço, para que eu possa trabalhar.

— Sei como te aleijaste, respondeu ella. Mas espera... Isso passa n'um instante.

E assim aconteceu, porque logo que ella lhe poz a mão no braço sentiu-se bom de todo o antigo rachador e foi abrir a porta aos gnomos, que sahiram por ali fóra após a sua rainha, emquanto a

Dama do Pinheiro Magico se mettia novamente no tronco da sua arvore.

— Olá, Raphael, dissè o caseiro do Marquez, encontrando-o tres dias depois. Disseram-me que já podes trabalhar. Excusas então de ir caçar ás propriedades alheias, hem? Sabes o que sonhei na noite de Natal?... Que tinhas apanhado um coelho do sr. Marquez.

— Ah! Sonhaste?...

— E' verdade. Vaes continuar a ser rachador?

— Deixei-me d'isso. Com uma herança que tive, comprei um casal, que me dá o bastante para sustentar a mulher e os filhos.

— Parabens, homem, parabens!

A fructa melhor que d'ahi em diante apparecia no mercado da cidade visinha, era levada pelo Raphael.

Um dia foi o caseiro do Marquez ao pomar, e admirou-se de vêr um pinheiro no meio das pereiras e macieiras.

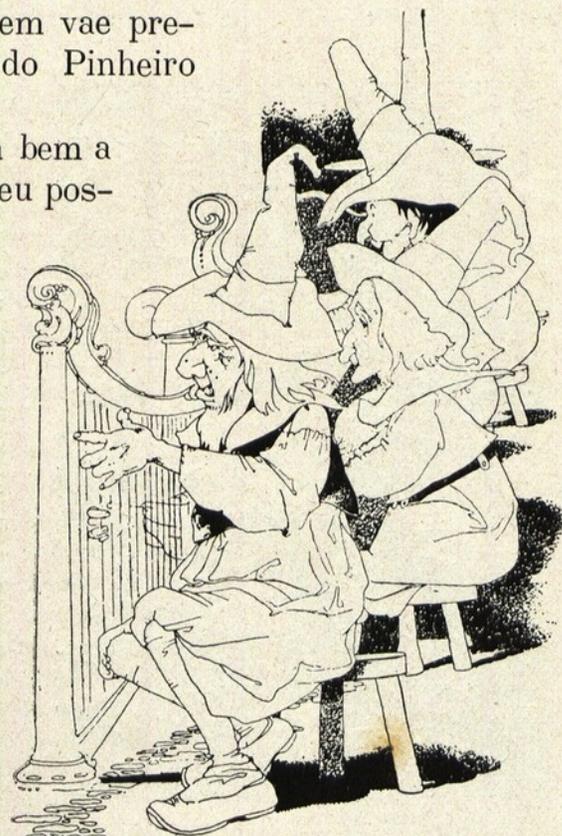
— Porque não o cortas? perguntou elle ao Raphael. Punhas ali outra arvore, que te dêsse bom rendimento.

— Enganas-te. Não ha nenhuma que me renda tanto.

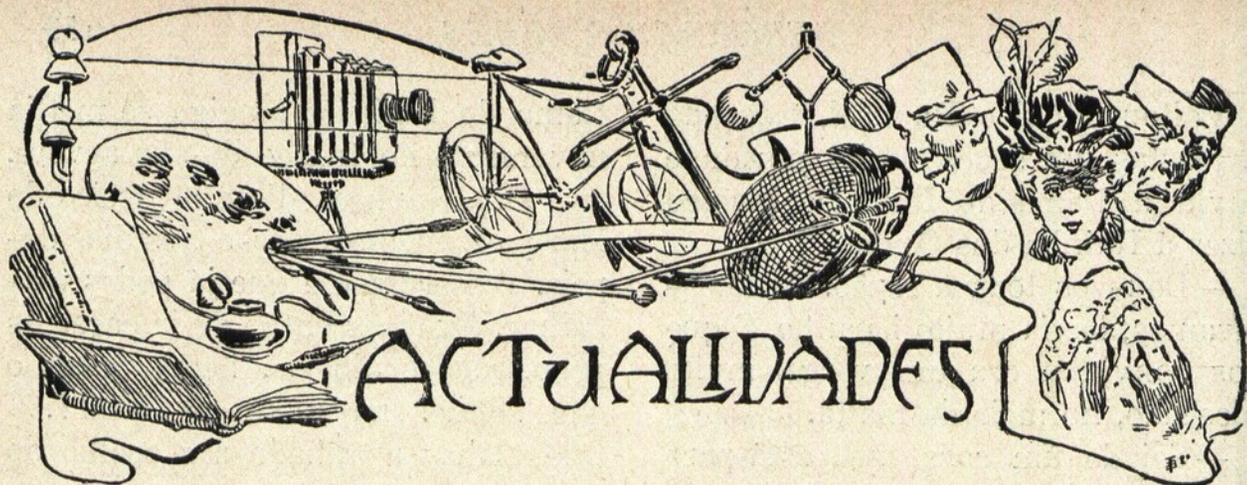
O caseiro foi-se embora, dizendo com os seus botões que o Raphael, por via da

riqueza, tinha dado em pateta.

Mais pateta era elle!



CHARLES ROBINSON.



Grandes topicos

O presidente Castro. — O famoso general Castro, que tanto deu que falar pelos seus actos como presidente da republica da Venezuela, decidiu ultimamente realisar uma viagem á Europa, afim de tratar da sua saude, bastante abalada, annunciando que aproveitaria o ensejo para procurar, por meio da sua intervenção pessoal, obter o restabelecimento de relações com a França.

O governo francez informou, por este motivo o presidente, á sua chegada, de que não se opunha á sua residencia em França, mas que não trepidaria tambem em expulsá-lo em seguida a qualquer acto ou manifestação sua, que podesse ser origem de preturbação da ordem publica.

O general Castro não se demorou, porém, em Paris, partindo para Colonia, onde chegou no dia 12 de dezembro.

No entretanto desenrolavam-se na Venezuela episodios extremamente curiosos. O vice-presidente Gomes, descobria uma conspiração, ou limitava-se, porventura, a inventá-la, e destituia o presidente Castro, proclamando-se a si proprio presidente, e prendendo em pessoa alguns dos partidarios e amigos do seu antecessor.

A questão dos Balkans. — Apesar de diversos incidentes, de um caracter mais ou menos grave, e das crescentes complicações que vão emmaranhando cada vez mais as negociações diplomaticas, a questão dos Balkans deve considerar-se n'uma situação estacionaria. Não quer isto dizer que ella

tenha perdido a sua gravidade, mas o receio de uma guerra immediata é que parece cada dia mais desvanecido. Os propios impetos bellicosos da Servia, excitados imprudentemente pelo principe herdeiro, estão já mais acalmados.

A recente nota russa respondendo ás propostas da Austria não se esquivava até a reconhecer este caracter estacionario da situação. E não deixa de ser um facto, que resalta a toda a evidencia logo ao primeiro exame, a esterilidade das negociações proseguidas durante tres mezes, visto que a 24 de dezembro, data da nota russa, as coisas se encontram no mesmo ponto em que estavam a 6 de outubro.

Em resumo, o conflicto subsiste e seria muito optimismo contar que elle alcance uma solução proxima; mas ha toda a razão para prever, que, se se produzir fortuitamente qualquer complicação mais grave, tudo se resolverá, por fim, de um modo pacifico.

O parlamento turco. — A aclimação do regimen parlamentar na Turquia não se vae fazendo sem algumas dificuldades; mas os seus partidarios mostram-se dispostos a não se prender com ellas, nem a sacrificar a escrupulos, para as vencer.

Uma prova d'isso, e bem expressiva, é o facto do assassinio, em uma rua de Stambul, do general Ismail, ajudante de campo e confidente intimo do sultão, que o encarregara, diz-se, de varias indagações pouco consentaneas com o sincero cumprimento dos deveres de um so-



(Hiridi Punch)

(India ingleza)

O COMBATE CONTRA O DEMONIO DO TINTEIRO

(Refere-se a campanha que uma parte da imprensa ingleza e indiana tem feito a favor do movimento de anarchia na India britannica.)



(Nebelspalter)

(Zurich)

O NOVO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS. O GORDO TAFT E' AGORA O NOVO GERENTE. OS TRUSTS NÃO ESTÃO NADA SATISFEITOS COM A DERROTA DE BRYAN.

(Taft, successor de Roosevelt, prometteu continuar a guerra contra os «trusts» ao passo que o outro concorrente à presidencia, Bryan, promettera deixá-los em paz.)

berano constitucional. O auctor do assassinio foi um official do exercito que a policia deixou escapar.

As eleições de deputados para o novo parlamento effectuaram-se, porém, com relativa tranquilidade, pertencendo decidida vantagem aos jovens turcos, como são chamados os partidarios constitucionaes.

No imperio da China. — Com o intervallo de poucas horas apenas, morreram o imperador Kuang-Su e sua tia a imperatriz regente Tse-Hi, que era quem de facto governava essa immensa população de mais de quatrocentos milhões de habitantes que constitue o Celeste Imperio.

O finado imperador era um fraco e um valetudinário que vivia clausurado no seu maravilhoso palacio de Pekim, e que depois de uma tentativa fugaz de reacção, que pouco tempo teve energia para manter, vivia completamente dominado pela auctoritaria imperatriz, cuja vontade de ferro e genio absorvente a transformaram na verdadeira dona e senhora da China inteira, durante o periodo de tempo que decorre desde a morte do imperador Tsu, occorrido em 1861.

Foi proclamado novo imperador o principe Pu-Yi, que conta apenas cinco annos presentemente, e é filho do principe Tchung, irmão do imperador defunto, e a quem foi entregue a regencia.

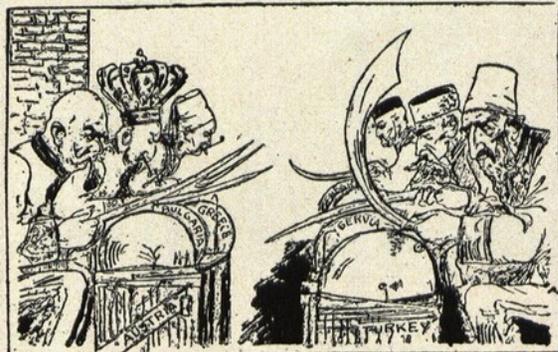
Affirma-se que o novo regente, que visitou já a Europa no exercicio de uma missão diplomatica, se mostra affecto ao estabelecimento do regimen constitucional e que preparará algumas reformas tendentes a adaptar o terreno para elle.

As «suffragettes». — E' assim que se chamam na Inglaterra, como é sabido, as illustres damas que se occupam apaixonadamente das reivindicações «feministas», entre as quaes figura o direito de voto politico. Pessoas corajosas dentro das suas idéas, e energicas na tentativa da sua execução como é proprio do caracter da mulher ingleza, mais temperado para a lueta da vida, não ha duvida, do que o de qua quer outra filha da Eva europeã.

A coragem de uma senhora tem porém o seu limite, naturalmente. E' um limite bem differente, muito differente mesmo, d'aquelle em que, por sua vez, pára a coragem dos homens; mas tambem, é de justiça confessal-o, a audacia e o heroismo masculino são, sob certos pontos de vista, bem inferiores ao feminino. Para não perder tempo, comtudo, a philosophar vagamente, o melhor será aproveitar a lição suggestiva do exemplo que nos offerece um caso recente.

Realisou-se o mez passado, em qualquer dos arredores de Londres, um comicio de suffragistas, que foi, como de costume em Inglaterra, bastante concorrido. As partidarias accumulavam-se em grande quantidade no recinto do meeting e applaudiam convictamente n'uma crescente exaltação, quando uma das oradoras afirmava, em reptos de uma eloquencia epica, que as mulheres eram mais valentes do que os homens.

Ora ás vezes isto é certo; mas n'outras... nem por isso. E provou-se de um modo comico. Alguns homens vestidos de mulheres, que se haviam misturado na assistencia das saias, aproveitaram o momento de entusiasmo para abrir uns cestos que levavam, cheios de ratos, os quaes legitimamente desorientados desataram a correr em todas as direcções e sen-



(Tishiettt)

(Turim)

O ACOMPANHAMENTO DO HYMNO DA PAZ

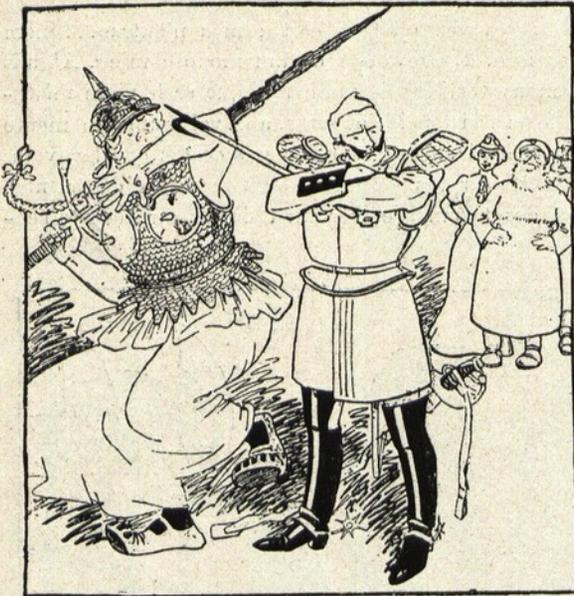
(Os ares politicos que se entrovicam para além e aquem dos Balkans, foram a origem d'esta espirituosa satyra.)

tidos, procurando esconder-se no primeiro sitio obscuro, — que não é, aliás, facil de descobrir n'uma sala abarrotada de damas, com longos vestidos de cauda ou de roda.

Ah! o pavor que então foi! Tudo desatou a gritar, a fugir, a ter ataques de nervos, etc. Por maior imaginação que se possua, não é, evidentemente, possível fazer uma idéa do que terá sido esse momento de terror irraciocinado! Quando muito poderá avaliar-se pelos destroços que ficaram no campo: chapéus, sombrinhas, e parece que até varios objectos de vestuario, entre os quaes inclusos alguns pertencentes á categoria das roupas brancas. O lindo espectáculo que aquillo devia ter sido! Mas não implica que, sob determinados pontos de vista, a mulher não seja na realidade muito mais forte, muito mais enérgica, muito mais valente, e muito mais tudo que ella quizer, do que o homem.

A catastrophe de Messina. — Uma das maiores catastrophes que se tem produzido no mundo, e sem duvida a maior de que ha memoria nos tempos modernos, é a occorrida no sul da Italia e na Sicilia nos ultimos dias do anno passado. Um violento tremor de terra destruiu cidades e povoações inteiras e produziu 200 mil mortos, afora uma grande quantidade de feridos, cujo calculo é impossivel fazer. Reggio, Catanea e Messina, esta principalmente, ficaram reduzidas a ruinas, quasi inteiramente despovoadas.

Foi uma coisa verdadeiramente pavorosa, que confrange o animo de um feito doloroso.



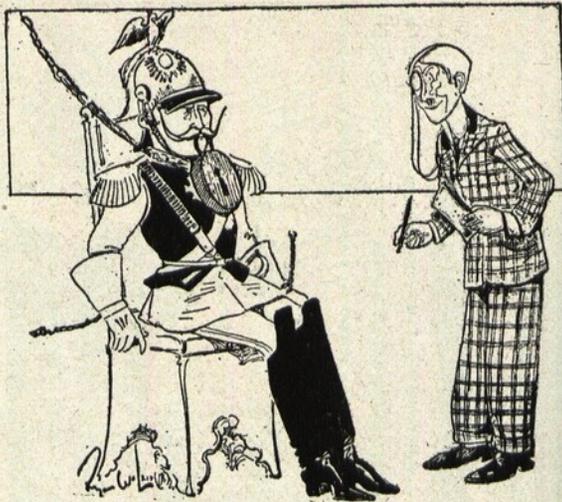
(L. Rire)

(Paris)

GUILHERME — *Palavra de honra, ninguém mais terá medo de mim!*

ALLEMANHA — *Terei eu!*

(Allusão cruel ao abuso de loquacidade do imperador da Allemanha.)



(Ryan Walker)

(Londres)

COMO O KAISER RECEBERA'
O PRIMEIRO JORNALISTA QUE O ENTREVISTAR

(Allude á celebre entrevista publicada pelo jornal londrino *Daily Telegraph*, e que desprestigiou quasi completamente o imperador Guilherme da Allemanha.)

O terremoto teve uma larga extensão e foi de uma tal intensidade, que em alguns pontos quasi pôde dizer-se não ter ficado um unico edificio de pé. Além d'isso, o mar, por sua vez, invadiu a terra depois de ter engulido centos de barcos de pesca e feito ir a pique diversos navios. E por ultimo, para coroar o espectáculo tragico, um incendio monstruoso appareceu a illuminar as horriveis ruinas.

Assim, as grandes cidades de Messina e de Reggio ficaram quasi totalmente destruidas; a de Maragra, com dez mil habitantes, foi reduzida a escombros; em Catanea e em Palmi houve enormissimos prejuizos e mortes, em Conitello não escapou uma casa, nem escapou uma pessoa. E por entre os escombros fumegantes, onde se accumulavam ainda centenaes de moribundos e de feridos, bandos de malfeitores, que os soldados tiveram de dispersar a tiro, praticaram durante horas, as mais repugnantes scenas de pilhagem e saque.

Nem o proprio terremoto de S. Francisco da California offerece paridade com tão espantosa catastrophe.

A região tem sido, de resto, já por varias vezes experimentada por frequentes convulsões do seu terreno vulcanico, visinho do Etna. Messina, por exemplo, já fôra destruida em grande parte por um outro tremor de terra, em 1783, e soffrera igualmente uma outra do mar em 1823. Reggio fôra igualmente destruida pelo mesmo terremoto de 1783 e depois por um segundo em 1841. A catastrophe actual, porém, excede em pavoroso horror, nos estragos e mortandade todas as antecedentes, e é com uma natural commoção que se lêem as tristes noticias e pormenores d'ella.

Revista estrangeira

Na Venezuela. — Caracas, capital da Venezuela, está a cêrca de mil metros acima do mar, abrange



O EX-PRESIDENTE CASTRO, DICTADOR DE VENEZUELA

uma area de quarenta e cinco milhas quadradas e conta uma população de cem mil habitantes. Partem d'ali quatro linhas ferreas em diversas direcções.



VISTA GERAL DE CARACAS

Vê-se ao fundo o palacio do presidente Castro com a bandeira nacional a fluctuar



O PRINCIPE ALEXANDRE HERDEIRO PRESUMPTIVO DA SERVIA

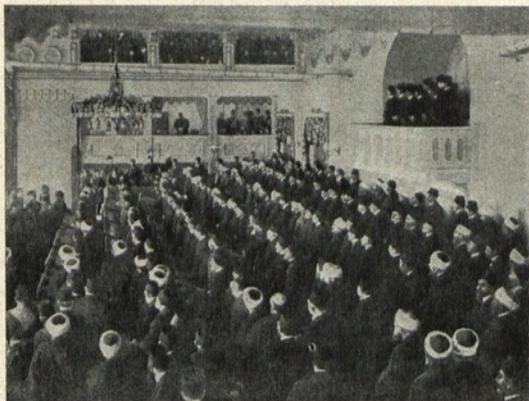
O príncipe Alexandre da Servia. — Os seus discursos e brindes bellicosos, tornaram-n'o alvo de varias reprimendas do seu governo e dos governos estrangeiros. A parte superior da gravura representa a *Liga da Morte*, os servios, homens e mulheres, exercitando-se no manejo das armas.



O «PEQUENO TZAR» DA BULGARIA, FERNANDO I EM EVIDENCIA

Na Bulgaria. — A nossa gravura representa algumas mulheres bulgaras, beijando a mão do rei, quando este sae de uma igreja em Sofia, capital da Bulgaria.

Em Constantinopla. — Olhando para a nossa gravura, ao fundo, na tribuna do meio, só, o sultão; na tribuna da direita: os principes imperiaes;



UM ACONTECIMENTO HISTORICO EM CONSTANTINOPOLIA — SESSÃO DE ABERTURA NA CAMARA DOS DEPUTADOS, A 17 DE DEZEMBRO DE 1908.

(A sala é vista da tribuna dos embaixadores, durante a leitura do discurso da corôa.)

em cima: os genros e cunhados do sultão. A' esquerda, no angulo: os ministros, os patriarchas, etc. Na tribuna, á direita: os stenographos.



UM COMICIO NO ALBERT HALL

O suffragio feminino em Inglaterra. — Ha tempos o Chanceller do Exchequer presidiu a um comicio no Albert Hall, em Londres, reunido sob os

auspicios da *Federação Liberal das mulheres*. Apesar de Mr. Lloyd George apresentar uma moção a favor dos votos das mulheres, foi continuamente interrompido pelas damas mais exaltadas. Miss Ogston, armada com um chicote, e que estava n'um camarote, principiou a esgrimir com a sua arma apenas o Chanceller começou o seu d'scurso. Interrompeu-o e dirigia-se para o ministro, para o aggre-dir, quando a separaram e levaram para fóra do edificio.

Na Servia. — Na época do Natal, celebra-se uma grande feira de porcos, proximo do palacio do Parlamento em Belgrado. O porco assado é para os ser-



UM INCIDENTE DO NATAL NA SERVIA
Porcos e politicos

Deputados servios comprando porcos para o jantar do Natal

vios o mesmo que o peru é para nós. E por esse tempo, effectuam-se magnificas transacções. A scena representada é característica.

Alguns deputados vestindo o traje nacional, conduzem porcos, cada um a seu modo. Não fazem a minima cerimonia, nem se importam que os photographos os apanhem no goso flagrante de uma vida patriarchal.

Depois de bem cumprirem os seus deveres politicos entregam-se de corpo e alma ás obrigações de familia. Quer dizer, depois de um discurso cheio de patriotismo, uma costelleta bem saborosa não faz mal a ninguem.

Resenha Mundial

Senhoras em evidencia

D. Virginia dos Santos Avellar. — Esta senhora, irmã da distinctissima pintora D. Emilia dos Santos Braga, é, como ella, uma artista illustre



que honra sobremodo a arte portugueza. As suas telas tem merecido justos encomios dos entendidos, e um seu retrato, primorosamente pintado por sua

irmã, demonstra mais uma vez que ha familias com as quaes Deus se não mostrou avaro nem em dons nem em belleza.

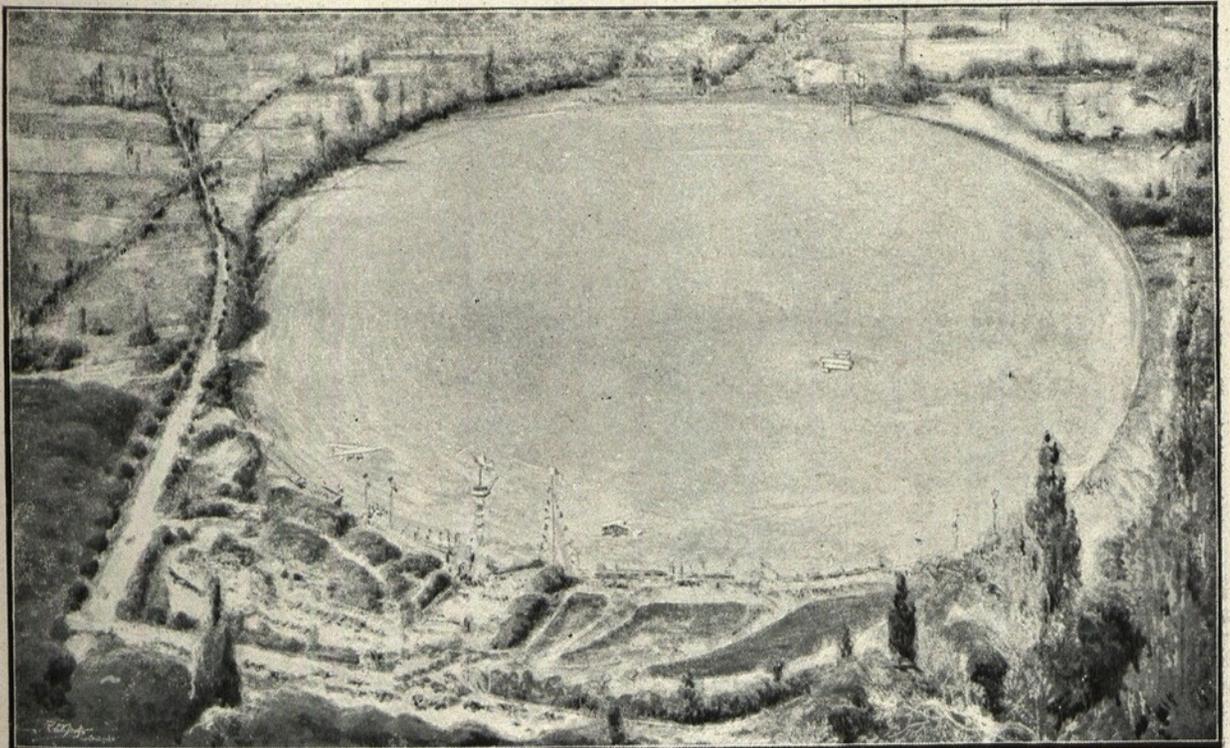
Observações curiosas

A nocividade do tabaco. — Além dos effeitos bem conhecidos de todos, verificou-se pelas observações feitas nas fabricas de tabaco, onde se empregam muitas mulheres, que uma grande parte d'estas tinham os partos antes de tempo e as outras viam morrer os filhos na infancia. Attribuidos estes factos á intoxicação pelo tabaco, concluiu-se que o habito de fumar deve ser formalmente prohibido ás mulheres casadas.

Aviação

Aérodromo «Port-Aviation». — Quasi ás portas de Paris, no meio da planicie que se estende até Juvisy e Savigny-sur-Orge, a Sociedade promotora de aviação, estabeleceu um aérodromo — o primeiro do mundo — inaugurado ha pouco.

Este campo de vôo, baptisado com o nome de «Port-Aviation» é um pouco mais vasto que o hippodromo de Long Champ. A pista é de fórma elliptica, em um desenvolvimento de três kilometros. As tribunas podem conter sete mil pessoas.



O PRIMEIRO AERODROMO: «PORT-AVIATION» A VINTE KILOMETROS DE PARIS

A poesia popular

O cantor de Setubal. — Conta 88 annos o popular poeta Antonio Maria Euzebio, vulgarmente conhecido por *Calafate*. Espirito arguto, de phrase viva, imaginação ardente e phantasiosa, cheio de philosophia optimista, ou antes benevola, que uma larga e dura experiencia da vida lhe fez adquirir, é um curioso e notavel exemplo do muito que vale o talento, mesmo inculto, quando é pujante. Ninguem, ao ouvir os versos encantadores que lhe sahem dos labios, dirá que são feitos por um analfabeto, que diz muito natural e simplesmente quando lhe falam

do seu mérito: *Eu não sabia que tinha tanto valor; os senhores é que o dizem...*

O general sr. Henrique das Neves, desvelado protector do pobre e octagenario poeta, tomou a iniciativa de colligir e fazer publicar as



composições poeticas do philosophico e sentimental cantor das margens do Sado, no philanthropico pensamento de lhe suavisar os ultimos dias da vida.

E' uma caridade que trará larga compensação a todos que prezam a poesia.

De ha muito conhecemos e apreciamos o notavel engenho do singular velho e aqui damos uma amostra do seu valor, que causará nos leitores dos *Serões*, como a nós nos causou, a mais sincera impressão admirativa.

Ultima glosa d'um conhecido mote intitulado *No cemiterio*:

*Alli estive analysando
Muitos nomes conhecidos,
Alguns d'elles já sumidos,
Que o tempo os vae apagando.
Quando sahi vim chorando
Cheio de magoa e quebranto,
Mas inda li n'um recanto,
N'uma cruz negra que havia,
Um letreiro que dizia:
De que serve á morte o pranto?*

Nova applicação do vidro

Postos telegraphicos de vidro. — Uma companhia allemã trata actualmente de substituir os postes de madeira, sujeitos ás influencias atmosphericas e aos ataques dos insectos, por postes de vidro consolidados por meio de grossos fios metallicos entrelaçados na propria massa.

Crê-se que, além da sua maior resistencia, estes postes ficarão mais baratos que os de madeira.

Modas

Noticias frescas de Paris, trazidas por pessoa amiga e provadas com grande copia de deliciosas e opulentas toilettes, confirmam-nos que é o genero *Directorio* o que mais tem agradado, que as elegantes adoptam, e o que terá mais longa vida entre as varias e ephemeris manias que se designam pelo nome generico de modas.

A *Maison Bouée*, disse-me a minha gentil informadora, tem este anno levado a palma a todas as outras, pela elegancia e distincção das toilettes e pe-



AS MODAS EM PARIS — VESTIDOS A' DIRECTORIO E OUTROS

las novidades deveras originaes que tem posto em voga.

E' possivel que obtenhamos, expressamente tiradas para os *Serões*, photographias d'alguns dos mais perfectos modelos, que encantarão as nossas leitoras pela elegancia e correção das linhas. São verdadeiras obras de arte e como taes devem ser consideradas. Madame Boueé, sente tanto a responsabilidade do seu trabalho, que não toma conta de nenhuma encomenda quando não seja precedida da d'um espartilho fabricado nas suas famosas officinas.

No traje de baile, de que damos o modelo, o vestido é de seda brilhante e molle, de côr cinzenta

As sahidas de theatro, são tambem muito commo- das e d'uma grande elegancia na sua singeleza de linhas.

Sport automobilista

A vista dos chauffeurs. — Interessantes observa- ções foram feitas em França ácerca da acuidade visual dos *chauffeurs* de automoveis, ás deficiencias da qual se attribuem a maioria dos desastres que estes vehiculos occasionam. Chegou-se ao resultado geral de que em 100 *chauffeurs*, ha pelo menos 80 cuja vista é má.

Pela sua importancia é este um assumpto digno de



AS MODAS EM BERLIM — PROVANDO UM VESTIDO DE BAILE N'UM DOS AFAMADOS ATELIERS

muito clara, coberto de renda do mesmo tom, palhe- tada a ouro, e a fita do cinto dourada.

Para os trajos de passeio as côres mais elegantes são, além da preta, flôr de alecrim, cinzento, café com leite, e como já disse no artigo antecedente, todas as mal definidas.

Os chapéus são verdadeiras maravilhas, sobre- sahiado com vantagens entre os outros, o genero Rembrant.

Os regalos usam-se enormes, e as pelissas longas.

Algum dos trajos de passeio, como se pôde vêr na gravura, são muitissimo praticos e do melhor bom gosto. As jaquetas de pelles continuam a usar-se.

ser considerado pelos governos de todos os paizes, que, no interesse publico, só deviam permittir a concessão de licenças para guiar automoveis a indivi- duos previamente examinados n'um instituto de ophtalmologia.

Honra ao talento

Ordem de S. Thiago. — Senhoras portuguezas condecoradas com a *antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, de merito scientifico, litterario e artistico:*

Duqueza de Palmella, pelo seu merito artistico.



DUQUEZA DE PALMELLA
C. MICHAELLIS DE VASCONCELLOS]

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
ACTRIZ VIRGINIA

Aos títulos de nobreza, herdados de seus maiores, aos que os seus actos de altruismo e benemerencia lhe teem conquistado, juntou esta gentilissima senhora novo titulo, devido unicamente ao seu trabalho. Tendo-se dedicado á esculptura, revelou-se n'ella uma artista notabilissima, tendo a satisfação de vêr as suas obras apreciadas, tanto em Portugal como no estrangeiro, com o louvor de que são dignas.

Maria Amalia Vaz de Carvalho, pelo seu alto merito litterario, exuberantemente comprovado em annos de arduos e aturados trabalhos, e em obras que despertam vivissima admiração pelas variadas fórmias que reveste o seu formosissimo talento. Neta do grande poeta Sá de Miranda, é n'ella a poesia dom tão natural que sem o menor esforço conquistou o primeiro logar entre as poetisas e escriptoras portuguezas.

Carolina Michaellis de Vasconcellos, pelo seu merito

scientifico, evidenciado em trabalhos de grande importancia para a historia da lingua e da litteratura portugueza e notaveis não só pelo seu alto criterio como pela paciente investigação e consciencioso cuidado com que são feitos. Doutorada pela Universidade de Friburgo, esta senhora que possui uma erudição vastissima, é justamente considerada como uma auctoridade em filologia.

Actriz Virginia, pelo seu merito artistico. No theatro portuguez, onde no entanto teem brilhado artistas de primeira grandeza, Virginia destacou-se pela comprehensão dos personagens que tinha de apresentar em scena, e pelo cunho de realidade e vida que lhes sabia imprimir e que arrebatava as plateias mais exigentes. Tragica eminente, conta os seus triumphos pelo numero de papeis que creou.

Ninguém poderá evocar o *Frei Luiz de Souza* sem que lhe acuda á lembrança a maneira genial porque Virginia desempenhava o papel de Magdalena de Vilhena.

Descoberta científica

Novo anestesico dentario. — Chama-se *novocaina* o anestesico recentemente experimentado n'um hospital de Londres, e que sobre a cocaina, da qual possui o mesmo poder analgesico, apresenta as vantagens da mesma toxicidade, acção mais prolongada e preço pouco elevado. Pelo successo das experiencias prevê-se o emprego da *novocaina* em outras operações além das dentarias.

A festa das creanças

Festa da arvore. — No dia 22 de dezembro realizou-se na Avenida Casal Ribeiro a festa da arvore, que d'anno para anno vae revestindo maior



A' ESPERA DO DESFILE

imponencia, embora não conseguisse ainda interessar n'ella o povo, apesar dos esforços que a Liga d'Instrução, sua promotora, para isso tem empregado.



MÃOS A' OBRA

Era interessantissimo de vêr a alegria e vontade com que os pequenitos se lançavam ao trabalho, para que limitadamente concorriam, e o ar, leve-



ESCAVANDO A TERRA

mente vaidoso, com que admiravam a sua tarefa assim que a concluiam.

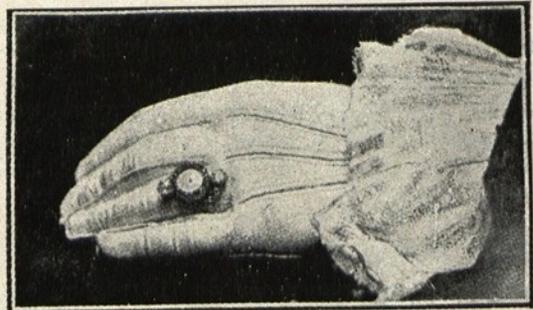
Durante a festa algumas bandas de musica executaram varios numeros e o orpheon da Escola Maria Pia, sob a regencia do sr. Ferreira da Silva, executou além do *hymno das Escolas*, a *Barca bella* e a *Partida das Andorinhas*.

Terminada a cerimonia, as creanças desfilaram ao som do Hymno da Sementeira.

Não só em Lisboa mas em outros pontos do paiz se realizou esta festa o que prova que dentro em pouco entrará definitivamente nos nossos costumes como outras festas que trazidas de longe entram hoje não só nos usos como tambem nos gostos.

Progresso em relojoaria

Extravagancias da moda. — As grandes elegantes no estrangeiro usam agora por cima da luva um grande anel com um relógio minuscuro que lhes não deixa perder a noção do tempo. E' muito natu-



UMA NOVA INVENÇÃO

Um relógio no anel. Por ora, custa 360\$000 réis

ral que esta moda se vulgarise rapidamente, como aconteceu em tempo á dos relógios nas pulseiras, e brevemente a vejamos ostentar em Lisboa.

Ha quem affirme que nem assim as Lisboaetas aprenderão a ser pontuaes.

Não será exagêro?

Livros

Trabalho bendito, por *D. Virginia de Castro e Almeida*. — E' um optimo romance em que se glorifica a energia da acção. Cheio de idéas nobres e elevadas, demonstrador de grandes verdades economicas, de pensamentos philanthropicos e altruistas,



é uma obra moralisadora, ternamente aquecida aos sentimentos d'um coração de mulher de faculdades elevadas e com doce philosophia. No estado da maioria dos espiritos a leitura de tal livro é reconfortante.

As ruínas do Carmo, por *Manoel José da Cunha Brandão*. — Interessantissimo opusculo descrevendo o que foi desde a sua fundação, e é actualmente, o Convento dos Carmelitas. Muito boa leitura para todo aquelle que olha o passado com saudade, e uma pedra musgosa faz pensar.

Cartas politicas, por *João Chagas*. — Opusculo semanal de 16 paginas que o notavel escriptor e propagandista republicano tem publicado, vem mais uma vez afirmar a sua incomparavel competencia na argumentação, causando a uns pezar de o terem por adversario, a outros prazer de o contarem entre os seus partidarios.

Trepadeiras, por *João Saldanha de Oliveira e Sousa*. — E' um volumezinho de 118 paginas com versos bellos e esmerados, nos quaes o escriptor se mostra poeta distincto e escriptor impecavel.

Não sabemos se é estreia, mas pelo seu primor não o parece. Citaremos como dos mais bellos a *Lição do mar*.

Esboço monographico da amendoeira—I. NOTICIA HISTORICA, por *J. V. Gonçalves de Sousa e Manoel de Sousa da Camara*. — Magnifico o trabalho d'estes dois distinctos agronomos e que interessa não só aos da profissão como a todos os intellectuaes.

Além da origem e etimologia d'esta arvore traz a noticia dos varios pontos em que tem vegetado e fructificado e o papel que tem desempenhado na mythologia e na litteratura e o estudo dos nomes por que tem sido conhecida em varios paizes e os proverbios em que é citada.

Poesia humana, por *Xavier Carvalho*. — Primorosa edição da casa Louis-Michaud. São versos escriptos ao longo do caminho da vida, *trechos da mocidade extinta*, como poeticamente lhes chama o auctor, e sobre os quaes diz possuir encomiasticas cartas de Camillo, João de Deus, Anthero, Eça, Verlaine, Mallimé Huysmam, Coppéc e outros muitos.

Com votos de taes juizes, dispensa outros.

Uma linda quadra:

*Tristissimas ruínas do passado
Eu vos saúdo, radosamente,
Sois como um velho templo abandonado
E todo cheio d'um luar dormente.*

Lufadas, por *Alberto Spinola*. — E' uma estreia poetica cheia de promessas e que merece parabens, pois revela no seu auctor um pujante talento.

Outros tempos, por *Julio Dantas*. — O laureado auctor de *O que morreu de amôr* e d'outras tantas joias litterarias de reconhecido merito, acaba de colligir em volume, interessantes e eruditos artigos, dispersos por varias revistas e publicações. Muitos d'elles, segundo as proprias palavras do auctor, foram elaborados sobre o largo material de documentação recolhido para a obra que se intitulará *Hereditariedade e degenerescencia nas Raças Reaes Portuguezas*; alguns suscitaram-lhe reparos do grande poeta Bulhão Pato e do brilhante jornalista Barbosa Colen.



Outros tempos, apesar de publicados ha cinco ou seis annos,

estão na memoria de todos; quem leu *A elegancia romantica em Portugal*, *Uma freira de Lorvão*, *O libello do Cardeal Diabo*, tem-n'os frescos na memoria, porque a sua leitura suggestiva é d'aquellas que não se esquece facilmente.

Julio Dantas tem, como poucos, o dom de evocar o passado, dando-nos o delicado prazer de o vivermos por istantes e de o deixarmos saudosos.

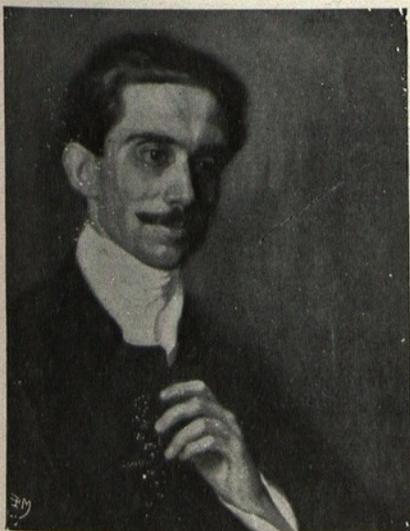
Magnifica a edição.

Como se conquistam mulheres, por *Maurice Magre*, traducção de Bernardo de Alcobaça. — Este livro tem por sub-titulo *conselhos a um rapaz*. Certamente o auctor não tinha filhos nem ninguem que lhe merecesse interesse, porque os seus conselhos não são de amigo.

O Rei, por *Campos Lima*. — São lindos os versos d'este poemeto o qual pela sua harmonia deve encantar todos os ouvidos, visto que pelas suas idéas não agrada a todos os espiritos.

Elogio dos sentidos, por *Antonio Correia de Oliveira*. — E' este sem duvida o melhor trabalho do notavel poeta cujas obras tão discutidas tem sido pelo muito que merecem e pelas idéas que suscitam. Tinha o auctor contra si a maioria das opiniões desde que se deixára apaixonar exclusivamente pelo forçado panteismo da escola moderna. Quem primeiro o lêra e notára a pujança das suas faculdades, o fertil colorido com que em phrase castiça exprimia as sensações mais vivas, e os mais fortes sentimentos, ficava um pouco desapontado pegando nos

seus livros, vendo que a furia mystica d'um elevado panteismo a pagára por assim dizer a personalidade do auctor entre bellas e altas idéas lindamente expressas, mas em que havia um pro-



posito de se recatar aos olhos dos leitores, proposito que não agradava.

No *Elogio dos sentidos* não é assim. O auctor é bem elle e o seu doce panteismo, temperado pelo cunho original da sua elevada personalidade, impõe-se á admiração geral.

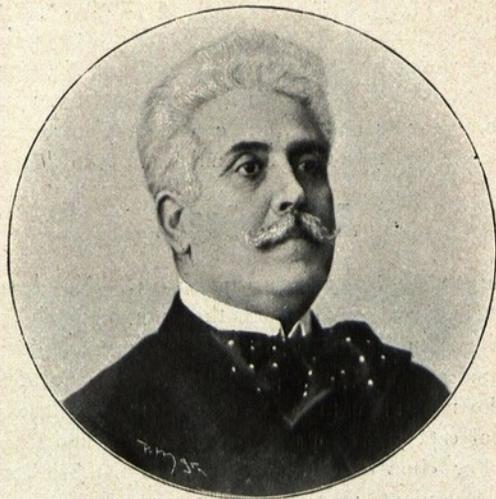
Uma amostra:

*A vida é Sêde; os Sentidos
São agua do mar: Cautela!
Só depois de erguida em Nuvem
É bom e doce bebê-la...*

A edição é esmeradissima, immensamente elegante e cuidada, como todas as que sahem da casa Magalhães e Moniz, editores do Porto.

SERÕES N.º 41

Musa alemtejana, pelo *Conde de Monsaraz*. — Não se pôde negar que é bella esta musa que tem a par de *Canções de rosas*, *A extrema unção* e do *Inverno* a *Primavera*, bella como o matiz dos campos, alegre e varia como um par de borboletas.



A sua leitura é suave e agradável e as suas descrições cheias de côr e luz. E se não veja-se:

*No monte, o lavrador, cansado da labuta
Do dia que passou, monotono, uniforme,
São oito horas, ceou, recolheu-se e já dorme.
Feliz por ver medrar as terras que disfructa.*

*A lavradora não; activa e resoluta
Moireja até mais tarde e descança conforme
A faina lh'o consente e a barafunda enorme
De homens e de animaes que em derredor se escuta.*

*Mas a filha que tem vinte annos e que sente.
Nas solidões da herdade a alma descontente
E o sangue a refferver n'um sonho tresloucado.*

*Encosta-se á janella; ouvem-se as rãs e os grillos;
E os olhos de azeviche, ardentes e tranquillos,
Ficam-se horas a olhar as sombras do montado...*

A edição muito luxuosa e nitida é da *Classica Editora*.

O Brazil, suas riquezas naturaes e industriaes — Vol. II. *Industria agricola de 1908*. — E' livro util para quem pretenda conhecer a fundo as principaes culturas do solo brasileiro, entre as quaes avultam a do cafeeiro, da canna sacharina, do algodoeiro e do tabaco, além de tambem fornecer importantes elementos de estudo sobre a agricultura, sericultura e industrias pastoris.

Revista mental portugueza, pelo *Visconde de Villa Moura*. — Muito notavel n'esta obra o estudo sobre Camillo, de quem ha pouco tambem o apreciado escriptor Paulo Osorio publicou uma magnifica monographia.

FL. 6

Visitantes brasileiros

Olavo Bilac, Paulo Barreto e Baptista Coelho. — Estiveram entre nós em curta visita Olavo Bilac, o primoroso e festejado poeta, tão querido dos portuguezes que se habituaram a olhal-o como seu; Paulo Barreto, jornalista exímio, que sob o pseudonymo de João do Rio firma interessantissimas chronicas na *Noticia* e na *Gazeta de Noticias*; e Baptista Coelho, que, além de jornalista, é um apreciado auctor dramático, que conta entre outras peças o *Maxixe* que teve um exito unico em todo o Brazil.

Archeologia

Busto de imperador romano. — No decurso de umas excavações no velho theatro romano de Vienne (departamento do Sière, França), alguns operarios exhumaram um busto de imperador romano, de tamanho natural, com a fronte cingida de uma corôa, á qual está presa uma fiada dupla de grandes perolas. Por cima da couraça, pende do hombro direito um largo manto marcial, preso por um fecho de ouro. Este traje era reservado para os generaes, e, durante o Imperio, para os imperadores. Pela expressão do rosto e, sobretudo, pelo ornato da cabeça, suppõe-se que o busto é do imperador Nero.

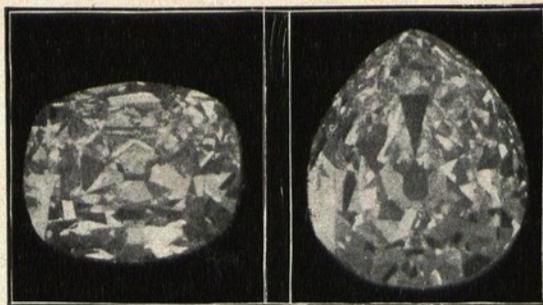
Os diamantes

O mais volumoso diamante do mundo. — O diamante monstro, encontrado a pequena profundidade na mina do Transvaal, denominada do *Prenier*, na manhã de 25 de janeiro de 1905, foi offerecido, por proposta do presidente do conselho de ministros da Colonia, general Luiz Botha, ao rei Eduardo VII. de Inglaterra. O *Cullinan* foi trazido para a Europa com grandes precauções. Lapidado em Amsterdam, trabalho que levou nove mezes, produziu essas duas pedras, as maiores que actual-



O DIAMANTE CULLINAN NA SUA FORMA ORIGINAL

Pesava então 3:025 quilates, com cinco pollegadas de comprimento, duas e meia de altura e oito a onze de espessura.



O DIAMANTE COMO AGORA É, DIVIDIDO EM DOIS LAPIDADO EM AMSTERDAM

*Brilhante ovalado
de 576 1/2 quilates*

*Brilhante quadrado
de 309 1/16 quilates*

mente existem. Ao principiar a lapidação, a grande pedra separou-se em duas e ainda estas se fragmentaram, produzindo ao todo quatorze joias de varios tamanhos.

Theatros

S. Carlos. — No mez de dezembro realisaram-se n'este theatro as ultimas recitas da companhia franceza e a estreia da companhia italiana.

A *Mignon* e o *Caminheiro*, ultimas operas cantadas pela primeira, foram francamente applaudidas, agradando sobremodo o *Caminheiro*, dirigida pelo proprio auctor, o notavel maestro Leroux. Jean Bourbon teve n'ella um soberbo trabalho, a que soube dar o maior realce.

Em vista do exito obtido por esta opera, resolveu a empresa inaugurar com ella as recitas populares. O magnifico theatro teve uma enchente á *cunha* e a recita decorreu no meio do maior enthusiasmo.

A estreia da companhia italiana foi com a *Aida*, seguindo-se-lhe no cartaz o *Trovador*. O desempenho d'estas operas do repertorio antigo não conseguiu agradar completamente, devido a alguns artistas não reunirem em si as qualidades de bons cantores e bons actores.

D. Maria. — *Beijos por lagrimas* é o que, no largo espaço que vai d'um numero dos *Serões* a outro, se tem constantemente representado no palco do Normal: crêmos que não ha melhor elogio para a peça e seus interpretes.

O sr. Faustino da Fonseca conseguiu empolgar a plateia com os tres primordiaes vultos da sua peça e tão bem, tão cabalmente o fez que crêmos que ella viverá e reviverá muito frequentemente n'aquelle theatro.

D. Amelia. — Não foi sem fundamento que Adolpho Brisson escreveu no *Temps* a proposito da peça de Caillavet, Flers e Aréne, posta ha pouco em scena no D. Amelia sob o titulo de *Rei da Gafanha*: «Nous venons d'écouter la satire la plus impertinente, la plus gaiment corrosive qui ait été dirigée

contre nos mœurs...» Quem a vir representar concordará.

De facto a satyra é das melhores, e estamos certos que a mais d'uns labios trará riso amarello. Não poupa ninguém e, como diz ainda o mesmo notavel critico, depois de ter rido, sorriso e pensado no desenlace da peça, sai-se de lá *penetrado d'uma* especie de melancolia. E' natural. As fraquezas humanas, quando bem evidenciadas, após o riso despertam sempre um mixto de piedade e tristeza.

Augusto Rosa, n) papel do protagonista, Chaby no do marquez de Chamaraude, e José Ricardo n) de Bonel, foram, como sempre, inexcediveis de talento e de arte. Angela Pint) com a graça desenvol-

arte theatral. Virginia, a incomparavel e dôce figura de mulher, tão notavelmente artista que, retirada ha muito da scena, continúa por assim dizer a ser vista n'ella, tanto a sua maneira lembra a cada peça em que ha um papel dos que côstumava desempenhar, abrilhantou com a sua presença a despedida do seu velho amigo. assim como Brazão e Ferreira da Silva. O actor Queiroz no final do terceiro acto cantou um duetto com Palmira Bastos que foi delirantemente applaudido.

Gymnasio. — Durante o mez de dezembro deu-nos as seguintes peças novas: *Concerto na trapeira*, gracioso *levantar de panno* de Julio de Menezes,



THEATRO DO PRINCIPE REAL — UMA SCENA DO «FREI LUIZ DE SOUZA»

ta que a caracteriza não podia encontrar papel mais adequado a faze-la brilhar do que o de Martha Bourdier.

Trindade. — Muito harmoniso o desempenho da *Carmen*, em portuguez, que, sob a regencia do maestro Luiz Filgueiras, se cantou em dezembro pela primeira vez n'este theatro.

Delfina Victor teve decerto n'essa noite um dos maiores e mais notaveis successos da sua vida artistica, e Isabel Fragoso e Mauricio Bensaude deram todo o relevo possível aos seus papeis. O encantador *spartito* de Bizet não perde em ser ouvido em portuguez.

Na despedida do velho actor Queiroz, que por falta de vista se retira da scena de que foi um dos mais brilhantes ornamentos, houve tudo que pode tornar uma noite memoravel para quantos prezam a

cheio de trocadilhos a qui-pro-quós engraçados; *Quarta-feira de Cinza*, interessante comedia allemã traduzida pelo illustre escriptor Freitas Branco: e *O olho da Providencia*, comedia que pelo agrado com que foi recebida deve figurar longo tempo no cartaz.

Na Avenida. — *A bota do diabo*, original do Dr. Avelino de Andrade, musica da maestrina brazileira Francisca Gonzaga, é um mixto de operetta, magica e farça, realmente interessante, que com agrado tem sido ouvidadu rante noites successivas. A musica é linda e veiu, se é possível, augmentar os creditos da já notavel compositora.

Principe Real. — A peça de Decourcelle, traduzida por João Soller, a *Morta Viva*, teve no elegante theatro da rua da Palma o mesmo notavel successo que em Paris no Ambigu.

Todos os actores se desempenharam admiravelmente dos seus papeis, avantajando-se a todos Maria Falcão, que foi inexcedível de realidade no seu duplo papel e que na scena da morte de Lina foi verdadeiramente superior.

A estreia de Brazão e Ferreira da Silva com o celebre drama de Garrett, *Frei Luiz de Souza*, teve o successo que era de esperar com tal auctor e actores.

A primeira do *Ultimo Adeus* foi tambem recebida com geral agrado.

Colyseu dos Recreios. — Tem apresentado aos frequentadores novos e magnificos trabalhos.

Além da *troupe arabe*, notavel em saltos, estreiarão-se os Dorans, os cinco Olympiers e os gymnastas aereos *Les Albiels*,

Mas a estreia que mais apreciada tem sido foi a do homem miniatura, *Leman Ling Upoo*, que, de proporções minusculas mas bem conformado, executa primorosamente varios exercicios gymnasticos.

As ultimas novidades são Zertho, o admiravel *clown-dresseur* com os seus intelligentes cães, e os *Gabaner* que se estreiarão, com vivo interesse do publico, nos cantos e danças do Tyrol.

Receitas

Os pentes de tartaruga que tenham perdido o lustre, podem polir-se com uma pasta de pó de pedra pomos e azeite, o que se esfrega com uma luva velha de *peau de suède*. Caso o polimento se estrague mergulha-se depressa em agua quente, para a pasta cair logo. Deve repetir-se o processo, até o polimento ficar bem brilhante.

Limpam-se os moveis polidos, passando primeiro com vinagre morno, e uma pouca de agua. Depois puxa-se o polimento com o cream habitual e uma escova de carmuça. As nodoas ou manchas tiram-se perfeitamente com oleo de linhaça. Um outro sys-

tema é lavar a mobilia com agua e sabão e em seguida applicar com um panno, o vinagre e azeite de parafina misturado esfregando-se com bastante força.

Para limpar tapetes deita-se uma porção de fel de vacca, em agua fria. Esfrega-se o tapete, com uma escova molle, molhada n'esta agua. Depois passa-se com agua limpa, e secca-se com um panno.

O sal ordinario tira perfeitamente as nodoas de fuligem dos tapetes ou pannos de meza. Deve, contudo, ser espalhado na nodoa no primeiro momento, deixando-se ali ficar durante algum tempo. Em seguida sacode-se levemente com um espanador, e depois escova-se com uma escova secca e limpa, sacudindo-se depois.

Os bronzes antigos — vasos, estatuetas, placas, etc. — devem ser lavados periodicamente, para se conservarem os objectos sem grande accumulção de poeira nos intervallos dos ornatos.

Deita-se n'uma bacia agua a ferver, e ali se mettem os objectos um por um. O bronze deve ser depois esfregado com um bocado de flanela grossa, enrolada n'uma escova forte. Um pano de pó macio é o que se usa para seccar os artigos, aos quaes se dá brilho com uma escova de camurça.

Vida na sciencia

Segurança nas minas. — Mr. J. Thovet comunica com a Academia das Sciencias de Paris os resultados de experiencias feitas para determinar a possibilidade de reduzir o calor desenvolvido pelos nitro-explosivos a ponto de evitar a combustão do monoxydo de carbonio que abunda no ar em muitas minas. Descobriu-se que a addição de saes alcalinos tinha este vantajoso effeito. A detonação dos explosivos assim tratados não era acompanhada por inflamação dos gazes atmosfericos ambientes.

**FARINHA
LACTEA**

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Preço 400 Réis.



AUGUSTO MACHADO

MUSICA

DOS

SERÕES



Longe, bem longe...

(MORGADINHA DE VALFLOR)

— Versos de —

Pinheiro Chagas

— Musica de —

Augusto Machado

Longe, bem longe, na amplidão celeste,
a estrella brilha, com o brilhar seduz;
e o pastor geme, sobre o monte agreste,
cravando os olhos na adorada luz!

No sêro altivo ergue-se a flôr vermelha,
exhala aroma que não tem rival;
co'a debil aza namorada abelha
debalde aneia por se erguer do val.

Tu és a rosa que fragancia expira,
eu sou a abelha que no val morreu;
sou o pastor que ao ideal aspira,
tu és a estrella que illumina o céu!

Estrella, segue a radiosa estrada!
Rescende aromas, orgulhosa flor!
E oh! nunca sonhes que assim foste amada,
oh! nunca saibas que morri de amor!

Longe, bem longe...

Musica de AUGUSTO MACHADO

Andante mésto ♩ = 60

CANTO

PIANO

Longe bem longe

P

Detailed description: This system shows the beginning of the piece. The vocal line (CANTO) starts with a whole rest followed by the lyrics 'Longe bem longe'. The piano accompaniment (PIANO) begins with a piano (*P*) dynamic, featuring a 7-measure rest in the right hand and a steady eighth-note accompaniment in the left hand.

na am-pli-dão ce-les-te a es-tru-lar bri-lha como o-tha ou-diz

Detailed description: The vocal line continues with the lyrics 'na am-pli-dão ce-les-te a es-tru-lar bri-lha como o-tha ou-diz'. The piano accompaniment continues with a similar eighth-note pattern in the left hand and chords in the right hand.

3 3 3 3

É o pastor que mesobos monte a grege te cravando os thos na a-do-ra-da-luz

mf *poco*

Detailed description: This system includes triplet markings (3) above the vocal line. The lyrics are 'É o pastor que mesobos monte a grege te cravando os thos na a-do-ra-da-luz'. The piano accompaniment features a *mf* dynamic and a *poco* tempo marking.

Foco piu

mf No seio al-tivo es que a flor ou-me-tha É zabalana que não tem ri-val C'oa de bil

P

Detailed description: The tempo changes to *Foco piu*. The vocal line has the lyrics 'No seio al-tivo es que a flor ou-me-tha É zabalana que não tem ri-val C'oa de bil'. The piano accompaniment features a *mf* dynamic and ends with a *P* dynamic marking.

1º Tempo

a-ra na mo-ra da a-be-lha de-bal-de-an-ci-a *ppp* por s'òr-gueu do val

poco sf

Tu-és a ro-sa que fa-grancia capi-ra eu sou a-be-lha que no' val mor-reu

poco cresc.

sou o' par-tor, quasi, de al-as pu-ra, tu és a es-trel-la que llu-mina o ciu!

mf *poco sf*

Poco più

Es-trel-la, segue a ra-di-o-sa es-tra-da! Res-cende a-ro-ma or-gu-lla sa-flor! É oh! nunca

mf

so-nheque assim fo-te a ma-da oh nunca sai-bes que morri da-mor.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — Só se vende em Gottas e em Pilulas

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

Os Agentes em Portugal

REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO : 800 REIS
Franco de porte em todo o Portugal por 2 frascos.

DEPOSITO GERAL: 19, Rua do Arco a Jesus, LISBOA

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

GOTA

NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOCÃO DEQUEANT

**CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo.

L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

A^a VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos **"SERÕES"** por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e esculpulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista **"SERÕES"** por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos **"SERÕES"** é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca).....	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro.....	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

Administração dos **"SERÕES"**

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27

Passagem do ANNUARIO COMMERCIAL
Telephone 805 - LISBOA

O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO PARA 1909

4.º ANNO

Preço 200 réis

Profusamente illustrado com primorosas similigravuras



O Cunha póde entrar em todas as casas, pois que, a par de uma collaboração rigorosamente escolhida, insere interessantissimos artigos sobre coisas de arte e politica, completamente inéditos.

A destacar alguns artigos relativos a usos e costumes da provincia de Moçambique, especialmente em Lourenço Marques, e os que teem o curioso titulo:

Se a Republica fosse implantada em Portugal

A' VENDA NAS LIVRARIAS

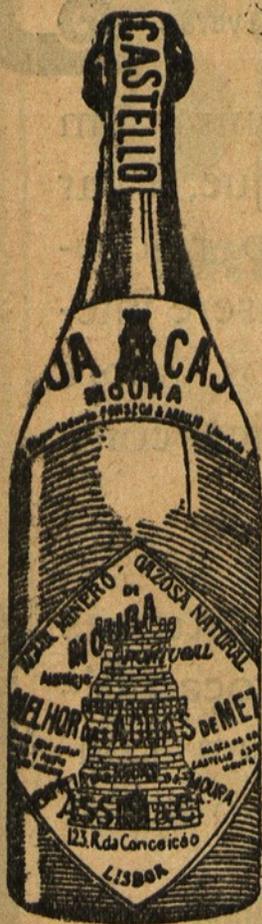
Depositarios em Lisboa — FERREIRA L.^{DA} — 132, Rua do Ouro, 138

Correspondencia ao administrador G. Ferreira, Rua da Victoria, 33-A, 2.º, PORTO

Espediente

Aos srs. assignantes

Tendo sido remettidos á cobrança todos os recibos de assignaturas vencidas, rogamos aos nossos ex.^{mos} assignantes a fineza de os satisfazer logo que lhes sejam apresentados, afim de não soffrem interrupção da remessa dos **SERÕES**.



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

— **MOURA** —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Águas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

Gravuras dos **SERÕES**

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos **SERÕES**, Praça dos Restauradores, 27.